

militia

ANO V

N.º 30

SETEMBRO/OUTUBRO — 1952



SUMÁRIO

NOSSA CAPA — Fachada do Hospital Militar da Fôrça Pública (colaboração do Sgt. J. Ramos)

EDITORIAL — Vida Difícil 5

DIVERSOS

Coisas da Fôrça Pública — cel. Anchieta Torres	6
Raça de sonhadores — Luiz Amador Sanches	11
Higiene mental — Mário Yahn	16
A emoção e as desordens do ap. digestivo — ten. Osvaldo M. Leal ..	24
Retalhos históricos — cap. Flerts Nebó	28
Prendeu 5 homens, com um cachimbo — ten. Monte Serrat F.º	30
História — cap. Felix B. Morgado	34
Saudade — el. Alfredo Feijó	36
Escola de Polícia de São Paulo — ten. cel. Alves Mata	38
Fugas de Presos — ten. Evandro F. Martins	40
Valor Pessoal — cap. Rodolpho Assumpção	44
Sublime exemplo — Medeiros de Azevedo	51
I Congresso Nacional do Cinema — Ortiz Monteiro	52
Reservistas na Fôrça Pública — ten. Diomar M. Torquato	54
O Guarani teórico — cap. Aduino F. Andrade	56
Polícias Miliars do Brasil — da "Folha da Manhã"	58
Anuário Estatístico (resumo) — II E.M. do Q.G. da F.P.	65
Nossos Representantes	124

NOTICIÁRIO

Sede para o Q.G. da F.P. de São Paulo	71
O Saltos na Trevas	74
Escola Oficial de Trânsito — Oficiais examinadores	78
Oficiais e alunos da Escola Naval visitam São Paulo	82
O general Milton de Freitas Almeida visitou o 6.º B.C.	85
O Serviço de Saúde da F.P. — 60.º Aniversário	86
Dia da Pátria	108
Curso de Informações Policiais (encerramento)	113

NOTÍCIAS DAS CO-IRMÃS

Amazonas	118
Distrito Federal	118
Mato Grosso	121
Rio Grande do Sul	121

EDUCAÇÃO FÍSICA E DESPORTOS

Festa eqüestre no Regimento de Cavalaria	122
Mais uma vitória de Luiz Gonzaga	126
Temporada Hípica de Santos	127

RECREAÇÃO

Secção de Édipo	130
-----------------------	-----

Seleto

PRESUNTO COZIDO

TIPO HAMBURGUÊS

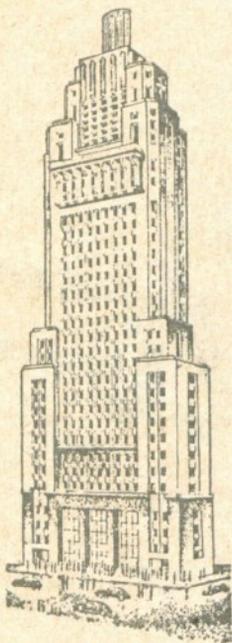
UM PRODUTO
MATARAZZO



E DELICIOSO!

Preparado com uma técnica especial, o Presunto cozido "Seleto", tipo Hamburguês, vem mantendo há anos seu padrão de qualidade perfeita, satisfazendo assim aos mais exigentes paladares!

Banco do Estado de S. Paulo S. A.



oferece aos dignos membros das nossas gloriosas forças policiais e militares brasileiras um

SERVIÇO BANCÁRIO

RÁPIDO

EFICIENTE

SEGURO.

O nosso

DEPARTAMENTO DE DEPÓSITOS,

possuidor de perfeita organização, e dotado das mais modernas máquinas existentes, está habilitado a

RECEBER DEPÓSITOS

ou

PAGAR CHEQUES

dentro de poucos minutos e sem a menor espera !

M A T R I Z :

PRAÇA ANTONIO PRADO N.º 6 — SÃO PAULO

CAIXA POSTAL, 789

Enderêço telegráfico: BANESPA

72 agências no interior do Estado de São Paulo, bem como nas cidades de: Rio de Janeiro (D. F.), Goânia (Goiás), Campo Grande (Mato Grosso) e Uberlândia (Minas Gerais).

Vida difícil

Dia a dia, agrava-se a crise econômica que empolgou o país.

De há muito, vêm-se elaborando relatórios, amparados pelos indefectíveis gráficos estatísticos que, como endosso, almejam, ainda, impor as eruditas conclusões na bolsa da confiança popular.

Nesses trabalhos, os técnicos, após esmiuçantes análises, apontam as soluções salvadoras, embevecidos com a rica terminologia dessa ciência, que lhes empresta uma linguagem tão precisa.

No decorrer do tempo, citavam-se as causas passageiras que, uma vez ultrapassadas, viriam minorar a situação, freando a marcha ascensional do custo de vida.

Escoam-se os anos e, com eles, o estado de guerra, os entraves à importação e exportação, o congelamento de divisas no estrangeiro, este ou aquele controle cambial, a ausência de certos produtos e quejandos motivos que não debilitaram a inflação, hoje mais atuante que nunca.

Entretanto, aqui ou acolá, ergueram-se esparsas e corajosas vozes, condenando a especulação, causa sempre presente em tão angustiante estado de coisas.

Mas os interesses do chamado "mundo econômico" sempre timbraram em ocultar esse fator, sob variados disfarces, quando não em suprimi-lo.

E pelo Brasil afora se desenvolveu, celeremente, a poderosa classe dos especuladores, minando-lhe, com impiedade, o organismo.

A par de escusas e estonteantes fortunas que se fazem do dia para a noite, sangrando-se o povo, vai, o homem honesto, sentindo, cada vez mais, imensa dificuldade em sobreviver.

A Terra de Santa Cruz torna-se, destarte, somente um grande empório, onde pululam negociatas e especulações, facilitadas não raras vezes pela inépcia ou indiferença de homens públicos, quando não pela criminosa convivência.

E já não se transacionam, abertamente, apenas bens materiais, mas consciências que, se no dizer de um escritor têm, pela ação do ouro, seu ponto de fusão, acha-se, agora, tremendamente baixo no mercado nacional.

Nessa conjuntura, é mister convocar-se para ação imediata e desassombrada as reservas morais do país, antes que a espiral da inflação, qual irremediável câncer, paralise os órgãos vitais da economia brasileira, pois o ensandecido lema da atualidade parece ser éste:

"Tudo pela especulação, nada para a produção".

COISAS DA FÔRÇA PÚBLICA

Cel. Anchieta Torres

Ilustração de Felix

— I —

HOSPITAL MILITAR

○ HOSPITAL Militar da Fôrça Pública completou, no mês de setembro, sessenta anos de existência em sua nova fase. Digo em sua nova fase porque a fundação do hospital, embora composto de uma enferma-

E antes? Como eram tratados nossos doentes?

Criado o Corpo de Municipais Permanentes, seu efetivo diminuto não justificava a existência de um hospital próprio. Daí serem os seus doentes recolhidos ao hospital do Corpo Fixo (1.ª linha), onde ficavam em tratamento, sob os cuidados do cirurgião-mor da própria corporação.

Esse sistema prevaleceu até poucos meses antes da data acima mencionada, quando um incidente provocado pela supressão de certa quantidade de carne receitada a mais na dieta dos nossos soldados, deu margem a que não fôsse possível continuar a ser utilizado o hospital do Corpo Fixo.

ria apenas, servida por um cirurgião-mor, auxiliado por um sargento secretário e um sargento enfermeiro, data de 11 de maio de 1855, quando o presidente da Província determinou, em officio ao comandante do Corpo de Municipais Permanentes, a sua instalação.

Era cirurgião-mor do Corpo de Permanentes, o cap. Joaquim Antônio Pinto, reformado do Exército, o qual, baseado no artigo 35 do Regulamento dos hospitais regionais, receitou, para os seus doentes cujos males não aconselhassem dieta rigorosa, 16 onças de carne, ao invés



das 12 onças prescritas na tabela do hospital. Essa providência foi tomada porque, segundo observara, as praças baixadas ao hospital por doenças menos graves, retornavam ao quartel em tal estado de fraqueza, que não podiam ser empregadas no serviço.

O chefe do hospital não concorreu com êsse aumento. Entendia que o Regulamento autorizava melhoria de dieta. Nunca aumento na quantidade dos gêneros tabelados. Além disso só êle tinha o direito de julgar dessa melhoria.

Submetido o caso ao Presidente da Província, resolveu êste que, quando preciso, fôssem as dietas aumentadas, mediante indenização, ordenando ao mesmo tempo a montagem de um hospital próprio para os Permanentes.

De posse da ordem recebida o comandante do corpo, ten. cel. Joaquim de Souza Guimarães Cananéa alugou mais um salão da Ordem Terceira do Carmo, na rua da Boa Morte, o qual, devidamente adaptado, passou a servir de hospital.

Surgiu, então, insuperável dificuldade para o diretor do estabelecimento, o cirurgião-mor do corpo: havia sido previsto em lei, para o serviço interno do hospital, um sargento secretário e um sargento enfermeiro. Quem cuidaria dos serviços de copa, cozinha, limpeza e outros? Hoje o caso seria fãcilmente resolvido: alguns soldados empregados e... pronto. Mas, naquele tempo

quem se atreveria a retirar um ôi mais soldados do serviço de policiamento? O Regulamento proibia, como ainda hoje proíbe, tal prática, e o cumprimento das disposições regulamentares era o usual...

O caso foi levado ao presidente da Província, que o solucionou com a transferência de um casal de escravos africanos das obras da estrada de Santos para os serviços do hospital recém-criado, que, assim, pôde funcionar normalmente.

Em princípios de 1857, os serventes do hospital — Francisco e Cândida — obtiveram carta de alforria e, para substituí-los, foi designado um... par de galés. E então surgiu nova dificuldade: o par de galés entrava e saía do hospital em horas determinadas e, embora fôssem dois homens, só produziam por um, visto que não podiam ser separados...

Assim mesmo continuaram a servir até que, com a partida do Corpo de Permanentes para a guerra do Paraguai, foi o hospital fechado, passando os doentes do Corpo Provisório a ser tratados, mediante contrato, na Santa Casa de Misericórdia. Em 1869 foi rescindido o contrato com aquela instituição e restabelecido o hospital militar, que funcionou com a organização original, acrescida dos necessários serventes, até a reorganização da Fôrça Pública de 1892, da qual se originou o hospital que se transformou no modelar estabelecimento de nossos dias.

GATO ESCALDADO...



Com a presença de altas autoridades civis e militares foi lançada, dia 25, dia do soldado; a pedra fundamental do edifício destinado ao Quartel General da Fôrça Pública, edifício esperado há cento e vinte anos pela milícia bandeirante, no dizer do seu comandante geral.

Que não fique apenas na pedra fundamental é o que desejamos, porque, efetivamente, desde sua fundação vem a Fôrça Pública ocupando prédios impróprios e alugados para o seu comando, situados na rua do Carmo, praça Visconde de Congonhas do Campo e avenida Tiradentes, onde já ocupou cinco, diversos, dos quais dois foram destruídos por incêndio em consequência de revoluções: um em 1924 que, restaurado, é o atual Q.G. e outro em 1932. Neste último ano ocupou por alguns meses um prédio na rua Barão de Limeira.

Não taxem os leitores de pessimismo o que vimos de dizer sôbre a execução das obras do nosso Q.G. Somos velhos na corporação e temos

visto muita pedra fundamental ficar apenas em... pedra fundamental. De momento lembramo-nos de duas. A primeira em 1918, da vila militar destinada aos nossos valorosos soldados, no Barro Branco. O local escolhido foi o alto de um morrote que ficava atrás da estação do mesmo nome. Tal morrote foi arrazado e a terra dêle retirada transformada em pista de pouso no aerôporto do Campo de Marte.

A cerimônia do lançamento da pedra fundamental foi, também, imponente, comparecendo as mais altas autoridades estaduais. Lavrada a ata, assinada por tôdas as autoridades presentes e por um representante de cada degrau da escala hierárquica militar, foi depositada no interior da pedra simbólica, juntamente com jornais do dia e moedas do País. Lembro-me que representou o soldado raso, o Carmelo Damato, então aluno do primeiro ano da escola de oficiais. Parece que a cerimônia lhe despertou o gosto pela engenharia. Depois de oficial matriculou-se na Escola Politécnica e é hoje engenheiro da Prefeitura.

Quando o morrote foi demolido procurou-se a pedra lançada dez anos antes e não foi encontrada. Teria sido diluída na terra? Que o digam os cientistas...

Outra pedra fundamental cujo lançamento assistimos foi a do quartel do 2.º R.C., na rua padre Manoel da Nóbrega, em terrenos da antiga Invernada de Bombeiros, em 1925.

Posteriormente foi a sede daquela unidade transferida para Presidente Venceslau e o quartel da rua Manoel da Nóbrega não foi construído para... a Fôrça Pública. O terreno foi doado pelo Estado ao Governo Federal, sendo ali construído o quartel do esquadrão divisionário da II Região Militar. Teria sido

aproveitada a nossa pedra fundamental? Ignoro.

Agora foi lançada a pedra fundamental do nosso Quartel General. Que o prédio seja construído e seja nele alojado o órgão a que é destinado são os nossos votos, porque... «gato escaldado (e por mais de uma vez!) de água fria tem medo».

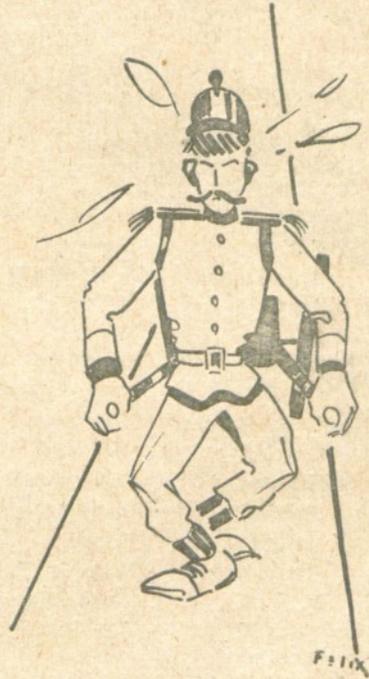
— III —

ANIMAL DE TRAÇÃO

Quando o 1.º Batalhão regressou da campanha de Canudos trouxe, em sua bagagem, quatro metralhadoras «Nordenfeldt», que ali haviam sido utilizadas, e aqui foram amontoadas num canto do alpendre do Quartel da Luz, onde ficaram por muito tempo. Eram armas antiquadas, sôbre carretas, compostas de três e cinco canos montados uns ao lado dos outros, os quais atiravam simultaneamente, mediante a ação de uma alavanca.

As velhas metralhadoras descansaram no canto onde foram atiradas, sem fazer mal a ninguém e sem serem incomodadas, até a chegada da Missão Militar Francesa, cujos oficiais verificaram, certa ocasião, que elas poderiam ser utilizadas, não como armas eficientes, mas para «enfeitar» as paradas do Prado da Moóca e outras formaturas da tropa de São Paulo. Suas carretas foram pintadas de cinzento, os metais amarelos limpos mediante enérgicas esfregadelas e as quatro «Nordenfeldt» ficaram em condições de aparecer em público.

Passaram, então, a constituir o terror do recruta pertencente ao primeiro mês de instrução. Sim, porque



as tais almajarras não eram puxadas por burro ou outro qualquer animal de tração e sim pelos pobres recrutas da primeira classe, que, devi-

damente ajazezados, viam-se promovidos, de uma hora para outra, a animal de tração. Algumas deserções ocorridas naqueles tempos foram levadas à conta de tal promoção...

Muitos, porém, a elas se sujeitaram. Conheço alguns prezados camaradas, que, antes de chegarem aos mais altos postos da carreira, «arrastamos» pelas ruas da cidade, não digo com entusiasmo, mas cheios de

compenetração, as famigeradas metralhadoras.

E o fim delas? Não sei. Aí por 1919 ou 20, deixaram de aparecer nas paradas da Fôrça Pública, sendo recolhidas ao depósito, de onde tomaram destino ignorado. E' bem possível tenham sido, em certo época, carregadas de roldão com outros materiais que, segundo dizem, encheram várias composições de carga da conhecida via férrea Nacional.

Banco Artur Scatena S/A

MATRIZ — BATATAIS — (Est. São Paulo)

Capital e Reservas — Cr\$ 67.001.406,90

SUCURSAL EM S. PAULO:

RUA SÃO BENTO, 480

Caixa Postal, 8437

Telefones: } 35-4243
 } 35-4244
 } 35-4246
 } 35-6265

FILIAIS EM:

Altinópolis	Ituverava	Sta. Rita do Passa Quatro
Americana	Jardinópolis	Sta. Rosa de Viterbo
Amparo	Matão	São Joaquim da Barra
Araras	Mococa	São José da Bela Vista
Brodósqui	Mogi Mirim	SÃO PAULO
Cajuru	Morro Agudo	São Sebastião da Gramma
Casa Branca	Nuporanga	São Simão
Cravinhos	Orlândia	Serra Azul
Franca	Patrocínio Paulista	Serrana
Guaíra	Pedregulho	Sertãozinho
Guará	Pontal	Socorro
Igarapava	Ribeirão Preto	Tambaú
Ipuã	Sales Oliveira	Vargem Grande do Sul
Itirapuçã	Sta. Cruz Palmeiras	Viradouro

O sistema métrico decimal foi mandado adotar no Corpo Policial Permanente, em 17 de janeiro de 1883, tendo ainda, por aviso da mesma data, o Presidente da Província autorizado o comandante do corpo a comprar uma balança com pesos e um jôgo de medidas do sistema adotado.



Para que esta marca esteja em

BOAS MÃOS

pagamos o que custa o serviço!

O serviço de nossos aviões é levado ao máximo antes de cada voo, graças aos recursos de que dispomos e à comprovada experiência do nosso pessoal técnico. Para que a milhares e milhares de nossos passageiros seja proporcionado em todas as ocasiões o *Conforto Aerovias*, mantemos uma equipe de homens e de máquinas rigorosamente selecionados.

Recife? Belém?

Sirva-se dos luxuosos

"Skymaster" da

AEROVIAS BRASIL

R. Libero Badaró, 370

Fones: 32-5133 e 34-6000

Encomendas:

Fones: 36-2960 e 36-4302

AEROVIAS BRASIL

PANAM - Casa de Amigos

Chave dos bons caminhos



Raça de Sonhadores

Ruiz Amador Sanchez

Catedrático da Fac. de Fil. Ciências e Letras da Universidade de São Paulo e ex-diplomata espanhol.

Entendeu o grande poeta Swinburne, que, afinal, as nações são modeladas com sangue e ferro e não com sonhos. Chegou a essa conclusão inspirando-se nas dolorosas geneses do Velho Mundo. Foi a custa do mais cruel esforço que se criaram os povos políticos da Europa. Sangue também foi derramado na América. Mas o sonho da raça, primeira inspiração a traçar a rota para um continente, cientificamente apenas presentido, não foi em vão o berço dos Povos da América.

Os elementos específicos constitutivos das raças, cujas análises até hoje se discutem, desenrolam-se em intrincadas observações preistóricas, em laboriosos exames antropológicos, num exaustivo esforço querendo remontar o tempo para percorrer as rotas, ou melhor, as pegadas, porventura deixadas na terra pelos primitivos núcleos humanos. Esgotante e quase ilusório esforço: como se quizessemos reproduzir na areia o caminho de formigueiros extintos.

Porque somos brancos, negros, celtas iberos ou mongóes? Ários, ou amarelos? Quem nos criou saxões,

quem são os ários? Que afã em busca de crâneos de homem fóssil, restos de seus utensílios, manifestações de sua arte infantil. Quaes foram as rotas protoistóricas, como se cruzaram, em que ponto se detiveram? Quantas invenções da paleografia para esclarecer o mistério das raças nas formas arcáicas da expressão. E, tudo isso, não passa de soberba humana, aristocracia humana, orgulho de linhagem humano, cândida vaidade genealógica.

E, no altar de tais orgulhos e arrogâncias, sacrificamos as vidas inutilmente, porquanto a terra, impassível, continuará criando homens e enterrando homens, de todas as raças e origens.

Porque ainda não se descobriu a ciência das inspirações dos homens, a ciência dos sonhos das raças? Determinar-se-iam as correntes raciais, não pela morfologia dos seres, mas por seus impulsos anímicos, pelos sentimentos talvez latentes nos fatos históricos. Pois o que chamamos civilização, nem sempre, na História, corresponde a uma constante localização geográfica ou a um constante grupo étnico. E é isso que desconcerta e desespera os antropólogos e quejandos investigadores de alimento de traças de biblioteca. Mal vem à luz a feliz conclusão de que um

povo é selvagem, porque assim o sentença sua mais remota origem geográfica e histórica e, eis que, um arqueólogo descobre qualquer coisa provando haver a ascendência ancestral d'esse grupo gosado da mais assombrosa e original cultura. Por outro lado, povos cuja fama de pioneiros da mais antiga cultura era axiomática, vêm-se hoje, em dificuldades para conservar o timbre dessa glória passada.

Uma investigação através de seleção de valores individuais, depois, um trabalho de analogia; uma pesquisa profunda da influência exercida nos respectivos meios por êsses elementos destacados; um escrupuloso exame da criação de escolas filosóficas, artísticas ou científicas, bem como a transcendência de suas percepções, uma determinação das trajetórias religiosas com suas problemáticas origens, sua fecundidade, sua difusão e aptidão ao proselitismo. Que calor, que ambiente, que clima, fizeram viver as formas estéticas mais peculiares, o que exaltou os sentimentos líricos, em que lugar houve mais bardos ou poetas; esquadrihar literaturas, entendendo-se como tal toda manifestação lançada com o propósito de sobreviver no Belo, no Sublime, no Heróico ou em qualquer atividade de projeção espiritual... Buscar, buscar, quaes foram os sonhos dos homens, as ambições, se não justas, dignas de perpetuação para ensino ou curiosidade das gerações futuras e classificar, assim, ainda que pareça superficial e frágil, as raças dos homens pelo que pretenderam realizar de nobre e audaz e não considerando sua aptidão para impôr vassalagem, com sangue e ferro.

Em todas as épocas da história em toda as latitudes, em quaisquer zonas geográficas sem distinção de povos, a natureza sempre semeou gênio e amor, sem olhar côr de rosto, ascendências ou ortodoxias. Averiguar onde, em que torrão e entre que gente as sementes foram cuidadas com maior esmero e, frutificando, foram conservadas com mais acurado zêlo e consideraram-se dignas de imitação, como exemplo de conduta e deduzir daí as boas raças as que estão cheias de «humanidade», as que são capazes dos bons sonhos.

Fazer a pureza ou impureza de uma raça depender da análise do sangue histórico é uma imprudência que tem estimulado o uso e abuso do ferro. O Cristianismo batizou mais de metade do mundo porque despertou a consciência de uma só raça na unidade de uma só terra, por um só Criador. O monoteísmo afogou o Politeísmo que era um afã de criar castas — raças de deuses — foi porque estava mais conforme com o sentido profundo de elevar as preces por uma única via de luz divina.

Inadvertidamente, talvez sem percebe-lo em toda a sua extensão, criou-se oficialmente a solenidade do dia da Raça, dia das Américas. Porquanto a América constitui, por misterioso azar de seu descobrimento, como que uma necessidade de unificação de todos os bons sonhos ainda existentes nas velhas raças — lutadoras empreternidas — desde o Oriente amarelo até a península asiática que constitui a Europa.

Contemplemos o mapa das rotas percorridas por Cristovão Colombo, segundo Martins Fernâdes de Navarrete e publicado por Otto Nus-

sel: Cruzam o Atlântico como raios luminosos de um só foco diminuto, que vai de Lisboa a Gibraltar, um feixe sutil que se expande ao afastar-se da origem para chegar à curva rota das artilhas. Sugere-nos a enérgica pressão de todo o continente Euroasiático, concentrada em seu extremo ocidental, a projetar um fluido impalpável que se choca com o continente americano. São os sonhos de Colombo dando realidade a outro Mundo.

Os sonhos de Colombo eram a inquietação que reinava entre a gente de Itália, Portugal, Espanha, França, Inglaterra, Alemanha, Escandinávia e Rússia... Gente selecionada, escolhida, não por sua ascendência racial senão por um comum anelo de curiosidade e de ilusão. Nossa América é um produto de sonhos. Eleita para dar nova existência a outra solo, outro berço, separado pelo mar de seus genitores.

Por isso o destino da América foi diferente desde o início e continuará a se-lo. As nações que a compõe não foram criadas segundo a imagem e semelhança das aristocracias européias, mas inspiradas nos traços de outras tantas repúblicas, esporadicamente tentadas na Europa sem resultado.

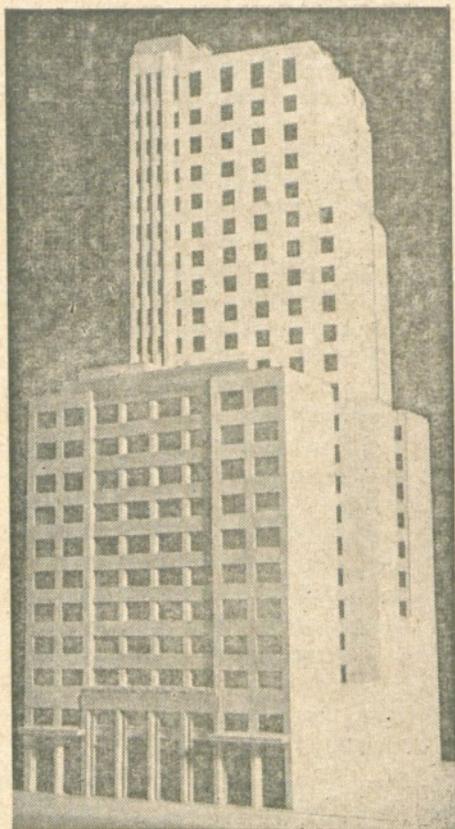
Poder-se-á crer que a marcha orgânica do continente americano dependerá do futuro europeu e, na verdade não dispomos, atualmente, de argumentos bastante vigorosos para opôr a êsse raciocínio, só êste: Que a raça a quem se deve o descobrimento e formação da América pertencia a uma estirpe de aventureiros e heróis sonhadores os quais aqui deixaram a semente eterna de seus sonhos — sonhos estultos ou sen-

satos. — mas, que flutuaram qual finíssimo pó de aurea imaginação sobrepondo-se à secular realidade das coisas européias até surgir no corpo e forma da América. A civilização e a cultura européias são essas dignas da maior consideração, possuem, não obstante, alguma coisa que não sintoniza com o germem para sempre enterrado na América e fadado a cobrir eternamente com a sombra de sua vegetação o solo americano. Essã coisa estranha é o sangue e o ferro de Swinburne.

Colombo desembarcou nestas plagas com a espada e a Cruz e, de tal forma foram plantadas e cresceram, que aço e madeiro se identificaram numa sombra perpendicular, só se destacando, agora, os braços abertos do emblema de Cristo, perpétuo símbolo de abraço de humanidade. Síntese final dos sonhos do homem, homem «humano». A América está disposta a dar descanso, entre seus braços jovens, à encarnecida cabeça da Europa, sempre que ela se encontre fatigada de suas tragédias, buscando descanso, dando sua civilização e sua cultura... pois do contrário destruiria o único sonho que lhe resta. Esta virtude da América tem passado despercebida a muitos pedantes que aprenderam nas Universidades européias a fazer-se passar por sábios entre os americanos. Nós estamos convencidos de que se o destino da América pode depender da Europa, com maior razão, o destino da Raça, da raça dos sonhos, da que ainda vislumbra no globo uma terra onde se pode descansar, depende da América.

Triste perspectiva para o universo se pretendessemos acabar também com êste sonho da América.

COMPANHIA NACIONAL DE TECIDOS



Fachada do edifício — séde, em São Paulo

Secção especializada em fornecimentos às Repartições Públicas, a cargo dos srs.

CIRILO ELOY PESSOA DE
BARROS

- e -

WALTER DO AMARAL

— :: —

TELEFONES: { 33-5129
 { 33-5120
Rede Interna { 33-6644

RUA BRIGADEIRO TOBIAS, 700-722
CAIXA POSTAL, 192

END. TELEGR. "TECIDOS"

SÃO PAULO

HIGIENE MENTAL

Ultimo de uma série de dois artigos

A origem da Higiene Mental está intimamente ligada à história da assistência aos alienados. Houve civilizações como, por exemplo, a egípcia, que tiveram cuidados particulares com os insanos, tratando-os com afeto e atenção. Assim, refere-se que os instalavam em edificios próprios e lhes applicavam banhos em salas especiais e com temperaturas progressivamente crescentes; que os faziam distrair-se de várias maneiras, inclusive com passeios de barco pelas águas calmas dos lagos. Em outras épocas, foram considerados santificados ou endemoniados, e os tratamentos eram correspondentes àquilo que se faz com a divindade ou com o demônio, isto é, adoração ou rejeição. Não houve intuito prévio de os tratar mal, mas a dificuldade de assistência ao doente mental, em alguns casos, é muito grande. Ao lado disso, somente a partir do século passado, começamos a conhecer alguma coisa de verdadeiro e certo sobre a loucura, o que nos permitiu compreendê-la melhor. Daí por diante, pudemos trabalhar com os alienados com maior segurança e firmeza, e não de maneira puramente empírica, segundo um empirismo eivado de credices das mais primitivas e infantis.

Na nossa época, foi Pinel (1745-1826), diretor do asilo de Bicêtre, em Paris, por volta de 1793, quem teve papel saliente na melhoria do tipo de assistência a ser applicada aos alienados. Assumiu a inteira responsabilidade, perante um governo revolucionário e num período de incertezas, pela libertação de doentes mentais que se encontravam acorrentados, no asilo cuja direção lhe fôra confiada. Com risco, inclusive de punição máxima, libertou os alienados, sem qualquer dos inconvenientes referidos em advertências que lhe haviam sido feitas.

O acontecimento é considerado clássico, e marca o início de uma nova época na assistência aos alienados, graças à projeção científica internacional de Pinel, autor de vários trabalhos de alta importância sobre a alienação mental e o seu tratamento.

Cinquenta anos depois, Dorothea Dix, nos Estados Unidos, criou, graças à sua iniciativa, propaganda e espírito social, 32 estabelecimentos para alienados.

Mas foi Clifford Beers, jovem pertencente à burguesia americana, ligado às atividades comerciais, quem em consequência de moléstia mental em si próprio, teve sua atenção vol-

tada para os processos de assistência aos alienados, dando início ao moderno movimento de Higiene Mental. Clifford Beers, ainda estudante, nos últimos anos da Universidade, em 1900, foi vítima de uma psicose, e permaneceu doente até 1903, quando foi considerado curado. Nesse período de tempo, passou por vários estabelecimentos para alienados, tanto particulares como públicos, e sempre se sentiu muito mal nesses hospitais, por não ser compreendido e também por provocar, freqüentemente, com seus atos de hostilidade, reações dos encarregados de sua assistência. A descrição dos tratamentos que recebeu e as suas impressões da doença mental foram condensadas em um livro que publicou em 1908 com o título «*A mind that found itself*», traduzido para o português com o nome de «*Um espírito que se achou a si mesmo*». É um livro que merece ser lido por todos quantos se interessam pela Higiene Mental. Devemos ressaltar que Clifford Beers foi um doente difícil, em virtude da sua vivacidade psíquica e motora, da sua inteligência não alterada totalmente durante os períodos de delírio, dos seus períodos de excitação e dos de depressão, que o levaram, mais de uma vez, a tentar seriamente o suicídio. Assumia muita responsabilidade quem aceitasse o encargo de lhe dar assistência, pois naquele tempo a psiquiatria estava quase totalmente destituída de recursos terapêuticos eficientes, que, de fato, só apareceram depois de 1935.

De qualquer forma, a cura de Clifford Beers, com a recuperação total do seu psiquismo foi um bem

para a humanidade como o demonstra a sua luta em prol de uma melhor assistência para os alienados. Ele se propôs a melhorar as condições assistenciais para os insanos internados e o movimento, assim iniciado, teve extensa repercussão. Extravasou os muros dos asilos e se estendeu à população em geral, transformando-se em medidas preventivas para que os sãos não se tornassem, um dia, doentes mentais. Não somente a melhoria da assistência hospitalar foi conseguida, mas, também, se começou a pensar, a estudar e a fazer a profilaxia da loucura que, em etapas sucessivas chegou aos padrões atuais. O sucesso de Clifford Beers não dependeu exclusivamente do seu entusiasmo e tenacidade contagiantes, mas dos progressos que, a partir daquela época, se fizeram no conhecimento da psicopatologia e da própria psicologia, graças, principalmente, à psicanálise, cujo descobrimento, por Freud, data de alguns anos antes do início da moléstia de Clifford Beers. A atividade prática deste, depois da publicação do seu livro, consistiu em reunir um grupo de pessoas influentes e de capacidade econômica, em 6 de maio de 1908, interessando-as na campanha para a melhoria dos estabelecimentos de assistência psiquiátrica.

Em 19-2-912, fundou o primeiro Comitêe para a Higiene Mental no Estado de Connecticut e, a partir daí, Clifford Beers deixou andar por si o movimento de Higiene Mental que evoluiu, como já dissemos, no sentido mais amplo, indo muito além do desejo, de melhorar a assistência psiquiátrica e se preocupando

com a profilaxia da loucura e melhoria das condições psicológicas da vida habitual. Mais recentemente, esse Comité transformou-se na atual Associação Americana de Saúde Mental.

Em 1921, o Comité se preocupou com o estudo da Delinqüência Juvenil, que tomou, depois, grande desenvolvimento.

Foi Adolfo Meyer, psiquiatra suíço, radicado, havia longos anos, no John Hopkins Hospital EE.UU. que, lendo o livro de Clifford Beers, disse que se poderia chamar aos seus projetos de «Higiene Mental».

As Universidades Americanas, a seguir, criaram Departamentos de H.M. com seções de Psicologia e de Higiene Mental Infantil.

Depois dos EE.UU., foi o Canadá, em 1918, que ingressou no movimento de H.M. utilizando a experiência feita, em 9 anos, nos EE.UU.. A França ingressou em 1920; a Inglaterra e o Brasil ingressaram em 1923.

Depois da guerra de 1918, a Liga das Nações criou um Departamento de Saúde com uma seção de H.M.

A Organização das Nações Unidas, fundada em 1945, foi a herdeira natural da Liga das Nações. Um dos seus Departamentos especializados, a Organização Mundial de Saúde, seguindo a tradição da Liga das Nações, criou um comité de peritos em saúde mental.

Por ocasião do Congresso de Higiene Mental de 1948, em Londres, foi fundada a Federação Mundial de Higiene Mental. É uma organização inteiramente particular,

com a vantagem de não ser obrigada a receber influências ou ideologias governamentais. São seus associados tôdas as pessoas interessadas no movimento mundial de H.M. e as associações psiquiátricas, de assistência social, de psicologia, de orientação infantil, de higiene mental e outras, do mesmo gênero, que o desejarem.

Agora, cuidaremos dos conceitos preliminares que devemos ter em mente para fazer Higiene Mental.

Conceitos gerais preliminares à Higiene Mental:

1. O homem deve ser compreendido como um ser que vive em sociedade e daí a idéia de que a Higiene Mental é um conjunto de técnicas para a melhor compreensão das relações interpessoais. Ela cuida, portanto, muito mais de psicologia aplicada do que de patologia mental. Recordamos que a Higiene Mental não é uma ciência, mas um ponto de vista especial que adotamos para atingirmos determinados fins práticos no sentido do bem estar psíquico.

2. A psicologia do indivíduo isolado é diferente da psicologia do indivíduo em grupo (conjunto ligado pelos mesmos interesses, como, por exemplo, a família, etc.) e a psicologia do grupo é diferente da psicologia social, da psicologia das massas e da psicologia econômica. O ponto focal da Higiene Mental é a psicologia do indivíduo e das suas relações com os seus semelhantes, mas freqüentemente ela tem contactos obrigatórios com a psicologia social, administrativa, política e econômica, porque os indivíduos estão

profundamente integrados no meio não só cósmico, mas também psicológico, em que vivem. Na prática, nos esforçamos por lidar com a psicologia do indivíduo e do grupo de que faz parte, procurando, na medida do possível, fugir dos contactos com os problemas sociais, económicos e administrativos, que, por serem profundamente absorventes, acabariam por desvirtuar as finalidades da Higiene Mental. Pelo menos é o que, na época atual, podemos desejar. E' possível, para o futuro, que a H.M. entre pelo setor das atividades políticas, administrativas e económicas que oferecem um fecundo campo de ação ao psico-higienista.

3. A personalidade humana, em geral, é vista num sentido muito restrito, como pessoa fisicamente apreciável. E' muito limitada a visão habitual dessa personalidade, com

seus problemas psicológicos. O corpo humano é o veículo de interesses apreciáveis tanto em superfície como em profundidade. E' assim que o devemos compreender e não no sentido restrito e demasiadamente superficial. Cada indivíduo leva dentro de si uma bagagem de conhecimentos, experiências e conceitos que lhe são próprios, só servem para si e para mais ninguém. Além dos conhecimentos que são do patrimônio comum e transmissíveis, há dentro de cada um de nós algo que é só nosso, e por nós utilizável. Suponhamos o caso de um grande professor de medicina, que, nas suas aulas e nos seus livros, tenha dito e escrito tudo o que lhe foi possível, durante toda a vida. Pois bem, quando ele morre, leva ainda muita coisa consigo, porque há sempre algo que só serve

para o indivíduo e para ninguém mais. São cousas somente transmissíveis diretamente de viva voz ou, avançando mais, são cousas impossíveis de se transmitir ou de serem utilizadas por outrem. Tais cousas, abstratas, acabam se confundindo com a própria vida, que é uma só para cada um, e que só serve para quem a tem, enquanto a tem.

4. Convém ter a atenção voltada para os estados chamados normais e estudá-los mais detidamente porque, na realidade, não há normalidade absoluta. E, mesmo teoricamente havendo, é de todo o interesse apreciar as tendências que estão delineadas nessa aparente normalidade. Todos os acontecimentos psicológicos atuais têm pouca significação por si sós. O importante é o conhecimento de suas origens e de sua evolução até o estado atual. Tudo o que sucede em determinado momento é produto de algo que sucedeu antes. E' pelo conhecimento das causas que podemos fazer a melhor profilaxia. O presente, em si mesmo, vale pouco. Só pelo passado êle é integralmente assimilado.

5. O homem pode muito mais do que êle crê, foi o que disse Claude Bernard, o grande fisiologista francês e o que repetiu, de outra forma, o filósofo americano, William James. E é o que podemos assegurar hoje com base em inúmeros argumentos. Cada indivíduo possui dentro de si uma riqueza incomensurável que êle mesmo desconhece. E desconhece porque tende mais a olhar para fora, para o mundo exterior, do que para si mesmo. Tem medo de olhar para si. Os progressos modernos mostram que o homem vive com poucos recur-

sos em relação ao que poderia dispor. Ele acaba por se adaptar a um estilo de vida, a um sistema que lhe convém, e se restringe a isso. Mas tanto sobre o ponto de vista psicológico, como humoral, como anatômico e como social, ele tem possibilidades de ir muito além da fase de evolução em que se encontra. Se meditarmos melhor sobre o assunto, poderemos admitir que o que ele fez foi, apenas, uma preparação para atingir fases mais felizes na sua evolução.

A verdadeira história da humanidade está para ser escrita. O que se escreveu, até agora, foi apenas a pré-história. Não é possível que o homem, trazendo tantas riquezas subjetivas dentro de si e dotado de uma ilimitada capacidade técnica, tenha feito de sua história um amontoado de guerras, de intrigas, de conflitos e de desentendimentos, interrompidos, de vez em vez, pelos oásis, inspirado de um precursor ou de um gênio, a lembrar que ele chafurdava na lama quando tinha, ao alcance de sua mão, uma felicidade, cuja existência, só em sonhos, poderia admitir. Essas possibilidades subjetivas e outras, em latência, até há pouco não descobertas nem avaliadas, começam hoje a passar para o domínio dos nossos conhecimentos conscientes.

Mencionaremos apenas alguns exemplos, dos mais vulgares. Antes do descobrimento da vacina contra a varíola, milhares de pessoas faleceram em epidemias trágicas, sem recursos para se protegerem completamente ao sabor dos acontecimentos. A vacina veio mostrar que mas-

sas de população poderiam viver sem receio de se contaminar, simplesmente porque a vacina torna o homem imune à infecção. Mas esse grande poder não depende somente da vacina em si, mas da capacidade que têm os humores e as forças biológicas de, através da vacina, se modificarem de forma a anular, no corpo humano, condições favoráveis para o desenvolvimento do vírus-causador da varíola. Esse poder já existia no homem muito antes da confecção da vacina, mas não lhe fora possível descobri-lo por muitos e muitos séculos. Há uma infinidade de capacidades biológicas já descobertas e utilizadas na prática, mas um sem número de outras estão ainda à espera do aperfeiçoamento técnico e do aparecimento do cientista para se tornarem conquistas definitivas em prol de um maior bem-estar humano.

Não somente sob o ponto de vista biológico, mas anatômico também, esse poder do homem, que vai além do que ele crê, é apreciável. Durante muitos anos, admitiu-se que o cérebro deveria estar anatomicamente íntegro para que a função psíquica se pudesse processar. Qualquer lesão cerebral, por mais discreta que fosse, podia ser considerada como causadora de desvios das atividades mentais. Por longo tempo, a causa da loucura só foi atribuída a uma lesão cerebral. No entanto, com o advento da psicanálise, ficou provado que vários tipos de distúrbios mentais poderiam ser explicados, sem se recorrer às lesões anatómicas. Por via psicológica poder-se-ia curá-las. Conclue-se, pois, que não havia necessidade de

se encontrarem lesões cerebrais para explicar a origem da loucura. Um louco poderia ter o cérebro anatomicamente íntegro, sem lesão alguma. Os nossos conhecimentos foram, ainda, além. Em 1935, Egas Muniz, ilustre neurologista português, teve a idéia de lesar o cérebro de doentes mentais com o fim de conseguir a cura de sua psicose. Criou um novo tipo de operação cerebral à qual deu o nome de Leucotomia cerebral. Consiste ela em fazer alguns cortes, com um instrumento especial, na porção mais anterior do cérebro denominada lobo frontal. Os resultados foram animadores e o processo teve grande voga nos Estados Unidos e no Brasil, tendo sido denominado pelos americanos, Freenam e Watts, de lobotomia, justamente porque se seccionava o lobo frontal. Muita discussão houve e continua havendo sobre o modo de ação desse novo tratamento das psicoses. Parece, porém, que os resultados dependem da secção de fibras que ligam o lobo frontal ao tálamo, que é considerado um órgão de grande importância para a vida afetiva. A secção dessas fibras faz com que cargas emocionais vindas do tálamo não atinjam com intensidade, o polo frontal, cuja função mais importante é a intelectual, é a concepção do mundo, é o conhecimento de si próprio e a visão prospectiva dos problemas com tôdas as noções sociais próprias do homem. A diminuição das cargas emocionais sobre tais centros intelectuais permitiria que se estabelecesse melhor ordem no mundo psíquico, facilitando a volta à normalidade. Esse exemplo é interessante para mostrar que, de

uma época em que a integridade do cérebro era considerada indispensável para o bom funcionamento psíquico, passamos a uma outra em que podemos assegurar que é útil lesar o cérebro para se conseguir o restabelecimento da ordem normal na vida psíquica. Vemos, mais uma vez, quanto há a investigar nas possibilidades humanas. Se entrarmos agora para a vida psíquica propriamente dita, o que temos a conhecer é, ainda, muito mais amplo e complexo. No decurso dos capítulos seguintes, poderemos, muito superficialmente, formar uma idéia de tais possibilidades, motivo pelo qual, no momento, não nos estenderemos mais sobre o assunto.

6. Em Higiene Geral, mas em Higiene Mental muito mais frequentemente, temos a possibilidade de verificar como sempre, um mal muito grande foi, antes, um mal menor. Quando estudarmos o problema da psicologia infantil, no capítulo 9 e, depois, o da neurose infantil, no capítulo 10, poderemos vêr como uma boa orientação dos pais permite que os filhos se desenvolvam naturalmente, segundo as suas possibilidades, sem opressão e sem infelicidade, de acordo com suas aptidões normais. Basta perdermos meia hora de tempo para orientar uma mãe normal para que um sem número de erros não sejam cometidos. No entanto, se assim não procedermos, surgirão inúmeros mal-entendidos e situações artificiais que conduzirão o indivíduo, com grande freqüência, a um estado neurótico, quando em idade adulta. Uma vez instalada essa neurose, serão necessárias muitas e muitas horas, centenas delas, para

reparar males facilmente evitáveis na idade infantil. A correspondente popular sobre esse fato é a frase de um dentista referida por E. Krapf, psiquiatra argentino. Disse esse dentista que, uma cárie dentária avançada, com inflamação e dor de dentes, tinha sido antes uma cárie menor, sem dor e facilmente obturável. Mas no início, não lhe deram importância. Felizmente, estamos saindo de uma época em que somente a dor levava o indivíduo a procurar recursos para melhorar as suas condições de bem-estar. Para isso, porém, foi necessário um progresso psicológico importante, que a humanidade só conseguiu muito lentamente, mais lentamente que o progresso técnico.

7. De fato, torna-se cada vez menos discutível o fato da humanidade não ter progredido, sob o ponto de vista psicológico, tanto quanto o fez sob o ponto de vista técnico e material. Em muitos tipos de cultura moderna a atitude de dois civilizados não é muito diversa da de dois entes humanos que viveram há 3 ou 4 mil anos. Mas, de nossa parte, somos mais otimistas. Acreditamos que já é possível trabalhar num sentido mais objetivo e técnico a fim de que modificações racionais sejam introduzidas nas interações humanas. Podemos admitir que Higiene Mental é aquele ponto de vista particular, aquele conjunto de conceitos que permitem à humanidade ter maiores esperanças de resolver os seus problemas.

8. Para tanto, devemos ter em mente a necessidade de liberdade que todo o indivíduo deve desfrutar, a fim de que possa dar expansão às suas necessidades afetivas e emocionais, sem o menor constrangimento. Ainda quando lhe damos toda a liberdade desejada, ela é, sempre, relativa. Há fatores, nos antecedentes individuais e nas próprias circunstâncias presentes, que restringem a liberdade individual. A liberdade está em função da bagagem que o indivíduo traz em si, do meio em que vive e do grupo a que pertence. Nos capítulos seguintes veremos, em várias oportunidades, quantas circunstâncias prendem o indivíduo ainda quando ele está no meio da própria multidão.

9. Devemos mencionar, ainda, que o trabalho moderno polidimensional, sobre economia, política, religião, sociologia, e, principalmente sobre psicologia, contribuiu para a melhor compreensão dos problemas humanos.

Das correntes psicológicas modernas, de mais alta importância para o trabalho de Higiene Mental, citamos a psicanálise, a psicologia evolutiva, a psicologia da Gestalt e o estudo das relações entre o físico e o psíquico. Mencionaremos, também, a antropologia cultural. No decurso da nossa exposição, teremos oportunidade de nos referir aos vários assuntos estudados por tais correntes do pensamento moderno.

Para lutar contra a realidade, só dispomos de uma arma: a IMAGINAÇÃO.

Jules de Gaultier



INSTITUTO PINHEIROS
Produtos Terapêuticos S.A.



*A procedência do produto é garantia
para o médico e para o doente.*

A EMOÇÃO

E AS DESORDENS DO APARÉLHO DIGESTIVO

Oswaldo Martins Leal

2.º ten. médico

«Eu conheço uma pessoa, que tendo recebido uns amigos em sua casa, três ou quatro dias após, querendo fazer uma graçola (pois tal fato não se dera), disse que no jantar havia sido servido gato cozido; uma senhora que tinha estado na festa, tomou tal horror, caindo em vômitos violentos e febre, que nada foi possível fazer para salva-la» — (Michel de Montaigne).

«Eu leio um jornal antes do jantar e fico querendo concertar o mundo, o que me impede de fazer a digestão, de modo que a noite fica estragada. Eu levo as noites compondo cartas azedas aos editores, que nunca são enviadas, e eu perco meu sono» — Ethel Coney, carta publicada no «Time» de 1934.

As idéias encontradas neste artigo de divulgação, são encontradas no livro «Neurvousness, Indigestion and Pain» de Walter C. Alvarez, chefe do Departamento do Gastro-Enterologia da Clínica Mayo. Diz, o autor, em certo paragrafo: «Fui chamado para ver uma doente e encontrei uma jovem senhora com sete (!) cicatrizes abdominais, separadas. Tratava-se de um caso de psiconeurose. Um dos cirurgiões assim se expressou. «Eu pensei que esta senhora fôsse psiconeurótica,

mas o radiologista fêz diagnóstico de úlcera duodenal e pensando em poder beneficiá-la, explorei o abdomen». Alvarez chama, então, atenção para os diagnósticos de laboratório em que a anamnese e a observação do doente, são relegadas a um plano secundário.

O que um médico dá a entender quando êle diz que um paciente tem indigestão nervosa, e como um cérebro cansado, irritável e pobremmente equilibrado, produz perturbações abdominais? Teòricamente, estímulos nervosos podem estimular, deprimir ou alterar qualquer das várias funções do tubo digestivo, tais como a motilidade, a secreção e a absorção, ou alterar estas funções ao diminuir a quantidade de sangue enviada ao estômago ou intestino, facilitando por fraqueza da mucosa, a ação de bactérias que produzem ulcerações ou inflamações. Atualmente estas idéias estão confirmadas, como se pode ver pelo seguinte caso descrito pelo autor: «Num caso de fístula jejunal, foi introduzido no intestino um balão ligado a um tambor que registrava as diferentes pressões. Em determinado momento, houve aumento da amplitude das contrações e a causa foi que o doente tinha ouvido o carro que lhe tra-

zia o jantar». Fatos como este têm sido observados em qualquer centro de estudos.

Uma das maiores evidências da influência psíquica sobre o intestino grosso, pode ser verificada no seguinte caso: «Um doente em que a parte esfinteriana anal foi destruída por várias operações, não podia ouvir falar em alimentos, ou sentir cheiros. Isto porque as ondas peristálticas originadas no íleo, ao invés de terminarem, em geral, na válvula íleo-cecal ou em algum lugar do cólon, continuavam o seu percurso e produziam uma evacuação. Isto se notava mais pela manhã quando, o intestino estava mais sensível, devido ao repouso da noite. Os seus amigos costumavam contar-lhe casos de ótimas mesas, com pratos suculentos, que o obrigavam a procurar um retiro para exonerar seu intestino. Ele conhecia todos os restaurantes de sua cidade e passava sempre do outro lado da rua!» O autor ainda refere o caso de um jogador de pôquer que, quando tinha em mãos um jôgo forte, sentia-se mal, nauseado, com calafrios, febre e vômitos; foi obrigado a abandonar esse divertimento.

O efeito purgativo do medo e da ansiedade é bastante conhecido. Já uma escultura egípcia, mostra um touro defecando forçadamente quando atacado por um leão. Napoleão escolhia, para missões perigosas, soldados que nada acusavam sobre o seu aparelho digestivo, quando lhes era confiada a referida missão. No tempo da Faculdade tive um colega de turma, ótimo atleta de corrida rasa, toda vez que entrava em competição, era obrigado, momentos

antes do início da prova, a evacuar, eliminando, então, fezes líquidas.

Sabe-se que o desgosto, a excitação, o medo, a ansiedade, a fadiga, a dor ou a injúria, fazem parar os movimentos do tubo gastrointestinal. Uma criança que se machuca ou é assustada logo após as refeições, depois de algumas horas, vomita alimentos ainda não digeridos. Refere o autor que, examinando aos RX, um doente que tinha ingerido seis horas antes uma refeição de bário, ainda tinha o estômago cheio; falando sobre assuntos emocionantes, havia contração persistente do piloro, mas desde que o doente adquiriu calma e confiança, o esfínter pilórico relaxou-se e o estômago ficou vazio. São indivíduos deste tipo que, quando examinados para a dosagem da acidez gástrica, mostram uma acloridria ou hipocloridria, mas que nos exames seguintes se tornam normais.

A causa de todos estes sintomas que acompanham as emoções, o excesso de trabalho, o medo, etc., seria devida a uma inversão no «gradiente» (teoria dos gradientes de Alvarez) provocada por falta de controle de centros situados no cérebro e que atuam sobre centros inferiores medulares. Quando há uma intoxicação intestinal ou qualquer agente tóxico que interfira nos processos metabólicos do intestino, existe uma injúria dos segmentos iniciais do delgado, que são mais sensíveis que os segmentos terminais, havendo, então, perda de apetite, náuseas e vômitos, por inversão das ondas peristálticas. Outra causa seria a de impulsos que, descendo pelo nervo vago, agiriam sobre os segmentos

proximais do delgado. Isto seria idêntico ao que se encontra nos vômitos das tonturas de viagem, do síndrome de Ménière e no aumento de pressão intracraniana. A inversão das correntes intestinais tem muito a ver com as náuseas, perda de apetite das pessoas aflitas, infelizes, fatigadas, psicopatas e nervosas, principalmente mulheres.

As emoções inibem o peristaltismo normal. Isto é demonstrado desde 1896, quando Cannon estudou os movimentos do estômago e intestino de animais, verificando que os mesmos paravam desde que o animal fôsse irritado; por exemplo, colocar um gato em frente a um cão. A constipação intestinal, em muitos casos, é de origem nervosa. O intestino de uma pessoa nervosa mostra-se aos RX, fraco e relaxado e, outras vêzes, espástico, irritável, contraído, não havendo, neste caso, diarréia, pois as ondas peristálticas mal podem caminhar em intestino espástico. No tipo relaxado há diarréia, mas no contraído há dôres. Com relação ao vômito o autor refere, dentre vários casos, o seguinte: uma senhora recebe uma carta do imposto de renda, fica assustada e amedrontada, não procurando verificar do que se tratava; mais, indo para a cama, passou a vomitar noite e dia, durante uma semana, até que, sendo atendida pelo autor, êste pagou 3,85 dólares e... a doente sarou! Isto mostra que a terapêutica nem sempre vem em garrafas.

Como a pele empalidece ou enrubece nas pessoas sensíveis, o mesmo acontece com as mucosas. White e Jones estavam examinando a flexura sigmoidea de um estudante, quando entrou na sala uma enfer-

meira; o estado de ânimo do estudante alterou-se, a mucosa tornou-se vermelha. Este fenômeno pode perturbar o mecanismo de absorção de gases e de outras substâncias e pode explicar a flatulência encontrada em pessoas nervosas.

A secreção psíquica de sucos digestivos tem sido demonstrada. Expressões «água na boca», «temperamento bilioso» são comuns. Mas se as emoções agradáveis produzem aumento de secreção, as desagradáveis e dolorosas podem provocar a inibição de tais secreções. Daí se explica o mau hálito das bocas secas de individuos em estado emocional intenso, como prisioneiros que aguardam a hora da execução, a mulher que espera a morte do marido, medo de exames, guiar automóveis em lugares desconhecidos e perigosos, etc. Cannon descreve um caso de um doente que no primeiro exame de acidez gástrica, mostrou uma hipocloridria, mas que nos exames posteriores mostrou ser normal. A emoção violenta pode impedir a digestão, a secreção de sucos, paralisar o intestino, provocar espasmos gástricos e vasculares, etc.

Se, normalmente, a emoção afeta tão profundamente a vida digestiva, é evidente que os individuos portadores de doenças do aparelho digestivo, tendam a piorar sob a influência emotiva. O autor refere o caso de um doente com litíase biliar, mas que só tinha cólica biliar quando se irritava; refere ainda o caso de um outro doente que tinha úlcera gástrica, mas que só tinha hemorragia gástrica quando tinha emoções violentas.

Emfim, a emoção pode ser causa de morte.



O Ingrediente de Valor Inestimável

NA cidade de Bagdad vivia Hakem, o sábio, e muita gente lhe vinha pedir conselhos que êle dava livremente a todos, nada pedindo em pagamento.

Veio um moço, que tinha gasto muito, mas recebido pouco em troca, e disse : — «Dize-me, sábio, o que devo fazer para receber o máximo em trôca daquilo que eu gasto ?»

Hakem respondeu : — «Uma coisa que é comprada e vendida não tem valor, a menos que tenha o que não pode ser comprado nem vendido. Procura o ingrediente de valor inestimável.»

«Mas o que é o ingrediente de valor inestimável ?» perguntou o moço.

Respondeu o sábio : «Filho, o ingrediente de valor inestimável de qualquer produto do mercado é a honra e a integridade daquêle que o fabrica. Toma em consideração o nome dêste antes de comprar.»

SQUIBB - ^PRODUTOS FARMACEUTICOS

RETALHOS HISTÓRICOS

FLERTS NEBÓ

Capitão médico da F. P.

Como toda a ciência, a medicina também tem sua história!

Num apanhado geral veremos, a seguir, como era a cirurgia primitiva, natural e empírica, segundo o que nos conta A. Castiglioni.

«A cirurgia dos povos primitivos, possuiu em épocas mais recuadas um gráu espantoso de eficiência técnica.

Por certo os instrumentos mais antigos não eram senão pedras aguçadas que serviam para extrair corpos estranhos, sangrar, abrir abscessos, escarificar, mas serviam também para operações mais sérias como a trepanação.

Em 1875, Prunières e Brocard, foram os primeiros a mostrar que muitos milênios antes do nosso período histórico, na época neolítica, a trepanação do crânio era praticada freqüentemente — operação mais antiga da qual temos provas objetivas. Foi facilmente demonstrado que a trepanação era executada pravavelmente, a princípio, para remover esquirolas e fragmentos de fraturas de crânio, e, em seguida por motivos mágicos — com mais freqüência na região sincipital, mas, por vezes, também em zona mais anterior ou, então, na região occipital. A operação era executada por meio de sílece ponteagudos movidos rapidamente em círculo. A trepanação era praticada também no cadáver a

fim de retirar do crânio de alguém já trepanado em vida, que assim se podia ter tornado taumatúrgico, pequenas rodela de osso, que serviam de amuleto. Estes ossos trepanados foram encontrados em todas as partes do mundo. Isto constitue outra prova de similitude da medicina dos povos antigos com a de raças que vivem hoje em um nível mais baixo de civilização. De fato, a trepanação pelos métodos primitivos era praticada em épocas relativamente recentes entre certas tribos das ilhas Bismarck, na Bolívia e no Perú, e foi encontrado por um missionário inglês, Ella, em 1874 na prática dos habitantes das ilhas Lealdade, que faziam curiosas incisões em cruz ao longo das suturas coronárias e sagital. Monouvrier encontrou a mesma mutilação em um crânio neolítico e lhe deu o nome de «T Sincipital».

A neoformação de osso em torno dos bordos da trepanação mostra que, não raro, a operação proporcionava bons resultados terapêuticos.

Algumas vezes, chegaram a encontrar mesmo cinco aberturas em um crânio feitas quer para retirar amuletos, quer para permitir a saída dos demônios nos estados convulsivos recorrentes. Em alguns casos quadriláteros de osso foram retirados por uma das incisões em cruz. Os modernos estudiosos deste

interessante assunto mostraram que, dêste modo, o crânio pode ser trepanado em pouco mais de meia hora. Habitualmente, senão sempre, atordoavam o paciente ou tornavam-no inconsciente por meio de poções suporíferas. A trepanação é ainda praticada por muitos povos modernos, por exemplo os Kabilas da África do norte, as tribos dos montes do Dagestão, os povos de muitas partes de Melanésia e foi praticada na Europa pelos Montenegrinos.

Tôdas estas operações devem, sua origem, sem dúvida, mais a conceitos demoníacos ou mágicos que a idéias de terapêutica.

Devemos procurar em idéias similares, a origem de mutilações dos órgãos genitais, operações que remontam aos tempos mais longínquos e são ainda praticados pelas raças não civilizadas.

E' antiga também a prática da infibulação, da castração e da circuncisão.

A operação chamada «mica» (uretrotomia externa), feita para imitar a vulva da mulher e limitar a procreação, ainda é usada por certos povos australianos.

Estas operações mutilantes algumas vêzes substituem os sacrificios humanos que ocorriam entre os povos primitivos e assumiram, mais tarde, significados simbólicos. A circuncisão está espalhada na África

Equatorial, onde é chamada «ganza». E' quase sempre praticada coletivamente, em geral uma vez por ano, e separadamente em cada sexo. As moças, em geral, de 15 a 16 anos, ficam sentadas no chão, com as coxas afastadas. O operador retira o clitoris com uma faca recurvada, mas quase sempre mutila também os pequenos labios e, algumas vêzes, os grandes. Na região de Ubange e Chari está muito espalhada esta mutilação ritual.

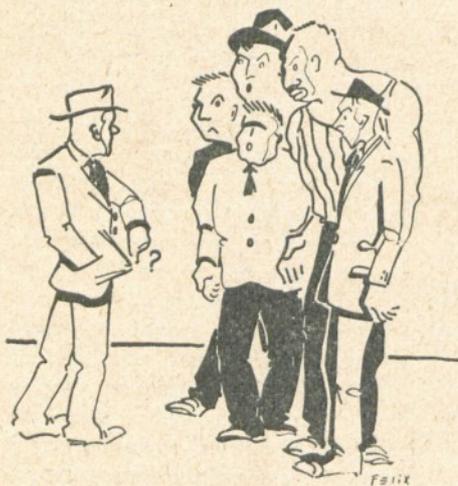
A cirurgia seguiu, pois, as mesmas linhas da medicina e da terapêutica. Juntamente com operações que provinham de conceitos mágicos, encontramos outras que tinham fins práticos. Em esqueletos de épocas muito primitivas, encontramos amputações e outras provas de operações racionais. Serras neolíticas de pedra foram encontradas com as quais se podiam amputar membros em poucos minutos. Facas, serras e fios, bem como muitos outros instrumentos cirúrgicos eram usados na época do bronze. A primeira e mais antiga época da história da medicina encontra seu paralelo — poderíamos dizer, quase, sua imagem mais fiel — na medicina atual das raças primitivas modernas e isto não deveria espantar aquêles que sabem que é entre êstes modernos primitivos que podemos observar as formas de vida social e individual dos primeiros homens».

NOSSOS CLICHÊS SÃO CONFECCIONADOS

— PELA GRAVARTE LTDA. —

Prendeu cinco homens, com um cachimbo

Ten. Monte Serrat F^o



EM PRINCÍPIOS de 1951, os 350 mil consumidores de carvão vegetal do maior Centro Industrial da América Latina, estiveram às voltas com os varejistas do combustível tão empregado pelos moradores dos bairros proletários.

As reclamações choeram no Departamento de Fiscalização da antiga Comissão Estadual de Preços.

Os retalhistas roubavam no péso e no preço.

A tática seguida no combate ao câmbio negro foi a do ataque direto aos varejistas. Presos, os primeiros infratores jogaram a culpa nas costas dos atacadistas, alegan-

do já comprarem a mercadoria a preços acima da tabela. Estes foram seguidos e pilhados também na prática do mercado negro, sendo devidamente processados. Debatendo-se nas malhas da lei, defenderam-se, estes últimos, acusando os produtores. Davam êles o impulso inicial na arrancada dos preços. A transação era feita nas entradas da Capital e os burladores do tabelamento cercavam-se de todas as cautelas para fugir à fiscalização.

O Diretor do Departamento, cap. Jayme dos Santos, designou para a ação o solerte investigador, segundo sargento Ozar de Oliveira, que, devidamente travestido de comprador de carvão, passou a freqüentar a entrada de São Paulo, nas alturas do Instituto Butantã.

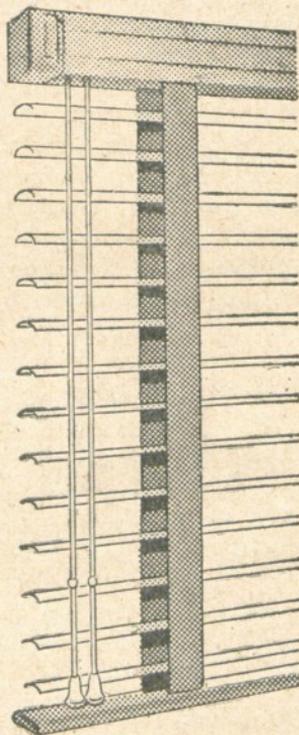
No dia 19 de maio, de manhãzinha, quando a neblina ainda não permitia distinguir os vultos a poucos metros de distância, chegou o primeiro caminhão, vindo de Capão Bonito, com um carregamento de 139 sacas do procurado combustível. Seu proprietário, acompanhado de dois assalariados, passou a oferecer o carregamento a Albano Antônio Mangano. O preço era o tabelado e mais Cr\$ 600,00 «por fora».

PERSIANAS DE ALUMÍNIO



na côr de sua preferência e
colocadas em apenas 5 dias

**mais modernas
mais atraentes
mais duráveis
mais práticas**



LOJA Kirsch

Aberta
às 2as. •
6as. feiras
até às
22 horas

Rua Cons. Crispiniano, 115 Tel. 32-6041 - São Paulo
Santos - Rua João Pessoa, 16 - 4.º and. - sala 408

COMPANHIA MECHANICA E IMPORTADORA DE SÃO PAULO

Standard

Esse «por fora», iria sair, no fim das contas, do bolso do consumidor.

Nesse interim, pára, a cem metros, a massa volumosa e escura de outro veículo transportando a esperada carga. Estê vinha de Sorocaba. Eram 134 sacas.

O sargento perturbou-se por instantes, pois a «caça», esquivava até então, apresentava-se abundante. Um só fiscal lavrar dois flagrantes, era tarefa quase irrealizável. Alguns colegas já o haviam tentado com resultado completamente negativo, ou seja, com a fuga dos dois «pássaros». No entanto, o desejo de um recorde na realização de flagrantes, foi maior e o nosso «sherlock» decidiu-se a conquistá-lo.

No instante em que Estevão Correa de Queiroz, o dono da mercadoria, recebia de Mangano o preço tabelado e mais o «por fora», apresentou-se o sargento Ozar. Identificou-se, apreendeu a nota de venda, a importância dada pela vítima e o trôco voltado pelo infrator, colhendo assim as provas materiais do crime.

— O sr. está prêso e vai acompanhar-me até à Fiscalização da C.E.P.!

Nisto, desceu do caminhão o chofer e seu ajudante, êste um negro brutamontes, de quase dois metros de altura, com o aspecto de um gorila raivoso e foi logo dizendo ao fiscal: — Que prêso, que nada, siô. Você já viu um homem prendê treis, sem mais nem menos? Devolva o dinheiro do patrão se você não quiser entrá no braço.

As palavras foram seguidas de imediata ação. Avançou resolutivo, com as manoplas dirigidas ao pescoço do sargento que, diga-se de passagem, usa colarinho trinta e seis. Se ao fiscal faltava a massa física sobrou-lhe, no entanto, agilidade e presença de espírito. Saltou de lado, meteu a mão no bolso do paletó e apontando para o peito da «fera», gritou: Não se mexa cabra safado porque senão eu te mando pro outro mundo. O mastodonte olhou para o bolso do fiscal, com o pano espetado na sua direção, e, amedrontado desistiu do seu intento. O sargento continuou: Ninguém se mexa. Tenho oito balas na pistola. Se tiver que atirar em alguém, atiro logo nos três. Desgraça pouca é bobagem. Agora vocês vão andando de vagar, como quem não quer nada, para o lado daquele caminhão que está lá na esquina. Eu vou atrás e se alguém tentar fugir, já sabe...

Os infratores e a vítima dirigiram-se para o ponto determinado, seguidos de perto pelo agente fiscalizador. A uns quarenta metros, pôde o sargento perceber que a transação estava se processando. Ordenou, então, ao pessoal que parasasse. — Vamos fazer que estamos conversando. Com um ôlho nos prêsos e o outro no objetivo próximo, esperou que a venda se efetuasse. Nem bem o comprador, Antônio L. Alves, recebia das mãos de Diniz Tardeli o trôco do pagamento realizado, repetiu-se a cena anterior, sendo prêsos o último e seu preposto, Benedito Zitor Pinto.

Agora era preciso levar essa gente tôda, inclusive mercadoria, pa-

ra a Delegacia de Ordem Econômi-
ca, a mais de doze quilômetros de
distância. A fuga importaria na que-
bra do flagrante. Mas ao nosso in-
vestigador isso não constituiu pro-
blema. Deu, por escrito, ao chofer
do primeiro caminhão o itinerário
a ser seguido e advertiu-os: — Eu
vou atrás, no «jeep». Tentou sair
da rota marcada, eu atiro no pneu
e depois a coisa piora.

Nessa manhã o Plantão da Or-
dem Econômica recebeu na sua De-
legacia os cinco presos, as duas ví-
timas e a excelente prova material
do crime. A autoridade policial, mui-
to admirada, perguntou ao condutor:
Como é que você conseguiu fazer
isto, sargento? Fleumáticamente, o
sargento mete a mão no bolso di-
reito do paletó, saca dali um velho
cachimbo e mostrando a todos que
o cercavam diz: E esta «arma» dou-
tor, não vale nada?

O Plantão deu boas risadas e
os infratores ficaram de queixo caí-
do. Quem quase chorou de raiva foi
o preto massa bruta, que não se
cansava de dizer ao Delegado: Pa-
rece até mentira doutô. Eu, no Pa-
raná, infrentei uma vez seis solda-
do armado de refe. Cisquei à vontade
e ninguém me levou. Hoje, um ho-
mem armado de cachimbo, prendeu
cinco. Ah! tô desmoralizado, doutô.

A notícia correu até o aloja-
mento dos investigadores da polícia
civil. Estes quiseram conhecer o
autor do feito surpreendente. Um
dêles, dirigindo-se ao sargento, com
ares de conhecedor do «metier», pôs-
se a doutriná-lo: Você devia ter fei-
to assim e assado e depois devia
ter levado o seu trinta e oito, ao
que respondeu calmamente o sar-
gento: Bom, prender armado de re-
vólver, qualquer um prende. O duro,
o difícil, é prender armado de ca-
chimbo.



PREFIRA O NOVO PACOTE DE 400 GRAMAS

AMIDO DE MILHO

MAIZENA
DURYEA

MARCAS REGISTRADAS

**É MAIS PRÁTICO, HIGIÊNICO E
MAIS BARATO!**

HISTÓRIA

Cap. Felix B. Morgado

Ilustração do autor

E DUARDO ia devagar, sem pressa. Não ia a lugar nenhum, aliás. Saíra assim, sem saber por que, com certeza levado por um estímulo partido



do subconsciente. Um ato apenas, como o seria também entrar em algum lugar, ou parar e ficar, por longos minutos, numa atitude estática, como se

todos os músculos quisessem distender-se ao mesmo tempo. Seria engraçado — pensou Eduardo — ficar assim, numa atitude erecta, como um obelisco, surdo e mudo; todo mundo parando, sob poderosa sugestão, espantado e curioso, para ver um homem brincando de poste de eletricidade! Essa é boa! Tem-se cada idéia! Todos nós levamos na cabeça uma dosezinha de loucura, essa é a verdade. Erasmo de Rotterdam, êsse mesmo — se não lhe falhava a memória — tinha escrito um livro elogiando a loucura. Ora, veja! Há de tudo neste mundo. E tudo pode acontecer sôbre a Terra. Pode não, acontece mesmo. Depende de durar-se um pouco para ficar sabendo de milhares de fatos muito próximos do impossível. É por isso que a gente não deve refletir muito sôbre o que acontece. Bom é andar sem compromissos, sem itinerário ou hora marcada para chegar. Chutar pedrinhas invisíveis, assobiar se der na telha, parar na esquina com as mãos metidas nos bolsos, ou olhar o interior duma casa por uma janela aberta. Isso tudo são vontades que todos têm, mas que poucos satisfazem, por êste ou aquêle motivo. Tolice. Que há de mais distrativo que brincar com tostões no fundo do bolso ou assobiar u'a melodia em moda?

Eduardo ia vagorosamente, assim como um indivíduo que não quer chegar nunca. Como quem vai ao dentista.

Eduardo sorriu. Boa comparação. Parou numa esquina. Havia uns garotos jogando futebol. Um dêles apossou-se da bola, driblou vários adversários e chutou contra um golzinho marcado por dois paralelepípedos. Foi gol. Um gol espetacular, como diria qualquer locutor de rádio. Um garoto de rosto afogueado virou-se para o goleiro — um negrinho de canelas finas e pés grandes — e disse, zangado: “Frangueiro, pexote”. Pexote... essa palavra tinha outro significado para Eduardo. Sim, outro sentido. “Mando-lhe um beijo. Da sua Pexote”. Tinham-lhe escrito atrás dum cartão postal. Um cartão que viera de longe, num saco do correio, que viajara de trem, que lhe entregaram dentro dum envelope. Um cartão postal onde havia uma piscina cheia de gente alegre a esborrifar água, sob o sol dum dia claro, claríssimo. Uma piscina duma dessas cidades de estação, habitada por gente jovial, que se veste de trajes coloridos e que gosta de dançar e mergulhar nas águas azuis duma piscina como a do cartão. “Mando-lhe um beijo...” Pexote... ora veja. Uma palavra que para êle significava uma lembrança doce, suave, bôa, na boca dum moleque irritado! Mas a culpa era sua. Que idéia chamar de Pexote uma criatura como Leonor! Não era difícil de compreender, porém.

Fôra numa noite morna, depois de andarem bastante tempo juntos, por ruas mergulhadas no silêncio. Ao passarem por um trecho mais sombrio, Eduardo tentou roubar-lhe um beijo. Leonor esquivou-se, medrosa. Eduardo pegou-lhe no queixo delicado e lhe disse baixinho: “Pexote”. E ficou a palavra significando uma expressão quase carinhosa. Engraçado. Como as palavras podem dizer várias coisas ao mesmo

tempo! Pexote, por exemplo. Quantas recordações, quantos momentos inefáveis, quanta incerteza e quanta ansiedade resumia essa palavra que poderia passar por vulgar! E quanta saudade, quanta saudade!

Eduardo quis evitar que o passado tomasse conta dêle. Não saíra à rua para relebrar. Coisa passada é coisa morta. E recomeçou a andar, pois ficara, sem o perceber, parado no meio da rua, por longos minutos, voltado para o passado, como um obelisco surdo e mudo, enquanto que várias pessoas o tinham ficado a observar, espantadas ou curiosas.

Houve até uma que chegou a dizer, condoída com a sorte daquele homem tão moço: “Há de tudo neste mundo de Deus!”.



Cel. Alfredo Feljó

Saudade

(Especial para "Militia")

*Saudade, doce travor,
Festim de amarga alegria;
Lembrança plena de dor,
Carpindo atroz agonia!*

*Saudade, branda tormenta,
Vulcão adusto no peito...
A dor, profunda e cruenta,
Revive o credo desfeito!*

*Saudade, chôro que estala,
Romance longe vivido;
Prelúdio do ôrco que fala,
Suspiro de ente querido!*

*Saudade, canto plangente,
Cansaço ao longo da estrada;
Lamento da alma doente,
Requinte de água passada!*

*Saudade, mansa tristeza,
Penumbra feita de arminho...
Batalha aberta à crueza,
A sombra de ímpio caminho!*

*Saudade, flôr desfolhada
Sudário do éco ridente;
A vida — morta a alvorada,
Procura a luz do poente!*

*Saudade, farpa da vida,
Que o tempo na alma cravou;
Ventura da aura perdida,
Que uivando, o vento levou...*

*Saudade, muito parece
Com vinhos de eras passadas:
Por velha, gôsto oferece,
Por gôsto, chora às caladas!*

*Saudade, triste alegria,
Alegria vinda da dor;
Se a noite foge do dia,
O orvalho corre p'ra flor!*

*Para matar a saudade,
Em mãos há pronto remédio:
Buscar a própria saudade,
Na própria fonte do tédio!*

José Silva - Tecidos, S. A.

(Casa fundada em 1885)



End. Telegráfico «SILVIUS»

CAIXA POSTAL, 445

TEL. 43-28-95 (REDE)

RIO DE JANEIRO, D. F.

TECIDOS E ARTEFATOS DE TECIDOS EM GERAL
— IMPORTADORES E EXPORTADORES —

FORNECEDORES DAS FÔRÇAS ARMADAS, INCLUSIVE
DA FÔRÇA PÚBLICA DO ESTADO DE SÃO PAULO

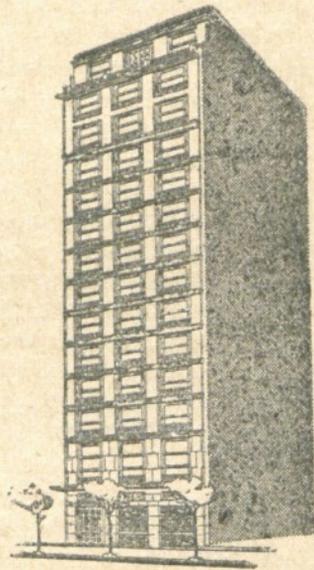
Departamento de vendas
em SÃO PAULO (Capital)

Av. Nova Anhangabau, 702-3.º, Sala 32

Caixa Postal, 3021 —

En. Telegráfico, "SILVIUS"

Telefone: 33-2662



Sede no Rio de Janeiro

Escola de Polícia de São Paulo

Ten. Cel. Alves Mata
da P. M. de Alagoas

Segundo alguns autores, não cabe ao Estado de S. Paulo a primazia de ter criado a primeira escola de polícia. Não importa, porém, esse fato. Idéia boa muita gente expõe. Difícil é torná-la realidade, obra útil, proveitosa. Se foi o Estado do Pará o pioneiro, não soube cultivar a boa semente. Deixou fracassar a idéia.

Quando falo em escola de polícia, sinto qualquer coisa que me incomoda, conturba, punge mesmo o velho coração fatigado de sofrer pelos males dos tempos e dos costumes arraigados dos homens...

No meu Brasil onde campeia o método fácil de conseguir confissão «espontânea» dos delinquentes, onde só teoricamente se aplica o sadio princípio dos criminalistas, por que tanto se bate nosso ilustre professor de «Introdução à Criminologia», Hílário Vieira de Carvalho, livre docente da Faculdade de Medicina Paulista, que nos ensina: QUANTO MAIS DOENTE O INDIVÍDUO MENOS CRIMINOSO — uma escola de polícia vale como dose homeopática aplicada a um organismo corroído por vírus de moléstia grave, quase incurável...

Rio de Janeiro e S. Paulo têm boas escolas em pleno funcionamento, mas esses jornais dizem tanta

coisa de impressionar! Que fazer, então? Desanimar, não! Continuar tomando as doses, confiante na cura, embora em futuro remoto.

Efetivamente, entre as obras dignas de atenção, na terra dos bandeirantes, não se pode deixar à margem sua Escola de Polícia, instalada em magnífico edifício, de 3 andares, infelizmente já se mostrando pequeno para suas acomodações.

As finalidades da Escola de Polícia, de acôrdo com o seu regulamento, aprovado pelo decreto 19081, de 11 de janeiro de 1950, são :

- a) — ministrar ensino superior, técnico e profissional, no âmbito da Criminologia e disciplinas afins;
- b) — realizar pesquisas nos vários domínios da cultura que constituem objeto de ensino;
- c) — formar pessoal habilitado e organizar, dirigir e executar serviços referentes aos órgãos da Secretaria de Segurança Pública do Estado;
- d) — promover o aperfeiçoamento ou a especialização de servidores em exercício nas diversas carreiras e séries funcionais específicas das repartições policiais.

Para cumprimento desse programa há cursos superiores: Criminolo-

gia e Criminalística; cursos técnicos: Preventivo de Falsificação de Documentos e de Detetives; cursos de formação: Escrivães de Polícia, Radiotelegrafistas, Guardas Cívicas e Inspetores e Guardas de Presídios.

Ora, sendo a Polícia de S. Paulo moldada em carreiras, uma escola de polícia é um complemento lógico, imperiosa necessidade.

Lá de fora, fui atraído para este ambiente com irresistível tentação e consegui matricular-me em um dos cursos superiores. Coube-me a ventura de freqüentar um meio em que se ministra aos delegados de Polícia aquilo que sempre procurei aplicar, a meu modo, durante os períodos em que tenho exercido essas funções no território do meu Estado. Além deste prazer, foi-me dada a alegria de ter como colegas de curso dois estudiosos oficiais das Polícias gaúcha e sergipana.

Acompanho com entusiasmo sempre crescente a progressão do ensino, lamentando apenas ter despertado tão tarde, embora alimente a esperança de que por este estabelecimento venham passar outros colegas, para que a semente se irradie para todos os Estados da Federação.

A missão do policial, especialmente a preventiva, requer qualidades especiais de ponderação, conhecimentos técnicos e profissionais. Tudo evolue e a «arte do crime» não foge à regra. A guerra nos mostrou novos rumos a seguir em matéria policial. Temos que avançar, pro-

gredir e não há outro caminho senão pelas escolas.

E a detestável missão repressiva? Quanta coisa velha, desprezível e quanta coisa nova sem aplicação! Que riqueza nos oferecem as papilas e como ainda somos indiferentes ao largo uso de seus estudos e aproveitamento.

Ninguém negará que se os delinquentes soubessem que seriam identificados após a prática de um delito, por certo, não o praticariam. Pois bem, se a dátiloscopia é a prova infalível na identidade, por que não a usamos em maior escala, de maneira a permitir seu emprego com mais eficiência?

Por que não se começa pelos grupos escolares mantidos pelos Estados, escolas rurais e propriedades agrícolas, etc.?

Não custa quase nada a instalação de um posto de Dátiloscopia.

Voltemos à Escola de Polícia. Será que vive a vida mansa que deveria ter instituição desta natureza? Não. Sofre também. Não é de estranhar isto. Um organismo que tem por finalidades remodelar mentalidades, aplicando métodos científicos em substituição ao empirismo de fácil execução», só não sofrerá hostilidades quando os seres humanos começarem a aprender nas escolas primárias que o desgraçado delinquentes merece também um pouco de piedade. Quando os meninos não gargalharem mais à passagem de um mendigo, quando, enfim houver mais compreensão e mais respeito à dor alheia.

FUGAS DE PRESOS

Ten. Evandro F. Martins

José dos Santos, um pretinho de vinte e dois anos, desconhecido, de um momento para outro tornou-se a figura mais odiada em Piracicaba, em fins de agosto de 1949, pelo fato de, em prosseguimento de sua vida criminosa, haver assassinado a espôsa de um joalheiro, quando, na residência do mesmo, foi surpreendido efetuando um roubo. Não foi esta a primeira vez que agiu em Piracicaba, pois, anteriormente, já havia sido pihado no interior da residência de um catedrático da Escola Superior de Agronomia, tendo, nessa ocasião, conseguido fugir, imobilizando o professor, com um revólver.

Após haver assassinado a espôsa do joalheiro, conseguiu fugir daquela residência, e ainda tentou alguns roubos em mais duas casas.

Às seis horas e meia, estava embarcado no primeiro trem da Paulista, quando a Polícia, em seu encalço, foi procurá-lo naquela estação. O Delegado Adjunto, alguns soldados e guardas noturnos entraram em um dos carros, e, à vista da Polícia, José dos Santos não se conteve, denunciando-se, ao saltar por uma janela. Foi perseguido e prêso por um empregado da Paulista, em um dos lenheiros do pátio ferroviário. Daí, até mais alguns dias, sempre havia populares curiosos e revoltados, à frente da Cadeia Pública local, que é conhecida, há muitos anos, por "Palacete do Gavião".

José dos Santos, analfabeto, delinqüente perverso, passou a ser sinônimo de repugnância, na "Noiva da Colina".

Pois, bem! Êste homem, objeto de todo o cuidado das autoridades, conseguiu fugir da Cadeia Pública de Piracicaba, com relativa facilidade.

Estava recolhido a um xadrez bem proximo à sala do carcereiro, e bem à vista da sentinela interna. Do outro lado do corredor, junto ao corpo da guarda, está o xadrez número 1, onde estavam recolhidos alguns presos sentenciados, entre os quais um foguista da marinha mercante, que nesta cidade foi processado por estar passando, criminosamente, por oficial superior da Marinha de Guerra. Êste prêso, conhecido por "Tenente", tem grande facilidade para a bela arte de pintura e matava seu tempo pintando quadros que oferecia ao povo, obtendo, assim, algum dinheiro.

No dia 12 de janeiro do ano seguinte, um soldado do destacamento que já aguardava sua exclusão da Fôrça Pública por sentença judiciária — pena acessória de perda da função pública — algumas horas antes de embarcar para a sede do Batalhão, introduziu, no xadrez do "Tenente", quatro serras adquiridas no comércio, por oito cruzeiros. Para melhor ajustamento à essa ação indigna, deveria ter adquirido as referidas serras por trinta dinheiros. Tais objetos permaneceram algum tempo no referido xadrez, sendo que dois déles

foram encaminhados ao xadrez de José dos Santos, escondidos em um quadro que "Tenente" oferecia ao prêso "Bauru". As duas serras foram colocadas entre a tela e a madeira, e o quadro foi levado de um xadrez a outro, por um sentenciado que gozava de certa liberdade, pelos corredores e pátios internos. Êste, sem o saber, e com o consentimento dos carcereiros, entregou o quadro a "Bauru".

Daí por diante, começou a observação de José dos Santos à conduta dos carcereiros e dos soldados que constituíam, em turmas certas, a guarda da Cadeia Pública.

Verificou, inicialmente, José dos Santos e um prêso do xadrez de "Tenente", que os carcereiros não faziam a revista regulamentar aos xadrezes e não batiam as grades, aos domingos. Mais alguns dias de observação e verificaram que os carcereiros também não batiam nos varões verticais inferiores das grades das portas dos xadrezes.

Pronto! Nestas falhas foi baseada a ação.

José dos Santos começou a serrar o varão vertical mais próximo aos gonzos da porta, sendo acompanhado por outro prêso do xadrez do "Tenente", aproveitando-se, ambos, das altas horas da noite, quando a sentinela interna ia até o fundo do corredor e aos corredores laterais, para verificar os outros xadrezes.

No noite de 12 de março, tudo ficou preparado para a madrugada seguinte. Foi feliz. Tudo decorreu, normalmente, até que às seis horas, a sentinela — um soldado inexperiente, removido de uma cidade bastante pacata, para Piracicaba — num gesto de cama-

radagem para com o carcereiro que dormia, foi tocar o sino da Cadeia, e aproveitou para lavar o rosto em um tanque do pátio externo. Neste instante José dos Santos quebrou o varão e saíu do xadrez, ficando já no corredor de entrada, atrás da porta que estava aberta. O soldado voltou para o interior da Cadeia e foi bater à porta da sala do carcereiro, entrou na referida sala, iniciando uma palestra com o mesmo.

Neste ínterim José dos Santos deu volta ao prédio, pois pretendia saltar o muro na parte trazeira da Cadeia e ganhar o jardim do largo do "Gavião", onde também seria auxiliado pelo arvoredado e pela densa cerração, habitual nas proximidades do rio Piracicaba.

Contudo, ressentindo-se de um antigo ferimento, na coxa esquerda, não conseguiu galgar o muro; completou a volta à Cadeia, e, quando já se aproximava do portão principal, foi percebido pelo carcereiro, mas êste jamais iria pensar que fôsse o José dos Santos. Mesmo assim, saíu em perseguição ao tal vulto, não conseguindo alcançá-lo.

Quando voltou à Cadeia, ouviu um prêso dizer que José dos Santos havia fugido. Em seguida, do xadrez de "Tenente", outro prêso denunciou um varão serrado da mesma maneira e no lugar exato em que José dos Santos serrara, na porta de seu xadrez, apenas não se consumando a fuga, pelo fato de que, na hora em que o varão ia ser quebrado, o cabo Aristides Anastácio, que comandava a guarda, movendo-se em sua cama, fêz com que o prêso julgasse que o mesmo estivesse acordado e iria ter a atenção voltada para o pequeno estalido.

A notícia da fuga foi uma verdadeira bomba, em Piracicaba. Justamen-

te a "menina dos olhos" da população havia batido as asas...

Logo em seguida foram organizadas as diligências e a estação de rádio local, a P.R.D. 6, começou a noticiar o fato, com uma descrição completa do fugitivo.

Dessa maneira, foi possível colocar tôda a região vizinha, de sobreaviso. José dos Santos, porém, foi esperto mais uma vez. Não deixou uma pista sequer. Ganhou as margens do rio e aí se apoderou de um dos inúmeros barcos dos pescadores da rua do Pôrto, descendo o curso d'água ao sabor da correnteza, encoberto pela cerração. Quase perto de Charqueada, abandonou o barco e se embrenhou pelo mato, o que foi sua perda; por não conhecer a região, obrigado a andar pelos caminhos. No dia seguinte, havia sido localizado. No outro dia, à noitinha, foi recapturado com o auxílio de três boiadeiros que o espreitavam a serviço

da polícia e reconduzido ao "Palacete do Gavião", onde continuou a permanecer mudo e taciturno.

Como verificamos, a fuga foi possível devido à falha na revista aos xadrezes, aos domingos, e ao fato de não serem batidos os varões inferiores das portas. A estas falhas, associaram-se a inexperiência de um soldado que servia em uma cidade sem movimento policial, e o fato de um homem não ter dignidade para bem cumprir seus deveres até o último instante em que envergasse o uniforme da Corporação.

Enfim, tudo se esclareceu, e aquêle que auxiliou uma fuga, hoje, está prêso, por ironia do destino, em Pôrto Feliz.

José dos Santos foi julgado recentemente e cumpre, atualmente, na Penitenciária do Estado, a pena de 25 anos, 6 meses e 20 dias de reclusão. "Não há cadeia inexpugnável, sem uma vigilância completa e constante" eis o ensinamento.

Se você deseja obter qualquer das fotos insertas nesta revista, procure:

FOTO "DUQUE DE CAXIAS"

Especialista em reportagens fotográficas militares, policiais e esportivas.

Rua Libero Badaró, 651 — 2.º andar — São Paulo

As mulheres são mais sábias que os homens, sabendo menos compreendem mais.

James Stephens

"Mignon" Vai onde você quer...

O Rádio MASCOT!

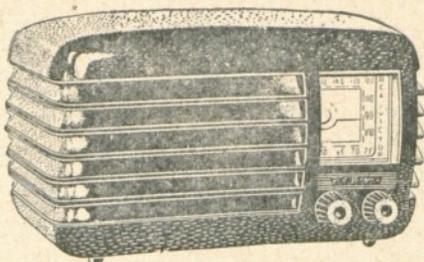
Um produto
genuíno da
RCA Victor

5 válvulas - com
antena interna
para facilitar
uma boa recep-
ção em qualquer
lugar...

Em 5 cores diferentes!

Marron Cr\$ 159,00

Em outras cores Cr\$ 895,00



Um receptor para todos os momentos
e todos os ambientes

Compre agora escolhendo, você
mesmo, as condições de pagamento
em

CASSIO MUNIZ S/A

Importação e Comércio

PR. DA REPÚBLICA, 309 - Esq. Arouche

QUEM POSSUE RECOMENDA... RCA VICTOR

Determinação e desenvolvimento do VALOR PESSOAL

Segundo de uma série de trabalhos de tradução e adaptação de instruções sobre o assunto, em vigor na Polícia Rodoviária do Estado de Ohio, E. U.

DETERMINAÇÃO DO VALOR PESSOAL DO HOMEM E SEU DESENVOLVIMENTO

2 — APARÊNCIA

Sob este título se considera a aparência geral exterior do homem, evidenciada pela sua habitual elegância, pelo asseio e cuidado dispensados à sua pessoa, e pela aparência de seu uniforme e do seu equipamento pessoal.

A natureza do serviço policial exige que freqüentemente êle apareça perante o povo e que a atenção dêste se concentre sobre sí. Ela requer que êle se coloque em posição sóbria, com o objetivo de executar seus serviços.

Seu uniforme é idealizado de forma a ser conspícuo, para que êle possa, quando necessário, prender a atenção do público.

Tôda a vez que a atenção de uma pessoa for atraída pelo homem em uniforme, essa pessoa receberá uma impressão. A impressão será favorável ou desfavorável.

Sua aparência ajuda a criar essa impressão. Na maioria dos contactos com o público, que são muito rápidos, sua aparência criará a impressão completa. Em contactos de natureza mais

durável, sua aparência criará a primeira impressão, que afinal é a mais duradoura.

Sabe-se, no entanto, que sob certas circunstâncias, será difícil ou impossível para o homem manter a si e a seu uniforme no padrão desejado. Certos tipos e particularidades de serviço são exemplos de tais circunstâncias. Também quando o homem for tirado da cama para um trabalho de emergência, pode ser que êle não tenha tempo para se compôr inteiramente como em circunstâncias normais. Tais casos excepcionais não devem ser levados em conta contra o homem, a não ser que êle demonstre lassidão em cuidar de sua aparência. Isto significa que, quando êle tiver uma oportunidade de se compôr em tais detalhes, deve fazê-lo, incontinentemente. Certos defeitos físicos dum indivíduo, conseqüentes de ferimentos recebidos no cumprimento do dever, e que não puderem ser corrigidos não devem ser considerados contra êle. Defeitos físicos que afetam sua aparência e que podem ser corrigidos com esforço razoável, devem ser considerados contra êle.

Um policial de aparência marcial e vigilante cria uma impressão de efi-

ciência na mente do público. Uma aparência desmazelada perante o público é uma indicação de dupliciência e ineficiência.

Na aparência de um policial-militar estão envolvidas três diferentes fases:

- 1 — A correção e condições de seu uniforme e equipamento pessoal;
- 2 — A aparência apresentada pela sua pessoa física;
- 3 — A aparência apresentada pela sua conduta e maneiras.

1 - Seu uniforme deve estar arrumado de maneira adequada, todas as suas peças vestidas e colocadas com correção.

Ele deve estar com o uniforme escalado para o dia.

O uniforme deve estar limpo, passado e escovado.

Todo o equipamento de couro deve estar engraxado.

Todo equipamento de metal, limpo e polido.

As condições de seu uniforme e equipamento devem ser boas, não mostrando evidências de colocação indevida ou falta de reparos.

Os bolsos não devem estar sobrecarregados.

2 - A aparência física do próprio homem deve refletir crédito para a organização e para si próprio.

Ele deve:

- ser fisicamente limpo;
- manter o cabelo aparado e corretamente penteado;
- estar bem barbeado;
- não mostrar defeitos físicos ou condições que são corrigíveis, tais como: maus dentes, condições de obesidade, postura desajeitada e defeitos semelhantes.

3 - Seu porte, enquanto na execução de serviço, deve ser marcial.

Ele deve evitar posições curvadas e desleixadas.

Manter as mãos fora dos bolsos.

Evitar encostar-se em paredes, postes, balcões, etc.

Em suma, deve portar-se de modo atencioso e com respeitabi-



1 PACOTE DE 400 GRAMAS

CUSTA MENOS

DO QUE 2 DE 200 GRAMAS!

AMIDO DE MILHO **MAIZENA** MARCAS REGISTRADAS
DURYEA

TRIANGULO

MILITIA

45

lidade enquanto executar seus serviços ou trabalho com o público.

II — SAÚDE E CONDIÇÕES FÍSICAS

O efeito de uma condição física sobre a aparência foi considerada no estudo da *aparência*.

O efeito da saúde do homem e de suas condições físicas sobre sua capacidade de executar qualquer serviço para o qual normalmente poderá ser designado, é sob este título considerado. De um modo geral, espera-se que suas condições físicas e sua saúde sejam de tal ordem que êle seja capaz de executar satisfatoriamente quaisquer serviços peculiares ao seu posto ou cargo.

Saúde ou condições físicas não satisfatórias podem afetar seu trabalho em uma de duas formas:

1 — Pode ser êle fisicamente incapaz de executar, em toda a linha, os serviços normalmente esperados;

2 — Sua saúde e condições físicas podem ser tais, que afetem suas ações e atitudes para com o público e outros, em detrimento de seu próprio valor para a corporação.

Qualquer condição física ou sanitária que tenha tal efeito negativo em sua eficiência ou valor para a corporação deve ser considerada contra êle, desde que não seja uma doença passageira e ocasional.

Uma doença ou moléstia que ocorre freqüente ou regularmente, ou que é de natureza duradoura, ou crônica, deve ser considerada durante o tempo em que prevalecer, sempre levando-se em consideração que a doença ou condições sejam de natureza das que afetam seu valor para a corporação.

Doenças sociais, e quaisquer outras condições físicas ou sanitárias, havidas em virtude de suas próprias ações ou vícios, devem ser consideradas. Regulares e freqüentes condições de flutuação causadas por sua própria indulgência são exemplos.

Um ferimento ocorrido no cumprimento do dever, que possa reduzir sua eficiência de qualquer modo, não pode, em nenhum caso, ser causa para que seu grau desça abaixo de 3 (três).

III - CONDUTA E PROCEDIMENTO

Por isso se entende seu comportamento pessoal quando fardado ou de serviço e sob certas condições quando de folga.

Sua conduta e procedimento devem ser considerados, toda vez que, vestindo seu uniforme, pela natureza de seus deveres, por declarações ou por outras maneiras, êle se identificar a outros como um membro pertencente à Fôrça Pública.

Melhor explicando: — sua conduta quando de serviço deve ser considerada quer envergue o uniforme quer não.

Sua conduta quando de folga deve ser considerada sempre que lance, aos olhos do público, o descrédito sobre a organização da Fôrça.

Não somente ações devem ser consideradas mas também declarações, observações e demonstrações de crença ou atitudes que se enquadrem no senso comum de conduta, procedimento ou comportamento.

É fato estabelecido que o comportamento de indivíduos da organização pode ter e têm um efeito na opinião pública acêrca da organização da Fôrça.

Se a conduta dos indivíduos for amadurecida, prudente e decente, a

impressão resultante da observação pública será, forçosamente, a de que a organização é madura, prudente e decente.

Se a impressão dada ao público é das que lançam em descrédito ao indivíduo, forçosamente ela lançará em descrédito a organização.

Conduta que traz descrédito a um membro da organização tende também a reduzir a eficiência de outros membros, porquanto ela destrói o justo orgulho da Fôrça, o respeito mútuo entre seus membros, e o seu MORAL, que é o incentivo da ação no sentido da realização do melhor trabalho.

Conduta e procedimento podem ser separados nos seguintes tipos:

1 — Conduta e procedimento prudentes;

2 — Conduta estável ou firme;

3 — Conduta moral e decente.

1 - Conduta e procedimento prudentes — como tal se entende uma conduta amadurecida contrastada com as tolices da juventude e as demonstrações e comportamento dos adolescentes.

2 - Conduta firme ou estável — Por isto se deve entender um comportamento dirigido em nível uniforme; contrastando com uma conduta estouvada e excitável, e um comportamento geralmente imprevisível.

3 - Conduta moral e decente.

IV — JULGAMENTO

Julgamento é a faculdade mental de decidir corretamente. É a qualidade que capacita o indivíduo membro da organização a analisar uma situação, e, depois de considerar todos os fatores

que a envolvem, chegar a uma decisão que seja tão efetiva como a que for tomada dentro dos requisitos estabelecidos pela organização.

O policial, ao tomar uma decisão relativa ao serviço, não está agindo como um indivíduo mas sim como um representante da Fôrça.

Sua decisão é aceita pelo público ou por qualquer outra pessoa como a decisão da Fôrça.

Cabe-lhe a responsabilidade de formular decisões que estejam de acôrdo com as medidas administrativas e intenções da organização, e reflitam crédito sôbre ela.

É seu dever tomar as necessárias decisões na execução de seus serviços.

É de sua responsabilidale tomar decisões prudentes e sensatas, com duplo propósito de conseguir uma operação efetiva e uma satisfatória manutenção de boas relações com o público.

Bom julgamento, ou seja uma decisão sã, requer:

1 — Conhecimento pleno do que tem de ser cumprido;

2 — Capacidade de análise ou desdobramento de todos os fatores e ângulos da situação a ser considerada;

3 — Estabelecimento de distinções no sentido de descartar-se das considerações irrelevantes ou influências;

4 — Utilização dos conhecimentos obtidos através das experiências adquiridas anteriormente ou de qualquer outra forma;

5 — Capacidade de compreender a situação presente em seu conjunto e seus possíveis futuros desenvolvimentos;

6 — Disciplina de si mesmo, capaz de levá-lo à decisão, impulsionado pela inteligência e não pelos sentimentos.

O *juízo* requer estabilidade, para uma apreciação calma da situação; requer capacidade de análise, que é a capacidade de decompor uma situação ou problemas criados; requer capacidade de discriminar, ou seja, a habilidade de utilizar fatos pertinentes e deixar de lado influências materiais ou exteriores; requer a iniciativa e a confiança em si mesmo para prosseguir e tomar a decisão; requer a imaginação e a visão necessárias que lhe dêem o sentimento do quadro completo da situação com seus possíveis desenvolvimentos.

Um indivíduo que possua as qualidades acima descritas demonstrará progressivamente, se o desejar, um melhor juízo, à medida que adquirir conhecimento e experiência.

Se ele não possuir as necessárias qualificações básicas seu progresso será lento e, de um modo geral, será capaz somente de tomar decisões de rotina em que a experiência anterior forneça suficientes exemplos ou então agir sob a direção imediata de outro indivíduo que possa tomar as decisões por si.

V — INTERESSE NA ORGANIZAÇÃO E NO TRABALHO

Por isso se entende o interesse ativo que ele tem pela organização e pelos seus objetivos e nele próprio como membro da organização.

Seu interesse no trabalho, significa seu positivo e ativo interesse refletido pela atitude e modo de cumprir seus deveres.

Seu interesse na organização se traduz pelo cuidado com relação ao sucesso e consideração de sua corporação.

Interesse ativo ou positivo significa o interesse pessoal que ele tem

pelo bem-estar da Força e pela eficiência no trabalho que ele próprio está executando e executará no futuro.

Interesse negativo é o interesse que diga respeito à organização tão somente no que ela lhe possa dar quanto à sua própria subsistência, e por dar-lhe de seu trabalho apenas o mínimo necessário que lhe garanta o emprego.

Um interesse ativo no seu trabalho e no da organização será demonstrado por uma atitude progressista relativamente a ambos. Então ele:

— tentará aumentar seus conhecimentos e competência;

— tentará conhecer e compreender inteiramente todas as fases do seu trabalho;

— preparará para o desenvolvimento futuro tanto o seu trabalho como da organização;

— estará ativamente interessado, na reputação, consideração e eficiência da organização;

— dirigirá seus esforços no sentido de manter ou melhorar tal reputação ou consideração e eficiência;

— tomará a posição de um membro ativo da organização, ao invés de um mero empregado dela;

— manifestará um desejo consistente de ver todo o trabalho seu chegar à conclusão;

— se preparará para a promoção ao invés de simplesmente mendigá-la ou procurar obtê-la por outros meios ilegítimos.

A falta de interesse pode ser evidenciada por sua tendência em dispendar o mínimo esforço possível ou seja:

— falta de interesse pela consideração e eficiência da organização;

— conhecimento mínimo do trabalho;

— maneira descuidada de desenvoltura de atividade;

— conhecimentos mínimos da organização, suas operações e objetivos;

— interesse principal concentrado nas horas de saída para as refeições ou para a folga;

— conformidade de permanência no posto que ocupa, sem demonstração de tentativa no sentido de obter u'a melhoria de salário trabalhando por ela.

VI — SOCIABILIDADE E CAMARADAGEM

Sob êste título considera-se a capacidade do homem em manter relações agradáveis com outros homens ou com aquêles com os quais êle vive e trabalha.

Atritos, discórdias e animosidades entre quaisquer homens que devem trabalhar juntos resultam, invariavelmente, na diminuição da eficiência.

Essa diminuição de eficiência envolve não sòmente os participantes ativos das querelas mas também os outros homens com os quais eles privam e trabalham.

O descontentamento produzido por uma condição de discórdia ou animosidade espalha-se a outros homens, com efeitos resultantes em suas operações.

Pelo motivo de deverem os homens de nossa organização viver e trabalhar em companhia de outros em grande parte de seu tempo, o problema é particularmente importante.

Resaltando, devemos dizer que o policial trabalhando em conjunto deve viver e trabalhar, como se atuando num quadro de jogadores de futebol, para que seus deveres se cumpram efetivamente e também para que cada um possa melhor proteger o companheiro

nos perigos e vicissitudes dêsse trabalho.

Quando estiverem sendo analisadas quais as razões do atrito entre homens de um destacamento, posto ou outro serviço de natureza diversa chega-se geralmente à conclusão de que uma das duas causas básicas o está produzindo:

1 — Individualismo exagerado ou falta de consideração pelos outros homens;

2 — Traços e hábitos pessoais irritantes.

1 — *O individualismo exagerado e a falta de consideração é evidenciada de muitas formas:*

— por atribuir-se o individuo todo o crédito por um trabalho feito em conjunto;

— pela escolha para desempenho do detalhe mais fácil ou menos trabalhoso de um serviço;

— por ostentar o auto-conceito de ser melhor do que os outros;

— por usar da autoridade de seu posto para que subordinados lhe façam o próprio serviço;

— por deixar de executar suas tarefas resultando disso, a outros, o terem que fazê-la;

— por serem descuidados com o equipamento que outros podem ter necessidade de usar;

— por obter favores adulando superiores;

— por atribuir a outros a culpa de seus erros;

— por um relaxamento geral ou maneira displicente de operar;

— por falta habitual de consideração pelos outros.

2 — *Os traços e hábitos pessoais* irritantes são os de natureza a infringir direitos de outros, ou os que suscitam a sua desconsideração.

Tais traços e hábitos são facilmente perdoados por um curto espaço de tempo, ou sob condições normais, mas quando se repetem freqüentemente ou quando são evidenciados num período de esforço e tensão eles assumem proporções maiores.

A chave para uma situação dessa espécie é uma questão de respeito e confiança m' tuos.

Este tipo de atrito nunca chegará a sérias proporções onde os homens, honestamente, cada um de per si, respeitarem a competência dos outros ou res-

peitarem a personalidade de cada qual, ou ambas.

Um forte sentimento pela competência e caráter de um homem tenderá a fazer com que seus companheiros sejam mais tolerantes com os seus pequenos erros e fraquezas, posto que haja, para isto, definitivamente, um limite.

Tanto o tratamento desconsiderado de companheiros como os traços e hábitos pessoais irritantes são corrigíveis.

A correção do primeiro é baseada no conhecimento de sua fraqueza e no próprio desejo de corrigi-la.

A correção do segundo envolve a auto-determinação de substituir seus modos irritantes por outros mais sociáveis até que estes últimos se tornem um hábito.

COOPERATIVAS REGIONAIS:

Santa Isabel — Jacareí — Santa Branca — São José dos Campos — Paraibuna — Taubaté — Pindamonhangaba — Roseira — Guaratinguetá — Lorena — Valparaíba — Aguai.

COOPERATIVA CENTRAL DE LATICÍNIOS

DO

ESTADO DE SÃO PAULO

Regist. M. A. sob n.º 4 e S.A. sob n.º 47

Escritório e sede central: (Diretoria 9-2658
Rua Dr. Almeida Lima, 523 Fones (S. Comercial .. 9-2659
SÃO PAULO (S. Técnica 9-2681

Sublime exemplo

A memória do bravo Ten. Joaquinzinho

*Ruge a metralha. No fragor da luta
A tropa avança num delírio forte
E, corajoso, o bravo chefe insulta
Os adversários, sem temor da morte.*

*Buscando a Glória no sorrir da Sorte,
Ele, fiel, em seu valor se exulta.
À sua gente exclama que — “Derrote!”
Julga a bravura do inimigo estulta.*

*E na volúpia rubra de vencer,
Não estremece ante o perigo ingente
E resoluto avança sem temer...*

*— Intrepidez! Cumprir veraz dever.
Ferido tomba. Cai soberbamente,
Honrando a terra que nos viu nascer! ...*

I Congresso Nacional do Cinema

TERÁ lugar na Capital da República, entre os dias 22 a 28 de setembro do corrente ano de 1952, o I CONGRESSO NACIONAL DO CINEMA BRASILEIRO.

Convocado pela totalidade dos produtores, distribuidores e exibidores de filmes, o congresso recebeu imediatamente o apóio dos críticos especializados mais independentes, dos trabalhadores da nova indústria e das autoridades.

Assinaram também o manifesto de convocação, os srs. Café Filho, vice-presidente da República, e o sr. Nereu Ramos, presidente da Câmara Federal de Deputados.

Convidado para presidir à sessão inaugural, o sr. presidente da República se propôs pronunciar o discurso de abertura.

Entre as questões que compõem o temário, destacam-se as referentes aos assuntos abaixo discriminados:

1 — Escassez de filme virgem, material que o Brasil ainda não produz e que os trustes estrangeiros se recusam a fornecer em escala que permita a ampliação do número de nossas produções.

2 — Plena liberdade para a compra de materiais e equipamentos cine-

Ortiz Monteiro

Professor de "História do Cinema" do Museu de Arte e produtor cinematográfico.

matográficos, não só dos países que nos tratam de igual para igual, mas, sobretudo, daqueles que nos ofereçam melhores preços e negócios mais desembaraçados.

3 — Revisão dos tratados com países estrangeiros que digam respeito à importação de filmes por parte do Brasil, no sentido de adquirirmos liberdade para importar produções de boa qualidade de todos os países, e no sentido de cessar a imposição de importarmos quase 100% de filmes estrangeiros unicamente de Hollywood.

4 — Fundação de um sindicato congregue a totalidade dos profissionais da indústria de filmes, sem distinção de funções, com a obrigatoriedade de inscrição desde o diretor até o operário.

5 — Estudo das possibilidades da instalação de fábricas de filme virgem no Brasil, levando em conta os estudos que vêm sendo realizado pelo cel. dr. Paulo Krug da Cunha Cruz, diretor geral do Serviço de Transmissões do Ministério da Guerra.

6 — Estudo do projeto de lei, já em trânsito na Câmara Federal, objetivando a criação do Instituto Nacional do Cinema, a fim de escoimá-lo dos dispositivos tendentes a transformar esse organismo em um super-dip da cinematografia brasileira, sob a égide do cineasta Alberto Cavalcante.

Todos esses assuntos, entre os demais constantes do temário, darão grande veemência aos debates, mas, servirão para ampliar a nossa consciência sobre todos os problemas que ainda hostilizam a indústria de filmes do Brasil.

O I CONGRESSO NACIONAL DO CINEMA BRASILEIRO servirá, sobretudo, para fraternizar em sólida união todos os profissionais dos vários setores da cinematografia nacional.

Unidos, os cineastas de nosso país encontrarão meios e modos para afastar os últimos entraves e para criar condições para a vitória final e definitiva desse novo e fascinante campo de trabalho, que em todos os estados adiantados do mundo forma na primeira linha da economia e da cultura.

Consumir

É um dever de patriotismo.

Produtos

É contribuir para o
desenvolvimento da
nossa produção

Nacionais

É ajudar a libertação
econômica do Brasil.

"Sem apôio industrial, as forças militares tornam-se impotentes".

Gen. Lawton Collins

Reservistas na Fôrça Pública

Ten. Diomar M. Torquato

QUISERA SABER contestar sem deixar transparecer sinais de crítica, porque esta nem sempre é bem recebida. Naturalmente, quem escreve constrói, ou imagina algo, o faz, a mais das vêzes, com boa intenção; tem os seus pontos de vista; estuda as dificuldades; equaciona e soluciona os problemas; e chega às suas conclusões. Depois dêsse trabalho todo, mudar-lhe a idéia, discordar do que foi dito, contestar as suas afirmações, sem criticar, é tarefa difícil. E é justamente o que eu queria fazer nestes rabiscos sôbre um artigo que abrilhantou as páginas de MILITIA em seu número 29 (julho-agosto de 52). Trata-se do trabalho de nosso superior, boníssimo camarada, ilustre oficial da P.M. de Alagoas, sr. ten. cel. Alves Mata, com quem tenho a felicidade de privar. É êle uma dessas pessoas que nos conquistam às primeiras falas. Não é preciso dizer aqui da sua simpatia, da sua lhanura. Quando soube que êle escreveu em MILITIA, fui correndo folhear suas páginas. Li àvidamente as "Diretrizes Montezuma" (pag. 20). Trabalho bonito e bem escrito. O tema abordado é palpitante. Assunto de nossa casa. Creio mesmo que de tôdas as P.M. do Brasil, porque fala sôbre instrução militar e instrução policial e logo ao iniciar diz: "Muito se tem discutido a respeito das polícias Militares."

CONTUDO CHEGANDO ao meio do precioso artigo, sou obrigado a dizer: perdão, coronel, não é assim que se faz em S. Paulo. Vejamos o arti-

culista, referindo-se ao recrutamento na F.P.E.S.P.: "Os homens, mesmo tendo certificado de reservista, mesmo tendo sido graduados onde quer que seja, passam seis meses numa instrução militar que me faz lembrar a velha Escola de Sargentos de Infantaria nos saudosos tempos de Araripe e outros..." Noutra parte, nosso prezado coronel apresenta dúvidas sôbre o destino dos nossos soldados, parecendo-lhe que estão sendo preparados para a guerra da Coréia. Quem escreve estas linhas é oficial instrutor na Escola de Recrutas do Centro de Formação e Aperfeiçoamento e, dentro desta, comandante do Agrupamento de Reservistas. Talvez não seja preciso apresentar outras credenciais para dizer que o Agt. de Reservistas tem um programa especial de instrução, elaborado pela nossa D.G.I., que muito difere do Programa Padrão de Recrutas e é sensivelmente reduzido no tempo e na parte militar. Basta dizer que os nossos recrutas, reservistas do Exército, Marinha e Aeronáutica, nem sequer fazem exercícios de campanha. A instrução policial, ministrada a êste Agrupamento, tem merecido um carinho todo especial, a ponto de utilizarem-se tôdas as horas e aulas prejudicadas por mau tempo ou quaisquer circunstâncias, na revisão da mesma, discussão e criação de casos concretos, etc., considerando-se ainda que uma aula de instrução policial dificilmente ou nunca se prejudica, por ser, na maioria dos casos, ministrada em sala. O programa de Edu-

cação Física desenvolve-se de maneira acentuadíssima para a instrução de ataque e defesa. O tiro de revólver é estudado em muitas das suas minúcias e praticado com atenção particular. O tempo de instrução é de dez semanas e mais uma para exame.

INDUBITÁVEL E INDISCUTIVELMENTE a instrução militar não é descuidada no C.F.A. da Fôrça Pública do Estado de São Paulo. Cuidamos aqui da formação e do aperfeiçoamento de toços os elementos integrantes da Fôrça Pública. E esta tem a sua missão definida nas Constituições Federal e Estadual — manutenção da ordem e da segurança Pública. E a base da manutenção desse tôdo coeso, uno, indivisível, disciplinado — agindo dentro de um sistema hierárquico — para dar cumprimento á sua missão, deve ser, tem que ser estruturada em sôlida e bem orientada formação militar. Assim o exige a disciplina; assim o exigem as diferentes atribuições dentro

da missão geral; assim o exige a nossa própria condição de “fôrça auxiliar.” Deixo implícito, na concepção geral, que os nossos soldados, devendo sempre ser empregados em misteres essencialmente policiais, devem manter viva a índole militar, no que diz respeito à disciplina, formação moral e apresentação.

O passado da F. P. E. S. P. está escrito em páginas gloriosas da Historia brasileira. No âmbito estadual, é um monumento. E isso está intimamente ligado a serviços policiais prestados e à participação em movimentos armados em épocas que as contingências nacionais impuseram tal necessidade.

Afinal, a instrução militar à Fôrça Pública impõe-se na formação de seus elementos, não sô porque ela é reserva do Exército, como também porque os reflexos de tais ensinamentos serão sempre úteis à execução dos misteres policiais.

E T E C L T D A .

Escritório Técnico de Engenharia Civil

Projetos — Construções — Arquitetura

Diretores responsáveis:

Dr. Luiz Pinto Lima
Dr. Américo M. Vaz
Dr. Emilio José Reichert
Ten. Geraldo M. Vaz

Escritório:

Rua Florêncio de Abreu, 36
5.º andar — Telefones: 52-3353
e 51-7417
— SAO PAULO —

O "GUARANY" TEÓRICO

Cap. Adauto F. Andrade

Segunda de uma série de lições

Estrutura do guaraní

O guaraní, em sua estrutura sintática, tem semelhança com certas línguas, as malaias principalmente, em que a parte regida se antepõe à regente, o específico ao genérico, o determinado ao que determina.

Os inúmeros monossilábos, de caráter construtivos, que se repetem indefinidamente na formação de um sem número de dicções, como, por exemplo: **pa, mo, se, ma, ta**, dão ao guaraní um caráter de língua monossilábica, em que cada sílaba contém a sua própria idéia. Porém, o guaraní não é monossilábica, dado às aglutinações que pode formar, como por exemplo:

o — ye = yapo — uca = pá — ma = pa ? Esta palavra é composta de sete elementos.

Não se pode estabelecer parentesco do guaraní com outras línguas, apenas por alguns poucos exemplos de semelhança, os quais se podem atribuir a mera coincidência.

Divisão fonética

O guaraní é notadamente variado em seus fonemas. Há palavras que se podem chamar de **estáveis** ou **ordinárias, nasais, oscilantes e aspiradas**. As primeiras não sofrem mudança, mesmo em contacto com outras dicções, tão pouco a ocasionam. Ex: po = mão. As segundas podem provocar uma mudança com a dicção que se lhes segue: (ãcã = cabeça). As oscilantes ou instáveis provocam a sua própria mudança, segundo o seu significado ou o seu lugar na frase (hesá, resá, tesá = o'ho). Finalmente as aspiradas, que principiando por **h** (som do **j** castelhano), muda essa letra para **r** (ere), se o precede um pronome ou substantivo regido (a hayhú ichupé, ha'e che rayhu = eu o amo, êle me ama).

EXTRATO DE TOMATE

ELEFANTE



100% PURO
GARANTIDO PELA CIA. CICA

É MELHOR E RENDE MAIS

Ag. Pettinoti

Palpitante entrevista traça novos rumos às Polícias Militares do Brasil

A "Folha da Manhã", vibrante e conceituado matutino paulista, deliberou instituir um inquérito público, através do qual técnicos e interessados possam focalizar problemas relativos à Polícia Militar de São Paulo, oferecendo soluções tendentes a orientar à plena eficiência o serviço policial do Estado.

Para levar a têrmo o objetivo a redação do jornal adotou a legenda — **Que fazer para aperfeiçoar a Fôrça Pública de São Paulo?** — e fixou dez itens a serem abordados, muito embora deixasse livre faculdade para discutir-se outros aspectos do assunto ventilado.

Como era de esperar-se, várias autoridades categorizadas já se manifestaram sôbre a matéria. Entretanto, a entrevista concedida à "Folha da Manhã", de 14 de setembro, pelo brilhante camarada, major Cantídio Nogueira Sampaio, advogado de escól e atual vereador à Camara Municipal de São Paulo, respondendo aos quesitos de modo altamente significativo para as Polícias Militares, teve a maior receptividade entre os elementos de nossa Corporação. Destarte, "MILITIA", como órgão da classe e cujo principal escopo é o estudo de assuntos técnicos policiais, não pôde furtar-se ao prazer e oportunidade de transcrever os conceitos expendidos pelo major Cantídio. Eis a entrevista em sua íntegra:

O primeiro quesito é o seguinte:
«Pode o Estado legislar livremente sôbre a organização de sua Fôrça Pública, em face do que dispõe a Constituição Federal nos artigos 5.º, XV, «f», e 124, XII bem como a lei federal n.º 192, de 17 de janeiro de 1936?»

«Livremente — responde o sr. Cantídio Nogueira Sampaio — não pode o Estado legislar sôbre a Fôr-

ça Pública. A limitação do Estado, no respeitante à sua capacidade de legislar quanto à Fôrça Pública, reside, exatamente, naqueles assuntos que a União reservou à sua competência exclusiva, através do artigo 5.º, XV, letra «f» da Constituição Federal.

«A lei federal 192, de 17 de janeiro de 1936, regulamenta a matéria em face do que estava nesse

sentido expresso na Constituição de 1934. E' mister uma lei da mesma categoria que esta última, pondo o problema nos seus termos atuais, de modo a explicar o alcance do pensamento constitucional na delimitação instiuida pelos artigos supra mencionados.

«Em suma, da capacidade do Estado para legislar sôbre a Fôrça Pública está excluído o que se refere à organização, instrução, justiça e garantias referentes à essa corporação, bem como as condições gerais de sua utilização pelo govêrno federal nos casos de mobilização ou de guerra».

«E' de salientar-se, porém, que a mesma Constituição de 1946, no seu artigo 183, traça a competência das polícias militares, quando as institui para segurança interna e a manutenção da ordem nos Estados, nos Territórios e no Distrito Federal».

«Daí se infere que, além das restrições supra mencionadas, não podem também os Estados modificar a destinação dessas corporações policiais, sôb pena de infringir o que dispõe o parágrafo 1.º do artigo 18 da Constituição Federal, pois êsse é, evidentemente, um dos poderes que, explicitamente, a União se reservou».

CORPORAÇÕES QUE SE DESTINAM A MANTER A ORDEM E A SEGURANÇA PÚBLICAS

A segunda pergunta é a seguinte:

«Em face do artigo 183 da Constituição Federal, do artigo 2.º da lei Federal n.º 192 e do artigo 148



Major Cantídio Nogueira Sampaio

da Constituição do Estado, podem existir outras corporações com a missão de manter a ordem e a segurança públicas?» Parece-nos — diz o sr. Cantídio Nogueira Sampaio — que a existência de outras corporações se traduz por uma flagrante transgressão ao artigo 183 da Constituição Federal, pois significa repartir uma competência que êsse magno diploma assinou às polícias militares. Nota-se que foi criado um novo sistema em todo o Brasil, em face do que substanciou aquêlê artigo: quis a União exatamente instituir nos Estados a unidade de corporações encarregadas da manutenção da ordem e da segurança públicas, mais ou menos à feição da Polícia Montada do Canadá, vinculando-a à sua supervisão no respei-

tante a vários aspectos, com o objetivo de acautelar os interesses da segurança nacional, sem dúvida em risco com o livre desenvolvimento de organismos regionais para - militares que, de um instante para o outro, poderiam ter emprêgo menos conveniente à ordem nacional.

«Significaria um expediente para fraudar a cautela constitucional a existência de outras entidades policiais de caráter para-militar, fardadas e armadas, isentas, no entanto, daquele contrôle que a União deliberou exercer sôbre tais organismos regionais.

«Tanto é procedente esta assertiva que a Guarda Civil e a Guarda Noturna, no caso de São Paulo, praticamente divergem da Fôrça Pública apenas no nome dado às respectivas organizações. Existe armamento, são fardados os seus componentes e devem ser, obrigatôriamente, reservistas do exército.

«A Constituição de 1934 não dava finalidade às polícias militares, mas a lei federal 192, de 17 de janeiro de 1936, que as regulamentou em seu artigo 2.º, atribuiu a essas corporações a competência de vigilância, de garantia da ordem pública, bem como o cumprimento da lei, a segurança das instituições e do exercício dos poderes constituídos.

«Poder-se-á dizer que não se trata de uma competência exclusiva das polícias-militares. Entretanto, é da técnica da elaboração das leis o princípio de que, deferida competência a um organismo, implícita está a sua exclusão aos demais. Ora, às polícias militares assinou-se a atribuição de manter a ordem e a

segurança públicas nos Estados, mediante cautelas que se traduzem por uma série de contrôles reservados à União pelo artigo 5.º, XV, letra «f». Seria um contrassenso que outros organismos pudessem ter semelhantes atribuições, livres de qualquer restrição, sobretudo em se tratando de entidades dotadas de idênticos meios de organização. Aliás, caberia aqui uma pergunta de caráter prático: por que mais de uma corporação? Só se porfiássemos em agir ao arrepio da Constituição, como também em escolher o meio mais oneroso e menos produtivo para a consecução de nossos escopos administrativos. No caso, quebra-se a harmonia e a unidade de policiamento, cada organização policial deve manter seus órgãos diretores, burocráticos, assistenciais e de suprimento dos respectivos serviços, quando na organização da própria Fôrça Pública poderiam ser incluídas as demais corporações, transformando-os em elementos ativos de policiamento. O policiamento precisa, antes de tudo, de pessoal, material e instalações. Entretanto, o que se gasta inútilmente com os órgãos administrativos e burocráticos daria, talvez, para duplicar o efetivo de todos os elementos que atualmente participam efetivamente do policiamento, se abjurássemos da prática deletéria e inconstitucional da pluralidade de corporações».

FINALIDADES DA FÔRÇA PÚBLICA

A terceira pergunta do inquérito é a seguinte:

Quais são as finalidades da Fôrça Pública?

«As finalidades da Fôrça Pública, de fato e de direito — prossegue — estão na manutenção da ordem e da segurança públicas no Estado. Nelas, devem enquadrar-se, pois, tôdas as corporações que, de fato, estão a exercer o mesmo mister.

— «Manutenção de ordem é fim; policiamento, meio. Não se pense que, por ser polícia militar deva ser considerada como organismo exclusivamente voltado às lides guerreiras. Não. E note-se que «militar», no caso, não passa de mero adjetivo, que, por conseguinte, apenas empresta uma qualidade, quando a essência está na parte nuclear da denominação da entidade: polícia. Militar é acessório; polícia, principal. Na eventualidade de convocação pelo governo federal, agirá como entidade bélica. Seria uma aberração que os Estados mantivessem seus exércitos locais, aprestando-se para a guerra, sem nenhum emprêgo regional, na exclusiva expectativa de eventual convocação do governo federal, à qual todos os cidadãos maiores estão igualmente obrigados na qualidade de reservistas. Esse absurdo teria vida se entendêssemos, como essência, a circunstância «militar» que a Carta Magna atribui às polícias regionais.

A quarta questão está diretamente ligada à anterior: **Entre essas finalidades se inclui a de fazer policiamento, urbano ou suburbano?**

«O policiamento, como o disse, — acrescenta o sr. Cantídio Nogueira Sampaio — é o meio para levar-se a efeito a manutenção da ordem. E' evidente que, sendo esta de variados matizes, também aquêlê comprehende vários aspectos tenden-

tes a efetivá-la. Se há manutenção de ordem urbana, suburbana e rural, é claro que há o policiamento correspondente. Mas, se se outorgou a manutenção da ordem no seu todo às polícias militares, mais do que evidente que lhe assignaram também os seus vários aspectos, entre os quais o policiamento urbano, suburbano e rural. Deve-se notar que, além dêsses, ainda há várias outras nuances, tais como rodoviária, florestal, motorizada e assim por diante».

Também o quinto item se liga aos dois anteriores:

«Admitindo que a Fôrça Pública faça policiamento, é conveniente que êste se realize, como até agora, com inteira subordinação às autoridades da polícia civil? Ou deve fazê-lo com autonomia, embora dentro de plano elaborado pelos órgãos superiores da Secretaria de Segurança? Neste último caso, em que extensão e circunstâncias lhe deve ser dada essa autonomia?».

«A meu ver, — responde o sr. Cantídio Nogueira Sampaio — a organização policial do Estado está profundamente influenciada pela situação de fato reinante, muito embora se distancie esta da situação de direito. E' tão ampla a missão da polícia militar, nos termos da Constituição vigente, que se me affigura dever-se attribuir a tal corporação, em obediência à lei, o policiamento em todos os seus aspectos, inclusive no referente à polícia judiciária, hoje conhecida como polícia civil. Significa tal pensamento que não só o policiamento preventivo, como também o repressivo de-

vem enquadrar-se na Fôrça Pública. Os delegados, os inspetores, os detetives devem ser integrantes dessa milícia para que tenha guarida, em tôda a plenitude, o pensamento do legislador constituinte, o qual confiou a esta última o encargo da manutenção da ordem e da segurança públicas. Não significa isto que a polícia militar, conforme a natureza de seus serviços a realizar, não contasse com elementos que atuassem à paisana. Os delegados, como os inspetores ou detetives, teriam o seu enquadramento na hierarquia vigente na corporação, e destarte, ficaria naturalmente resolvido o problema de subordinação, que atualmente tantos conflitos determina. E' esse o sistema da Polícia Montada do Canadá (e da maioria dos estados da união norteamericana), que tantos e tão exuberantes resultados tem propiciado a esse domínio. O que não se pode admitir é a subordinação de elementos da Fôrça Pública, convenientemente instruídos no seu mister policial, a elementos leigos da polícia civil, às vèzes semi-analfabetos, quando não inidôneos, como sejam os tão conhecidos subdelegados.

Quanto mais nos afastarmos da unidade de policiamento, tanto menos produtividade e economia propiciará o sistema. Pode parecer arrojada a conclusão a que chego, porque se distancia do que estamos habituados a ver, mas estou convencido de que, além de religiosamente legal, é absolutamente certa sob os aspectos administrativo e econômico, por mais racional e prática».

SELEÇÃO DOS ELEMENTOS DA FÔRÇA PÚBLICA

Passa em seguida o sr. Cantídio Nogueira Sampaio a responder ao sexto item:

Qual o processo de seleção mais indicado para dotar a Fôrça Pública de elementos precipuamente adequados ao policiamento?

«Os processos de seleção que melhor se ajustam ao recrutamento de policiais são, a meu ver, os mesmos através dos quais modernamente se escolhem os candidatos às mais variadas profissões. Além dos testes objetivando selecionar o pendor dos individuos à carreira policial, deve existir um período de carência em que se observem as reações do neófito em contacto com os problemas atinentes à profissão. E' sobretudo importante o conjunto de qualidades morais que se devem exigir daqueles a quem a sociedade entregará armas para a garantia da comunidade».

MANUTENÇÃO DOS SERVIÇOS

O sétimo quesito — prossegue — é o seguinte:

A verba destinada pelo Estado à Fôrça Pública tem crescido na proporção do progresso de São Paulo e atende presentemente às necessidades dessa milícia?

«Não possuímos dados que nos permitam esclarecer se as verbas destinadas à Fôrça Pública vêm crescendo na proporção do progresso de São Paulo. Estamos, porém, convencidos de que o aprimoramento técnico dos meios materias destinados ao exercício de funções policiais (transportes, transmissões, equipa-

mentos, etc.), conjugado com o aperfeiçoamento profissional dos homens da corporação e com a adoção de processos que garantam maior rendimento do serviço, supra, em parte, as necessidades de grandes efetivos. Assim, poder-se-iam aplicar maiores verbas destinadas a salários que correspondessem a melhor seleção, do que decorreria a obtenção de serviço progressivamente eficiente».

APROVEITAMENTO DA EXPERIÊNCIA DE OUTRAS NAÇÕES

Passa em seguida o sr. Cantídio Nogueira Sampaio ao exame do oitavo item:

«Há alguma coisa, nas organizações policiais semelhantes, de países civilizados, que mereça ser transplantada para a nossa Força Pública?»

«Penso — responde — que a unidade de serviço é a melhor lição que devemos aprender dos outros países. Entretanto, melhor falarão sobre o assunto brilhantes colegas da Força Pública que estagiaram em corporações congêneres no Chile, no Canadá, na Argentina, nos Estados Unidos e na França, e que, portanto, tiveram o ensejo de formar um precioso cabedal a respeito dos nossos senões e deficiências».

FINALIDADES DA GUARDA CIVIL

O novo item é o seguinte:

Sendo a Constituição Federal e a lei federal n.º 192 omissas a respeito da Guarda Civil, qual a missão desta em face da Constituição Estadual, art. 150, e da lei estadual que a criou?

«A missão da Guarda Civil — prossegue — segundo a lei que a criou (lei n.º 2.141, de 22-10-1926), é a de auxiliar da Força Pública. Em face do artigo 183 da Constituição Federal e do artigo 2.º da lei federal n.º 192, de 1936, e apesar do artigo 150 da Constituição Paulista, não cremos se tenha alterado sua situação. Pelo que expusemos antes, cremos que a missão da Guarda Civil seria a de um departamento especializado dentro do organismo constitucional destinado à manutenção da ordem e da segurança pública do Estado».

A FORÇA PÚBLICA E O MOTIM DA ILHA ANCHIETA

O último item do questionário da FOLHA DA MANHÃ está assim formulado:

As ocorrências da ilha Anchieta — tanto a rebelião e fuga, como a perseguição posterior dos evadidos — revelam deficiência ou desorientação da Força Pública, suscetíveis de serem corrigidas?

«As causas da rebelião e fuga dos presos da ilha Anchieta — declara o sr. Cantídio Sampaio — devem ser perquiridas objetivamente, sem a disposição prévia de determinar um responsável nominal em substituição aos que realmente concorreram para a eclosão daquele triste movimento. Os inquéritos que se seguiram foram ricos em elementos para que se formule um juízo mais ajustado à realidade. Trata-se de um problema penitenciário antes de tudo. O estado de ânimo dos detentos e a sua diligência na elaboração do plano de fuga, aliados às próprias condições am-

bientais, talvez superassem a todos os cuidados que normalmente eram postos em exercicio naquele estabelecimento de correção. E' possível que tenham contribuido para o

desfêcho os problemas, que já focalizamos, da falta de unidade de função ou deficiência numérica de guardas, em razão do desperdício que a pluralidade de corporações acarreta».

«Em suma, o problema do policiamento devia ser posto, a nosso ver, em outros termos. Eu me permitiria adiantar alguns quesitos que me parecem decisivos para a compreensão dêste momentoso assunto. «O primeiro dêles seria: Por que várias corporações para cuidar da manutenção da ordem? O segundo: Qual a diferença entre a missão da Fôrça Pública e a das demais corporações?

O terceiro: Se à Fôrça Pública compete o policiamento militar, como afirmam alguns, em que consiste essa espécie de policiamento? Haveria ônus ou vantagens em instituir-se uma corporação única para o policiamento de São Paulo?



Um Mago em São Vicente

A convite do ten. cel. dr. Mário B. Cococi, 2.º vice-presidente do Clube Militar, visitou a Colônia de Férias o sr. Edson Teles de Azevedo.

De início fêz o sr. diretor do Clube a apresentação do artista amador, que é na realidade um dos mais antigos jornalistas de Santos, redator da «TRIBUNA», atualmente, presidente da Câmara Municipal de São Vicente, político de grande projeção.

O magnífico espetáculo de magia que proporcionou às famílias hospedadas em nossa Colônia constituirá, certamente, motivo de agradável recordação desta temporada de férias. O espetáculo decorreu em ambiente de muita alegria, tendo os assistentes aplaudido com grande entusiasmo o notável artista amador, seguro manipulador das artes mágicas.

ANUÁRIO ESTATÍSTICO

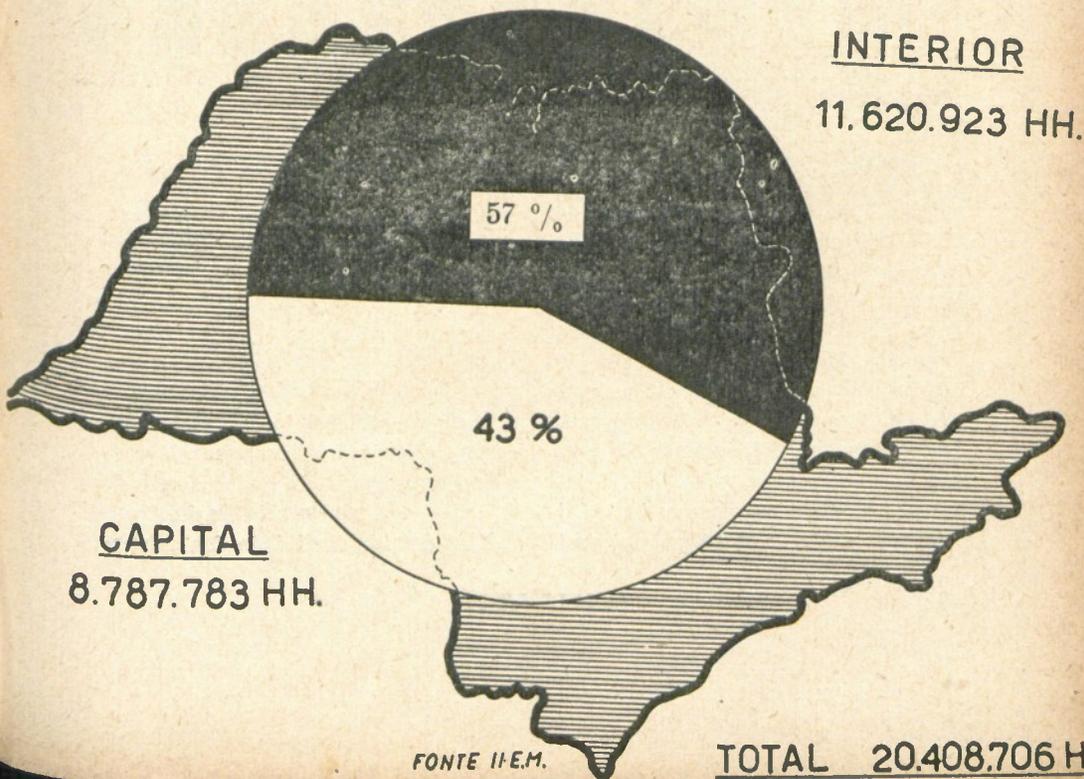
UM RESUMO DAS ATIVIDADES DA FÔRÇA PÚBLICA, ATRAVÉS
DE DADOS E GRÁFICOS EXPRESSIVOS, ORGANIZADOS
PELA II/E. M. DO Q. G.

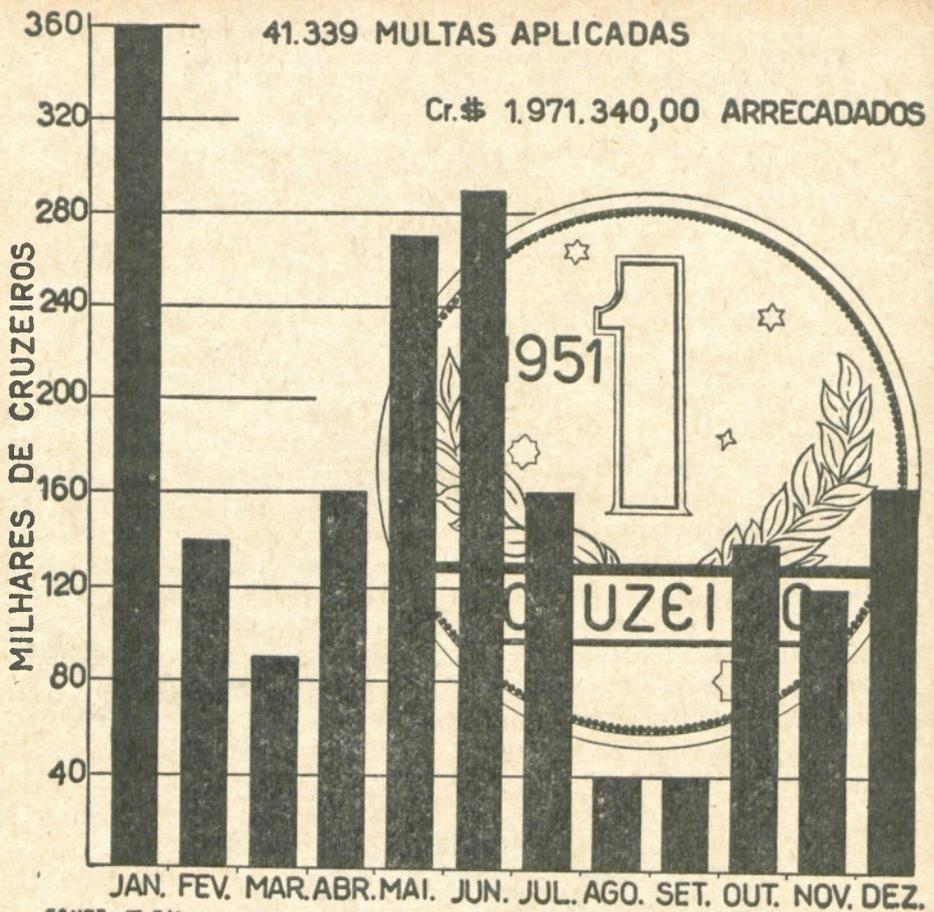
HÁ DOIS anos vem a II Secção do Estado Maior do Q.G. publicando o Anuário Estatístico da Fôrça Pública. MILITIA recebeu o referente ao ano de 1951, agradece a gentileza da lembrança e destaca, prazerosamente, alguns dos seus tópicos mais interessantes, para conhecimento das demais co-irmãs.

Consubstancia, o Anuário, tôdas as atividades policiais da Milícia Bandeirante, na sagrada missão de bem servir ao público, cujo bem-estar só poderá subsistir como fruto do trabalho zeloso, honesto e persistent-

te de todos os componentes da Corporação.

São, entre outros, êstes os serviços prestados pela Fôrça Pública: Policiamento Especializado: (Patrulhas a cavalo, Policiamento auxiliar, Serviço de Trânsito, Serviço Rádio Patrulha); Policiamento Eventual; Escolta de presos; Diligências e Reforços de Destacamentos; Policiamento de Divertimentos Públicos; Policiamento Desportivo; Policiamentos Diversos e Normais; Guardas em geral e serviços em Delegacias (Penitenciária do Estado, Casa de De-





BATALHÃO POLICIAL — Cia. de Policiamento de Trânsito

tenção, Palácio do Governo, Presídio do Hipódromo, Central de Polícia, Secretaria da Segurança Pública, Delegacia Fiscal, Recebedoria de Rendas, Instituto de Polícia Técnica, Quarteis, Delegacias de Polícia em número elevado e Estação Ferroviária do Tamanduatei); Policiamento Rodoviário e Policiamento Florestal.

O Anuário apresenta 51 páginas com dados e gráficos expressi-

vos, êste da autoria do ten. Olavo, dos quais daremos uma idéia aos leitores.

C. P. T.

41.339 multas aplicadas.

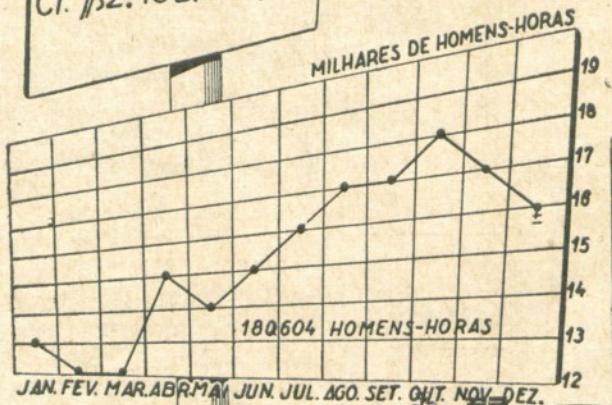
Cr\$ 1.971.340,00 arrecadados

«A disposição da D.S.T. mantém, a Fôrça Pública uma Companhia encarregada do policiamento de trânsito, em vários setores da Capital. Apesar da finalidade dos compo-

MULTAS
42.522
Cr. \$2.482.570,00

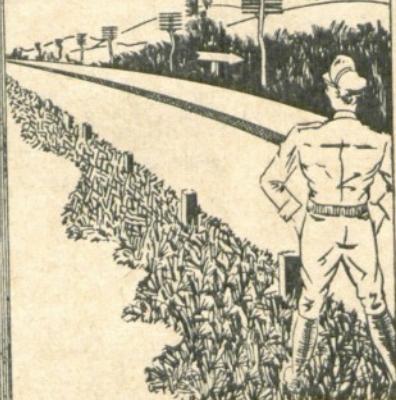
Policimento Rodoviário

No setor Rodoviário do Estado, vem a FÓRÇA PÚBLICA mantendo, à disposição do D.E.R., um contingente (C.P.R.) destinado a zelar pela segurança do trânsito, nas estradas de rodagem estaduais, bem como de exercer completa vigilância de modo a evitar e reprimir os atentados contra a integridade física das rodovias, obras de arte e mais elementos acessórios.



JAN. FEV. MAR. ABR. MAI. JUN. JUL. AGO. SET. OUT. NOV. DEZ.

FONTE: II-E.M.

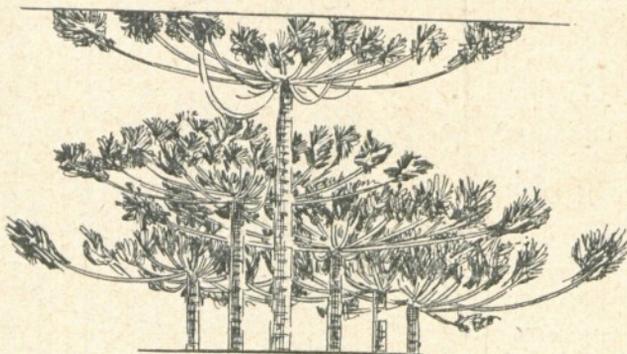


nentes da referida sub-unidade, nos postos de serviço, não ser exclusivamente a de autuar motoristas faltosos, mas, antes de tudo, orientá-los para que evitem as infrações, o número de multas lavradas em 1951, pelos referidos elementos, é sobretudo acentuado. Faz-se, pois, mister, uma campanha sistemática de educação dos condutores de veículos

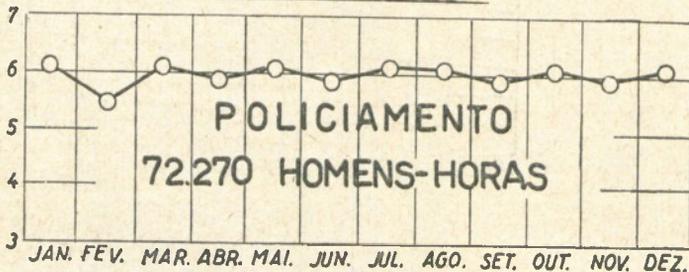
pois a multa, como é óbvio, não constitui o objetivo que se deseja atingir, mas, sim, a prova cabal de que se esgotaram os meios pacíficos do policial».

Companhia de Policimento de Rádio Patrulha

A Cia. de Policimento de Rádio Patrulha, com carros estaciona-



MILHARES DE HOMENS HORAS



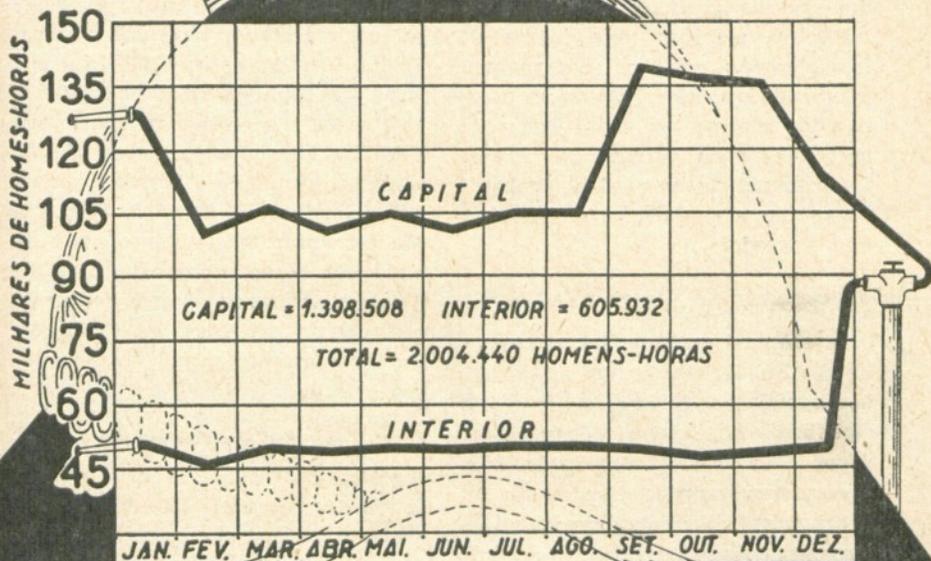
FONTE: E.P.F.

Diligência

108 DILIGÊNCIAS COM
6.869 HORAS DE DURAÇÃO



"As florestas existentes no Território Nacional, consideradas em conjunto, constituem bem de interesse comum a todos os habitantes do País, exercendo-se os direitos de propriedade com as limitações que as leis, em geral, e especialmente este Código, estabelecem", são disposições preliminares do Código Florestal. Nesse setor importantíssimo da vida brasileira, colabora a Força Pública com a Secretaria da Agricultura do Estado, na guarda e fiscalização das reservas, hortos e parques florestais estaduais.



FONTE: II-E.M.

— SERVIÇO DE BOMBEIROS —

dos nos bairros: Belém, Brás, Campos Elíseos, Casa Verde, Ipiranga, Jabaquara, Moóca, Mercado, Penha, Ponte Pequena, Santana, Vila Maria, etc., registrou no ano findo o total de 27.401 ocorrências policiais, atendidas.

Policimento Rodoviário

A Cia. de Policimento Rodoviário, encarregada de zelar pela segurança do Trânsito nas Estradas Estaduais, bem como de exercer completa vigilância de modo a evitar e reprimir os atentados contra a integridade física das rodovias, obras de arte e mais elementos acessórios, lavrou 42.522 multas correspondentes a Cr\$ 2.482.570,00.

A fiscalização das rodovias estaduais é tão eficiente que impressionou sobremodo a escritora patriciana, Raquel de Queiroz, a pouco em visita em nosso Estado, provocando da mesma as seguintes expressões elogiosas, publicadas na sua crônica intitulada: «Campinas» — Rumo ao sul — na conhecida revista «O Cruzeiro», de 24 de maio de 1952: «Caminho de Campinas: Via Anhanguera, contra partida da Via Anchieta, a que leva à Santos. Contudo a Via Anhanguera ainda não ficou pronta: só uma das pistas está pavimentada. Bem cuidada, mormente bem policiada. A velocidade máxima, ali, é realmente a que marcam os cartazes: 80 quilômetros por hora. Quem

duvidar, chegue a 90; logo descobre que na primeira curva da estrada, se embosca uma turma de três guardas que lhe acompanham a velocidade desde o cabeça do morro, de relógios na mão, como se cronometrassem corrida de cavalo. Infelizmente esta corrida agora é de «perde e ganha»; quem apanhar é o vencedor».

Policimento no Interior do Estado

Estende-se o policiamento da Fôrça Pública em todo o Estado, abrangendo os 369 municípios e 758 distritos, numa intensidade variável, segundo as necessidades locais. Destacamentos grandes e pequenos se acham distribuídos desde o litoral às barrancas dos rios Grande, Paraná, e Paranapanema e os pontos limítrofes com os Estados vizinhos. A par do policiamento normal, desenvolvem as unidades sediadas no interior do Estado, o trabalho de cooperação com as demais autoridades na assistência moral e material dos habitantes das zonas rurais.

Dados interessantes

O Anuário traz interessantes dados estatísticos com referência ao desproporcional crescimento de São Paulo, e o da sua principal Milícia.

Em 1.920, o Estado possuía 192 municípios e uma população de

4.592.188 habitantes. Para o seu policiamento contava a Fôrça Pública com um efetivo de 8.627 homens. Trinta anos depois, em 1950, a população do Estado, subia a 9.179.050 habitantes e o efetivo previsto para a Milícia Bandeirante era de 10.707 soldados. Enquanto a população mais que dobrou, os efetivos da Corporação aumentaram em pouco mais de vinte por cento. Está aqui a razão de algumas falhas que têm sido observadas no policiamento e exploradas, últimamente, pela imprensa menos avisada.

Serviço de Bombeiros

Em São Paulo e nas cidades de Santos, Jundiá, Ribeirão Preto, e Araraquara, os nossos bombeiros prestaram relevantes serviços. Só na Capital foram atendidas 1.484 ocorrências, destacando-se entre elas os serviços de salvação, incêndio e princípios de incêndio.

Se a Companhia de Policiamento de Trânsito arrecadou a importância de Cr\$ 1.971.340,00, se o policiamento rodoviário carregou para os cofres públicos Cr\$ 2.482.570,00 e o Departamento Geral de Fiscalização da Economia Popular, da Comissão Estadual de Preços, Cr\$ 2.063.200,00, quantos milhões não foram salvos, do patrimônio público e particular, pela ação eficiente e decisiva dos nossos valorosos soldados do fogo ?

Um homem pode considerar-se velho no dia em que tiver apenas saudades em lugar dos sonhos.

John Barrymore

FINALMENTE !

SEDE DEFINITIVA PARA O QUARTEL GENERAL



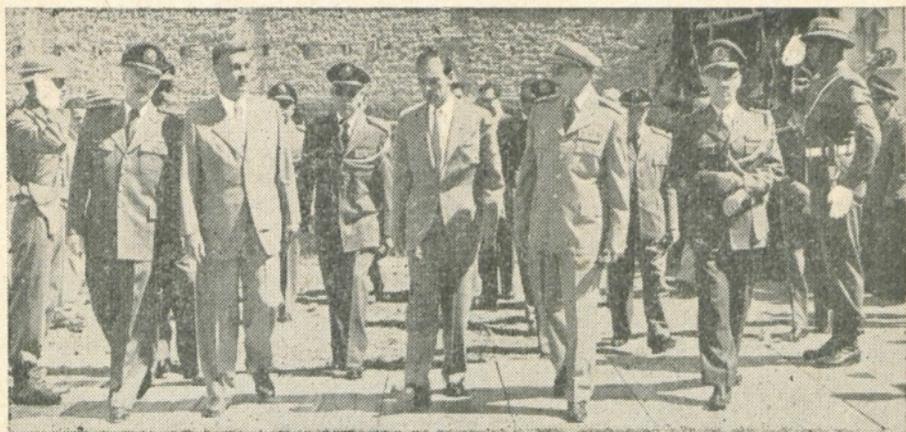
O governador Lucas N. Garcez apõe a sua assinatura na ata alusiva ao auspicioso acontecimento

A 25 de agosto, dia do soldado às 11 hs., com solene lançamento da pedra fundamental do edifício destinado à instalação do Quartel General da Fôrça Pública, plantou-se o marco que há de concretizar uma das velhas aspirações dos elementos da Corporação.

O terreno escolhido para a realização do empreendimento se situa no Bair-

ro da Luz, Praça Fernando Prestes, cuja história se entrelaça e muitas vèzes se confunde com a da tradicional Milícia Bandeirante.

A cerimônia, também de particular significação para a sociedade paulista, compareceram os Exmos. Srs. Dr. Lucas Nogueira Garcez, Governador de São Paulo; Ten. Cel. Dr. Erlindo Sa'zano,



Autoridades que compareceram ao ato.



O governador Garcez examina o projeto, de autoria do cap. engenheiro José Francisco Furquim de Campos, que se vê ao lado de s. excia.

Fôrça Pública Estado São Paulo

Serviço de Engenharia

Pedra Fundamental

Ata

Aos vinte e cinco dias do mês de Agosto do ano de mil novecentos e cinquenta e dois, sendo Governador do Estado o Excelentíssimo Senhor Doutor Lucas Rogueira Garcez, Secretário da Segurança Pública o Excelentíssimo Senhor Doutor Elpidio Reali, Comandante Geral da Força Pública o Excelentíssimo Senhor Coronel Euryle de Jesus Zerbini, chefe do Serviço de Engenharia o senhor Major Pedro Marques Magalhães, foi lançada a pedra fundamental deste edifício, destinado a servir de Quartel General da Força Pública.

Ao ato, que se revestiu de solenidade, compareceram asse autoridades civis e militares. E para constar lavrou-se esta ata, que é assinada pelos presentes

São Paulo, 25 de Agosto de 1952

"Fac-simile" da ata do lançamento da pedra fundamental.

Vice-Governador do Estado; Brigadeiro do Ar Armando Ararigboia, Cmt. da 4.a Zona Aérea; Dr. Elpidio Reali, Secretário da Segurança Pública, Cel. Eu-

ryale de Jesus Zerbini, Cmt. Geral da Fôrça Pública; Dr. Ernesto Leme, Reitor da Universidade; General Miguel Costa; Ceis. Pedro Dias de Campos e Arlindo de Oliveira, ex-Comandantes da Corporação; Ceis Milton Cezimbra e João de Oliveira Melo, respectivamente, Chefe do Estado Maior da 2.a Região Militar e da Fôrça Pública; numerosos oficiais da Milícia Paulista e representantes de Secretários de Estado e outras altas autoridades.

Coube ao Exmo. Sr. Governador do Estado presidir e encerrar a solenidade, executando o ato final do fechamento da urna contendo documentos aiusivos ao fato. Com tal iniciativa o atual Governô do Estado, após cento e vinte anos de existência da Fôrça Pública, possibilita que a gloriosa Corporação tenha dentro em breve, pela primeira vez, edifício próprio para a instalação de seu Quartel General.

Os clichês fixam aspectos da solenidade e um deles reproduz a fachada do futuro edifício.



NOVA UNIÃO PORTUGUÊSA

ESCRITÓRIO

FONES:

32-1928

32-4735

EMPRESA DE MUDANÇAS

TRANSPORTES EM GERAL

GUARDA-MÓVEIS

ENGRADAMENTOS

E DESPACHOS

GARAGE

FONE:

32-2771

AV. BRIGADEIRO LUIZ ANTÔNIO, 174

SÃO PAULO

O Salto nas Trevas

O Clube Militar da F. P. homenageia os heróis da “Caravana da Solidariedade” — Estendidas as homenagens ao capitão Mesquita, atirador olímpico

O feito da expedição que se convencionou chamar de “Caravana da Solidariedade” está registrado nas páginas deste periódico, através do relato do cap. Bento B. Ferraz, inserto no número anterior. E, agora, consoante a nota que demos no final daquela reportagem, passamos a assinar a homenagem que o Clube Militar prestou àqueles heróicos companheiros, nos luxuosos salões do “Trocadero”.

Estiveram presentes, entre os homenageados, os srs. Paulo R. da Luz, representando o sr. Adhemar de Barros, organizador e patrocinador da expedição; deputado Juvenal Lino de Matos, chefe da “Caravana”; cel. Eleutério Brum Ferlich, representado pelo comandante Martinez; cel. Ribamar de Miranda, capitão Djanir Caldas, sgt. José Nestor dos Santos e soldados José Lopes de Lima, Severino de Aquino Vaz, Francisco Silva Filho e Raimundo dos Santos Silva.

Entre as autoridades presentes se achavam o cel. Euryale de Jesus Zerbin, comandante da F.P., gen. Miguel Costa, cel. Odilon Aquino de Oliveira, presidente do Clube Militar; os srs. Câmara Lopes e Tibério Cancelli, juizes do Tribunal de Justiça Militar; cel. João de Quadros, inspetor administrativo; representantes de autoridades, pessoas gradas, associados do Clube e convidados.



O cap. Djanir Caldas, o homem que “superando qualquer expectativa, que jamais vira de perto um paraquedista, num exemplo edificante para o policial-militar do Brasil, se lança ao abismo para não abandonar seus homens!”

O cel. Odilon Aquino de Oliveira, depois de salientar o objetivo daquela reunião, deu a palavra ao cap. Osvaldo Feliciano, orador oficial da nossa enti-



Ao alto, o chefe da expedição, dep. Lino de Matos, recebe o mimo que lhe foi oferecido, das mãos do cel. Jesus Zerbini. Ao centro, o cap. Osvaldo Feliciano saúda os homenageados. Em baixo, o cel. Odilon de Aquino, presidente do Clube Militar, dá início às homenagens.

dade social, de cuja oração pinçamos estes trechos:

E mais honroso foi o vosso papel porque não buscastes a fama da glória, porque não vos oferecestes com arrogância de super-homens, mas vos dispusestes, isto sim, e com isso vos abandonastes da família, de vossos próprios bens, e dos vossos próprios interesses,

se serve a Deus que é eterno e eterna será a recompensa.

As nossas homenagens não só pela participação no evento como pelo desvelo paternal dedicado aos nossos paraquedistas, de justiça são aqui consignadas ao Deputado Lino de Matos. Menção honrosa dedicamos neste momento ao cel. Ribamar de Miranda, tanto pela forma humana dispensada aos nossos in-



A direita, os dois oficiais homenageados; à esquerda, o sargento e os dois soldados.

a empenhar-vos numa luta ingente e perigosa, audaciosa mesmo — não exageramos dizer, para atender ao clamor de pais, mães, noivas, irmãs e parentes desesperados ante a situação ainda incerta de seus entes queridos.

Destes, assim, prova eloqüente e insosismável, assentindo aos rogos daquela desventurada gente, do mais alto espírito de solidariedade humana.

Todos vós, patrono, organizadores e executantes desse episódio indelével da história, deveis ter tido em mente, ao procederdes causa tão nobre, aquelas verdades evangélicas de que fazer o bem é o prazer mais duradouro, porque

trépido paraquedistas, como pelo sucesso das operações militares que estiveram a seu cargo.

Ao capitão Djanir Caldas, o nosso desvanecimento e a nossa confissão, de que passamos, nós, seus colegas e subordinados, a tê-lo diante de nós, nos momentos difíceis de nossa vida profissional, como exemplo da coragem, símbolo do sangue frio, paradigma de caráter e de amor a seus subordinados, digno de todo o respeito e de profunda admiração.

Ao sargento Nestor e aos seus colegas de paraquedismo, os nossos calorosos parabens, as nossas felicitações mais sinceras pelo destemor, pela nobreza

de caráter e pelo elevado sentimento de amor à sua farda e à sua gente.

Aos paraquedistas civís, a nossa integral admiração e os nossos efusivos agradecimentos pela forma irmã com que se entrozaram com os nossos camaradas naqueles dias tenebrosos de incerteza e temeridade do sertão bravio das margens do Araguaia. Ao cel. Jesus Zerbini, aqui ressaltamos ainda o apôio irrestrito, não regateando providências para que nossos companheiros participassem da caravana.

UMA SALVA DE PALMAS PARA UM ATIRADOR OLÍMPICO

Para terminar, a satisfação é muita para um só dia: temos que nos lembrar,

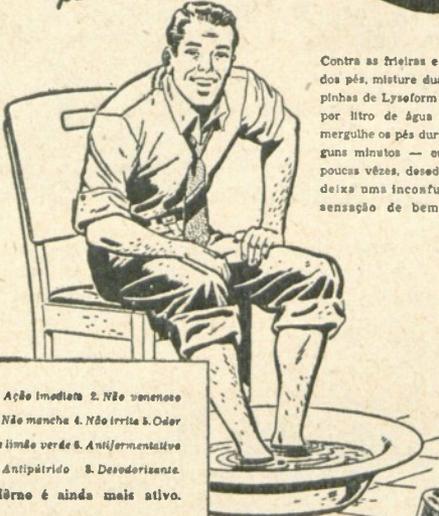
prazerosamente, temos que enaltecer com todo o encantamento de nosso orgulho de oficiais da Fôrça Pública mais um feito brilhante para a Corporação.

Agindo num setor diverso, foi defender as côres nacionais na velha e culta Europa, participando das últimas Olimpíadas e lá obtendo classificação honrosa na prova de pistola, classificando-se em 1.º lugar Sul-Americano, mais um oficial da Fôrça Pública de São Paulo: o capitão JORGE MESQUITA DE OLIVEIRA.

Para todos êsses intrépidos e defensores do alto conceito da gente bandeirante eu peço dos presentes uma prolongada salva de palmas.

Medidas
LYSOFORM "PRIMO"
para a saúde

UMA MEDIDA NUM
LITRO D'ÁGUA



Contra as frieiras e o suor dos pés, misture duas tampinhas de Lysoform Primo, por litro de água morna: mergulhe os pés durante alguns minutos — oua em poucas vêzes, desodoriza e deixa uma inconfundível sensação de bem-estar.

1. Ação imediata 2. Não venenoso
3. Não mancha 4. Não irrita 5. Odeor de limão verde 6. Antifungal
7. Antipérido 8. Desodorizante.
Mórno é ainda mais ativo.

LYSOFORM "PRIMO"
— Antisséptico e Desodorante Mundialmente Conhecido

SANAM - Casa de Anjos



MAIS UM ENCARGO

Oficiais da Fôrça Pública na Escola Oficial de Trânsito.



Banca constituída pelo cap. Hamilton e tenentes Vilela e Avivaldi. Enquanto um candidato sorteia o ponto, no segundo plano um pretendente à carteira profissional é examinado na parte referente ao motor.

Tôda a imprensa paulista focalizou nas suas colunas a desmoralização reinante, há tempos, nos exames de habilitação da Escola Oficial de Trânsito. O caso foi mesmo debatido na Assembléia Legislativa Estadual, onde representantes do povo clamaram contra a imoralidade reinante naquele setor da administração pública, onde campeava, deslavadamente, a propina.

Seu diretor, o sr. Canuto Coelho, vinha, desde a posse, lutando contra os obstáculos opostos a sua ação moralizadora, pelos funcionários desonestos. A situação chegou ao seu «climax» quando s.s., vendo esgotados todos os recursos de que dispunha para acabar com «as cartas tiradas pelo telefone» e o subôrno, adotou medida extrema: fechou a Escola Oficial de Trânsito



Banca integrada pelo cap. Costa Júnior e tenentes Mondino e Bueno em pleno exame.

e pediu providências ao Governador do Estado. S. Excia., que bem conhece a atuação dos oficiais da Milícia Bandeirante, no Departamento de Policiamento Econômico da COAP, na Polícia Rodoviária, na Polícia

Florestal e em outros setores importantes da administração estadual, lembrou-se de apelar para a «reserva moral que tem sido a Fôrça Pública nestes tempos conturbados e de afrouxamento dos costumes».



Uma candidata fazendo a difícil prova da baliza.



O cap. Mário Gonçalves e os tenentes Iraní e Edmur examinam uma turma de aspirantes do volante. Além destas bancas, funciona ainda, à tarde, mais uma para dar vasação ao grande número de pretendentes à carteira de motorista.

A 1.º de abril deste ano, por ato do Governo do Estado, foram nomeados, a título precário, os seguintes oficiais como peritos-examinadores da E.O.T., sem prejuízo das suas funções normais: major Romeu de Carvalho Pereira, caps. Hamilton Rangel Gama, Alfredo Costa Júnior, Hélio Afonso da Cunha, Paulo Afonso, Mário Gonçalves Teixeira Filho, tens. José Silva Bueno, Edmur Moura Sales, Jalmar de Carvalho Costa, Roberto Mondino, Aivaldi Nogueira e Luiz Gonzaga de Oliveira Filho.

Posteriormente foram nomeados mais os suplentes: caps. Bolestaw Zdanowicz, Carlos Menezes e tens. Sérgio Vilela Monteiro e Iraní Bernardino Ribeiro.

Os exames são realizados, diariamente, por quatro bancas cons-

tituídas de um presidente e dois membros no período da manhã; a parte teórica, conhecimento de regulamento e motores para os profissionais, na própria E.O.T. e a parte prática, trânsito e balisa, nas proximidades da avenida Duque de Caxias e alameda Barão de Limeira.

Nos primeiros dias o número de reprovações ultrapassou 80 por cento. Hoje, os candidatos, conhecedores do critério honesto e justo adotado pelos novos examinadores, têm se apresentado com melhor preparo, e o índice de inabilitados baixou para 60 por cento.

«MILITIA» ouviu o sr. diretor da E. O. T. o qual nos disse: «A designação dos oficiais da Força Pública para constituírem as bancas examinadoras da Escola Oficial de Trânsito, veio resolver um problema

que, para nós, se nos apresentava insolúvel. Isto porque já estávamos descrentes quanto ao poder de resistência à tentação de propinas polpudas, à qual se entregaram inúmeros funcionários. São mesmo os honestos e abnegados oficiais da Força Pública, que já têm provado a inteireza do seu caráter, em diferentes missões de confiança que o exmo. sr. governador do Estado lhes tem atribuído, poderiam resolver o tão comentado caso da Escola que dirijo. Estou contente com a atuação desses novos companheiros e com a ajuda deles conseguimos rea-

ver para a E.O.T. o bom nome e conceito que, primitivamente, gozou no seio da opinião pública e entre as altas autoridades do Estado. A permanência de tais peritos e examinadores é imprescindível para continuarmos a manter o alto padrão de moralidade e descência a que atingiu atualmente a Escola Oficial de trânsito de São Paulo.»

Depois de registrarmos estas palavras do senhor diretor da E.O.T. nos retiramos daquela repartição, certos de que à sua frente se encontra um verdadeiro administrador, um honesto homem público.

... gosto não se discute



ISTO É BISCOITO!



AYMORE

Não esqueça de comprar os
BISCOITOS da SEMANA: INDÍGENAS
Rico, doce, excelente com chá e café.

Oficiais e alunos da Escola Naval

Recepção no Quartel General e no Regimento de Cavalaria

Visita aos Campos Eliseos



NOS CAMPOS ELISEOS

O governador Lucas N. Garcez, depois de receber uma flâmula da Escola Naval, das mãos de um dos visitantes, é aplaudido pelos presentes.

NOS últimos dias do mês de julho, estiveram em S. Paulo, oficiais e aspirantes da nossa Marinha de Guerra que, a convite do governador Lucas N. Garcez, visitaram o Parque Industrial da capital bandeirante.

A caravana de visitantes veio chefiada pelo almirante José Espíndola, diretor da Escola Naval, e constituída pelos cap. de fragata Primo Nunes de Andrade, capitães-tenentes Osvaldo Andrade, Airton Lobo de Carvalho, Co-



Ao alto: no Q.G. da Fôrça, o almirante Espíndola palestra animadamente com os ceis. Jesus Zerbini e Melo.

Em baixo: na Universidade de S. Paulo, o reitor Antônio Carlos Cardoso, entre os visitantes.

bert Demaria Boiteux, Haroldo Ramos e Elis Bauser, além de 60 aspirantes daquela Escola.

Dando início ao programa de visitas, foram os marinheiros de Marcílio Dias recebidos na Fôrça Pública, onde o seu comandante geral, cel. Euriale de Jesus Zerbini, no salão nobre do Q.G., depois de saudar os visitantes, procedeu à apresentação de todos os comandantes e chefes de serviço, da capital.

No Regimento de Cavalaria, ficaram os visitantes conhecendo umas das mais tradicionais e destacadas unidades da milícia de Rafael Tobias de Aguiar. Ali, foram feitas várias demonstrações de hipismo, alta escola e volteio. As primeiras estiveram a cargo dos cap. Fernando H. Silva e tenentes Anselmo Perez, Bráulio Guimarães, Wilson Vasconcelos e Sílvio M. Rezende. As de alta escola foram executadas pelo sar-

gento Mário Bruno, que fêz maravilhas com o seu magnífico "Diamante". A apresentação da Escola de Volteio foi feita sob a direção do sargento Alexandre, que mais uma vez demonstrou os reais méritos do seu trabalho de conjunto. Finalmente, no salão nobre do Regimento, o almirante Espíndola e seus camaradas foram saudados pelo cel. Cândido Bravo, comandante do R.C., em homenagem à valorosa Marinha Brasileira.

Em seguida, o comando da Fôrça ofereceu um almôço aos visitantes, que teve lugar no refeitório do Serviço de Subsistência.

NOS CAMPOS ELÍSEOS

No dia 1.º de agosto, em execução ao programa em S. Paulo, o governador

Garcez ofereceu um coquetel aos visitantes, no palácio dos Campos Elíseos. O primeiro mandatário paulista, que se achava acompanhado de suas Casas Civil e Militar, recebeu a caravana no salão de honra, ali se encontrando presentes também o cel. Jesus Zerbini, e cel. Milton Cezimbra, chefe do E.M. da 2.ª R.M.

Durante a reunião, o aspirante Alberto Mário Cunha da Costa dirigiu, em nome de seus colegas da Escola Naval, uma saudação ao governador Lucas Nogueira Garcez.

Falou depois, agradecendo, o governador Lucas Nogueira Garcez.

Finalmente, discursou o almirante José Espíndola, que agradeceu, em nome da Escola Naval as atenções recebidas do Govêrno e povo de São Paulo.

Comércio e Indústrias Arguiso Ltda.

FORNECEDORES DA FÔRÇA PÚBLICA,
EXÊRCITO E REPARTIÇÕES PÚBLICAS

Rua Duque de Caxias, 925

Caixa Postal, 4062

Fone 36-2397

— End. Teleg. «ARGUIISO»

— SAO PAULO

Nova sede para a A. O. R. R. F. P.

A Associação dos Oficiais Reformados e da Reserva da Fôrça Pública, vem de se instalar em sua nova sede, em a rua da Liberdade, 47 - 12.º andar, que foi adquirido pela entidade.

Noticiando o fato, "Militia" endereça ao cel. Homero da Silveira, pre-

sidente da Associação, os cumprimentos pela iniciativa, marco auspicioso na senda do progresso da sociedade que congrega os oficiais inativos da milícia bandeirante.

★

VISITOU O 6.º B. C. O GEN. MILTON DE FREITAS ALMEIDA, COMANDANTE DA ZONA CENTRO



Acompanhado do cel. Milton de Souza Daemon, comandante da Guarnição Militar de Santos e de dois oficiais do seu E.M., esteve em visita ao 6.º B.C. da Fôrça Pública, no dia 19 de agosto último, o gen. Milton de Freitas Almeida, comandante da Zona Centro.

O ilustre chefe, à sua chegada ao quartel do 6.º B.C., foi recebido pelo comandante, ten. cel. Cícero Bueno Brandão, e demais oficiais da unidade.

O ex-comandante da Fôrça Pública, que aquí deixou bons camaradas e amigos e em cujo comando foi resolvida a construção do quartel que visitava, manteve animada palestra com os oficiais da unidade. Em seguida, percorreu as dependências do quartel, ocasião em que manifestou o seu agrado pela ordem e asseio observados, consignando seus cumprimentos ao comando, oficiais e praças da unidade.

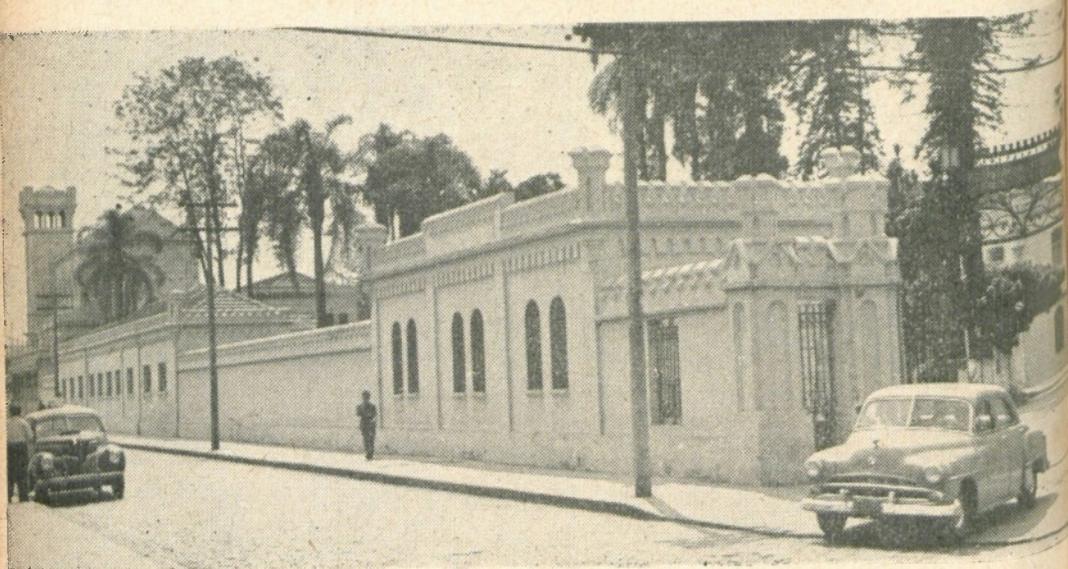
O clichê nos dá um aspecto da visita.

60 ANOS DE ATIVIDADE!

O SERVIÇO DE SAÚDE DA FÔRÇA PÚBLICA

Esboço histórico — Organização esquemática — Os
serviços médico, farmacêutico e odontológico —
Efetivo em oficiais

[Fotos de Ludovico Parasc...



Ao Serviço de Saúde da Fôrça Pública, além da árdua missão de zelar pelo perfeito estado de saúde de toda a tropa, cabe ainda proceder aos exames físicos necessários nos candidatos ao ingresso nos quadros da Corporação. Com seus elementos técnicos, o S.S. proporciona à tropa uma assistência médico-hospitalar

que se desenvolve desde as palestras educativas e cuidados preventivos, até aos tratamentos clínicos e cirúrgicos. Há a ressaltar que o serviço policial-militar e de bombeiros, pela sua natureza, lega à Fôrça Pública um contingente respeitável de acidentados e de enfermos, cuja recuperação imediata, para atender às necessidades do serviço,

muito depende dos trabalhos desenvolvidos pelo S.S.

ESBÔÇO HISTÓRICO

A Milícia de Rafael Tobias de Aguiar, crescendo com o Estado, já nos idos de 1892 exigia um organismo especializado na assistência hospitalar aos seus elementos. O único médico que possuía então, a quem eram atribuídas tantas e tais obrigações, embora se desdobrasse em abnegação e devotamento, não conseguia dar conta do acervo dos seus encargos. Compreendeu o problema muito bem o máximo mandatário do Estado Bandeirante, dr. Bernardino de Campos, que da compreensão passou à ação. Daí ter surgido a Lei 97-A, de 21 de setembro, diploma êste que criava o estabelecimento hospitalar da corporação, com quatro médicos (sendo um o diretor), um 2.º sargento enfermeiro-mor, dois cabos enfermeiros e onze praças.

A êsse corpo médico da Corporação, que possuía diversas unidades, competia, além do desempenho de suas atribuições normais no Hospital, atender à tropa tóda, assim como às famílias dos militares.



CHEFE DO SERVIÇO DE SAÚDE
Cel. Médico Henrique Otávio Vespoli

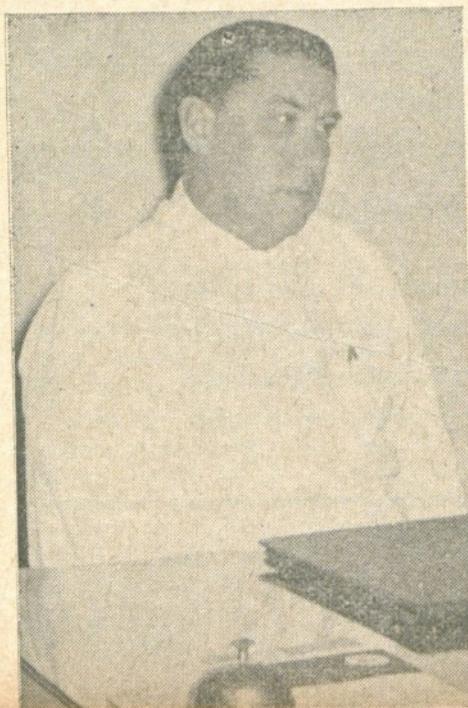
PRAVAZ, LABORATÓRIOS S. A.

têm a grata satisfação de associar-se aos festejos de mais um aniversário do Hospital Militar da gloriosa Milícia Paulista, augurando-lhe votos de crescente prosperidade.



OS ANTERIORES RESPONSÁVEIS PELO HOSPITAL

Oficiais médicos: 1 — ten. cel. Luiz Gonzaga Amarante Cruz; 2 — ten. cel. Tomás de Aquino Monteiro de Barros; 3 — ten. cel. Ricciotti Alegretti; 4 — cel. Ulisses Fagundes; 5 — cel. Vital Vaz; 6 — cel. Raul Whitacker; 7 — cel. Jaime Cardoso Americano; 8 — cel. José Geraldo P. Campos Vergueiro.



DIRETOR ATUAL DO H.M.

Ten. Cel. Médico Walfrido Trevisan



Múltiplos, pois, eram os serviços afetos a essa plêiade de médicos e aí está, a atestá-lo, o seguinte trecho da Ordem do Dia n.º 261, de 3-12-1892, do Comando Geral:

“Pelo Exmo. Snr. Dr. Secretário da Justiça foi aprovada a proposta deste Comando quanto à distribuição do serviço médico, que fica assim organizado: — Dr. LUIZ FELIPE JARDIM — Diretor do Hospital e encarregado da enfermaria de medicina; Dr. LUIZ GONZAGA DO AMARANTE CRUZ — encarregado da enfermaria de cirurgia, devendo, também, coadju-



ADMINISTRAÇÃO DO S.S.

Médicos: cel. Henrique Otávio Vespoli, chefe; ten. cel. Mário Brasil Cococci, sub-chefe; major Fábio Moreira da Rocha, chefe da Sec. Técnica. Combatentes: cap. Rubens Martins, chefe da FIF; 2.º ten. José Augusto de Rezende, secretário e 2.º ten. Miguel Azém, almoxarife-aprovisionador.

AO HOSPITAL MILITAR DA FÔRÇA PÚBLICA,

PREITO DA

Cia. Farmacêutica Brasileira

Vicente Amato Sobrinho S. A.

MATRIZ:

PRAÇA DA LIBERDADE, 91

CAIXA POSTAL 2438

SÃO PAULO

TELEFONES:

Diretoria	34-0145
Gerência	36-2820
Sec. Vendas	36-2851
Sec. Propaganda	36 2822
Expedição	36-2609



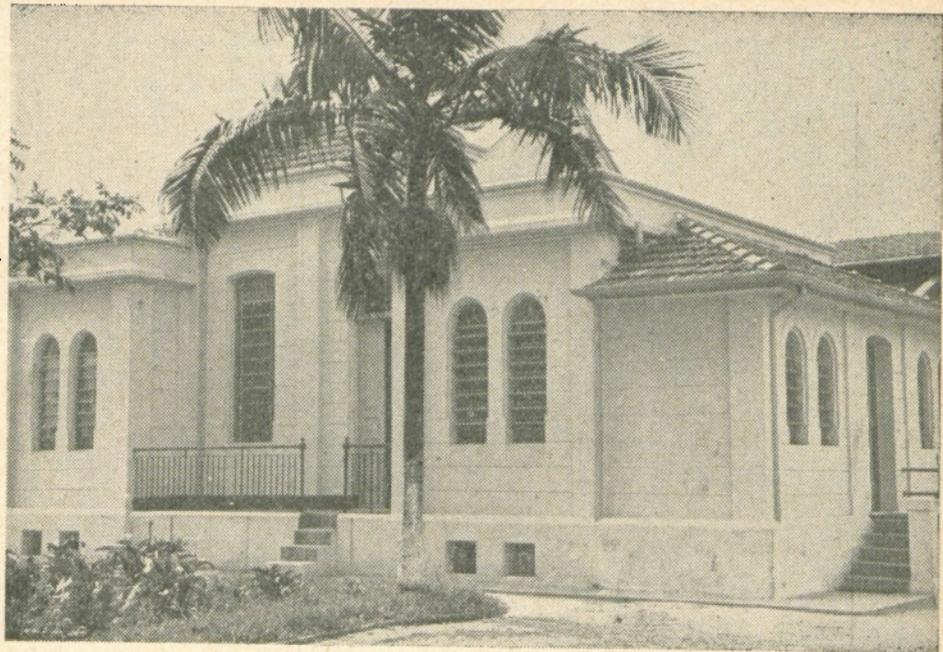
Detalhes da Secretaria e do Almojarifado.

var nos demais serviços médicos do Hospital; Dr. ODILONE GOULART - Encarregado das visitas diárias nos quartéis dos 1.º e 3.º Batalhões e Corpo de Cavalaria e, também, visitas domiciliares nas residências dos oficiais. Dr. ALFREDO ZUQUIM — Encarregado das visitas diárias nos quartéis do 5.º Batalhão e Corpo de Bombeiros e acompanhar êste quando houver incêndios e, ainda, visitas nos domicílios do pessoal. Além dêsses serviços, que são diários, nenhum dos médicos se poderá negar

ao serviço extraordinário para o qual for avisado, como em casos de ferimentos, moléstias repentinas, inspeções de saúde, etc., etc.”.

Como se vê, mesmo pluralizado para quatro, ainda era grande a tarefa que cabia a cada um dos médicos da corporação.

Instalações modestas são, a princípio, destinadas ao Hospital. Contava inicialmente, com uma única enfermaria em dependência do quartel. Transferi-se, depois, para um prédio no Bom



Vista exterior da 9.^a Enfermaria (moléstias do aparelho respiratório)

IND. FARM. ENDOCHIMICA S. A.

AVENIDA SANTO AMARO, 1.239

CAIXA POSTAL, 7230

TELEFONE 8-2138

S. PAULO



1.ª ENFERMARIA

Major médico Orestes Barini (chefe) e 2.º ten. médico Waldemar Burdmann (adjunto).



4.ª ENFERMARIA

Chefe: Major médico Marco Aurélio Cidade.

Retiro, onde hoje funciona uma Seção da Secretaria de Higiene e Saúde Pública. Muda-se, a seguir, para a avenida Intendência, 12, no Brás. Volta ao prédio do Bom Retiro e, só em 1900, vem

ocupar este prédio da rua João Teodoro, ainda em fase de construção.

Após 2 decênios de existência, em 1912, aquela célula nascida em ambiente fértil assume aspecto convincente

LABORATÓRIO GEYER S. A.

Produtos Químicos, Farmacêuticos e Biológicos

MATRIZ

RUA PELOTAS, 320 — PORTO ALEGRE, RIO GRANDE DO SUL

DEPÓSITOS

S. PAULO : RUA PAISANDU, 81 — TEL. 36-5308

RIO DE JANEIRO : RUA DO SENADO, 333 — TEL. 32-5995

ESTOPEN

(ÉSTER DA PENICILINA G)

Bronquites (crônicas e agudas) — Pneumonia — Bronquiectasias
Pleurisia — Abscessos Pulmonares — Infecções pulmonares
associadas ao carcinoma pulmonar.

APLICAÇÃO AQUOSA

Em frascos de 500.000 unidades — Dose única

FABRICANTES:

GLAXO LABORATORIES LIMITED

Greenford — Inglaterra.

Representantes para o Brasil:

LABORATÓRIOS GLAXO (BRASIL) S.A.

Caixas Postais: Rio 2755 — São Paulo 3757 — Bahia 887 — Curitiba 593 — Recife 1080

te e passa a chamar-se Corpo de Saúde, com a seguinte constituição:

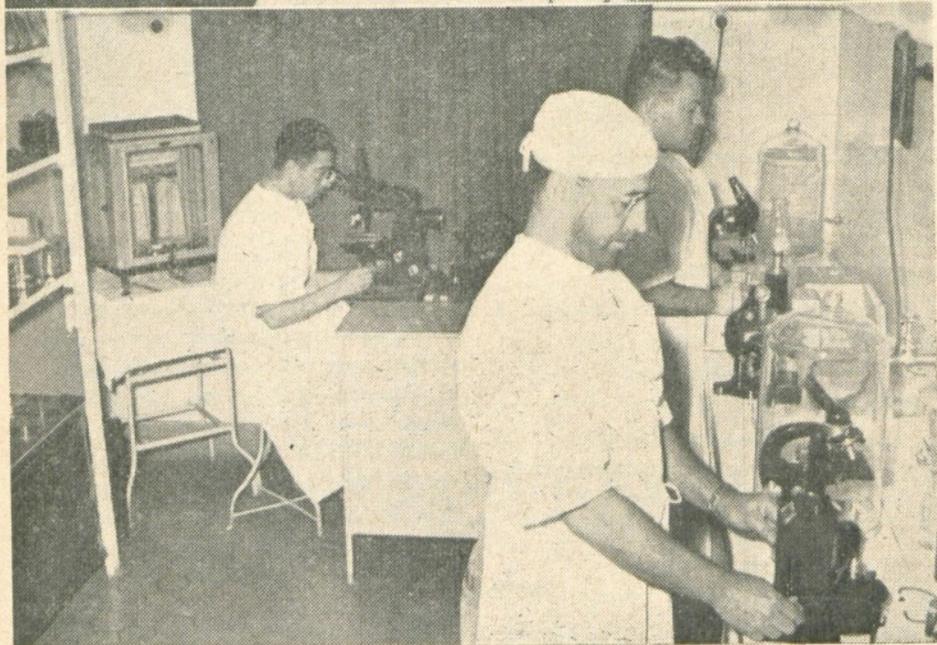
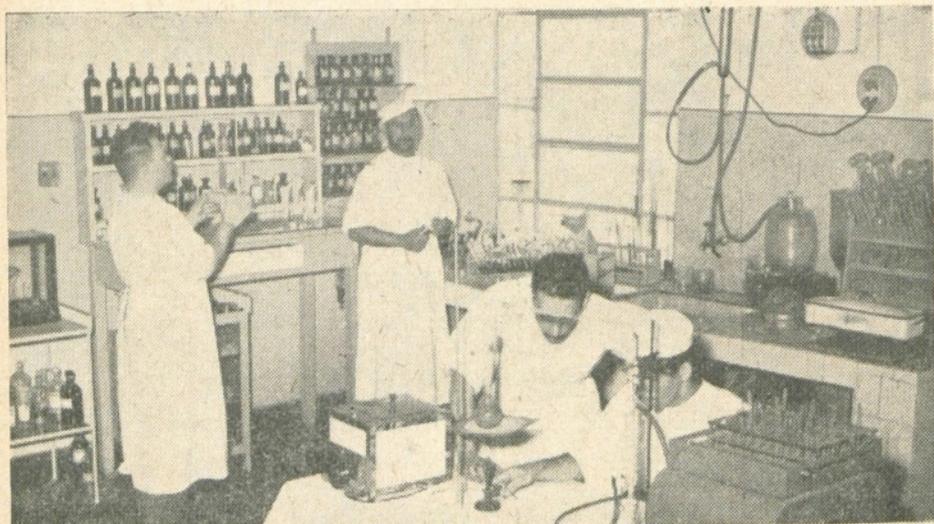
- 1 ten. cel. Chefe do Serviço Sanitário,
- 7 majores médicos,
- 1 capitão dentista,
- 1 capitão farmacêutico,
- 1 sgt. ajudante enfermeiro-mór,
- 2 2.ºs sgts. assistentes,
- 1 furriel amanuense,
- 6 cabos enfermeiros e
- 18 soldados serventes.

Natural, pois, foi o júbilo dos que trabalharam pelo engrandecimento do serviço médico na Fôrça Pública ao ver o H. M., a 30 de abril de 1916. depois de inaugurado oficialmente, instalar-se definitivamente nêste edifício, construi-

do à semelhança dos melhores hospitais de então.

Realização de vulto, a construção do Hospital marcou época e veio concretizar uma velha aspiração da grande e venturosa família que é a Milícia Bandeirante. Obra do inesquecível Ramos de Azevedo, o edifício do Hospital, em seu imponente aspecto, lembrando uma fortaleza medieval, com sinuosas alamedas asfaltadas em meio a magnífico jardim, e dotado do melhor aparelhamento hospitalar daquela época, constituia-se em orgulho e satisfação para os milicianos.

O tempo, todavia, implacável em sua ação destruidora, a que tudo e todos se vergam, deixa-lhe cicatrizes profundas.



LABORATÓRIO DE ANALISES

Embora com instalações provisórias (aguarda-se o término da construção de pavilhão próprio), vem atendendo às requisições da Corporação. Dirige-o o 1.º ten. médico Paulo Ferrara Fiori Wassall, tendo como adjunto o 2.º ten. médico Gilberto Lavras.



ASPECTOS INTERNOS DE ENFERMIARIAS

Ao alto, a 2.^a Enfermaria (sempre muito movimentada), sob a direção do major médico Antônio Eugênio Longo, que tem como adjunto o cap. médico Ato do Amaral. Ao centro, o chefe da 3.^a Enfermaria, major médico Jefferson Martins Costa, auscultando um paciente. Em baixo, 6.^a Enfermaria, dirigida pelo major médico Jarbas Nogueira de Lima.

← SALA DE CIRURGIA

Aquilo que era nosso justo orgulho vai, aos poucos, perdendo a sua beleza e vistiosidade. As reformas de que o prédio necessitava eram feitas morosa e parcia'mente.

Essa, porém, era a batalha que se travava, titânica, desigual, entre o tempo e a parte material, alterando o arcabouço do Estabelecimento, porque interiormente, no silêncio hospitalar das enfermarias, dos laboratórios, da sala de cirurgia, um grupo de bravos, verdadeiros paladinos da nobilitante profissão que abraçaram, trabalhava, incessantemente, para que a nossa Fôrça possuisse uma casa de tratamento à altura de sua tradição.

E, se já não eram suficientes os médicos de que dispúnhamos para proporcionar aos nossos homens a assistência que se fazia mistér — eis que a Fôrça, para cumprir sua missão, crescera em efetivo e em número de Unidades, acompanhando o célere progresso

CASA CIRÚRGICA

Costa & Carvalho

Cirurgia — móveis para consultórios. Artigos em geral para médicos, parteiras, hospitais, farmácias e laboratórios. Meias elásticas para varizes, nacionais e estrangeiras; ciclo-propano, protóxido de azoto, cal sodada.

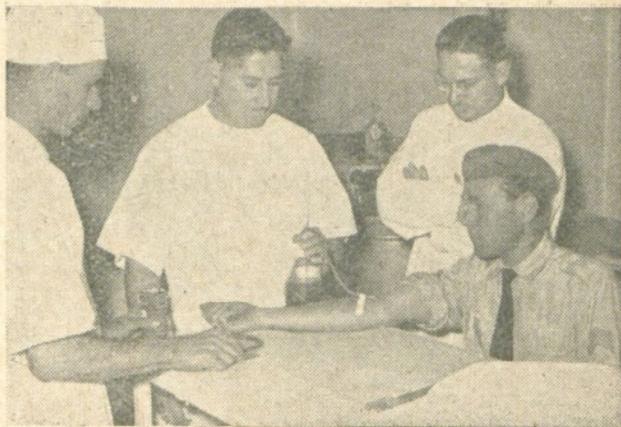
Fones: 35-9029 e 32-0132
Rua Senador Feijó, 121



Caixa Postal, 1410
SÃO PAULO

BANCO DE SANGUE

Funciona sob a direção do cap. médico Silvio Ernesto Marino, que aqui supervisiona uma das muitas operações de colheita de sangue.



do Estado —, assim o sentiu a nossa alta administração, que diligenciou no sentido de que fôsse aumentado o quadro médico.

Inicia-se, então, uma fase — pode-se dizer — de esplendor.

Novos médicos se submetem a rigoroso concurso; o progresso da medicina é acompanhado de perto; tanto no País como no estrangeiro, médicos da Corporação freqüentam cursos e estágios de especialização; o Serviço Odontológico, criado em dezembro de 1911, é igualmente ampliado; reformas necessárias são levadas a efeito no Hos-

pital, recebendo as enfermarias, uma a uma, o impacto do progresso, através de reformas substanciais e adequadas ao fim a que se destinam; foi adquirido equipamento médico-científico e sanitário, exigido pela constante evolução da ciência e destinado à montagem de importantes clínicas, tais como radioterapia, esofagoscopia e urologia; é criado, por um pugilo de profissionais estudiosos, o "Centro de Estudos Médicos da Fôrça Pública" ("Militia", n.º 29, páginas 65 a 67).

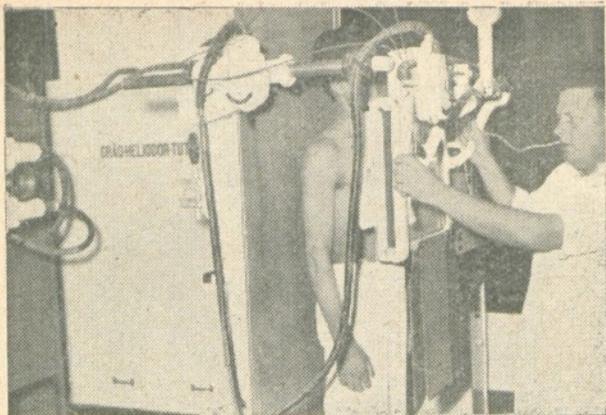
Dentro ainda dêsse ciclo de melhoramentos, aguarda-se para breve: a

PRECOLDE LABOR

PARA O TRATAMENTO EFICIENTE DO RESFRIADO

PRECOLDE

É TANTO MAIS EFICIENTE QUANTO MAIS CEDO EMPREGADO



GABINETE RADIOLÓGICO

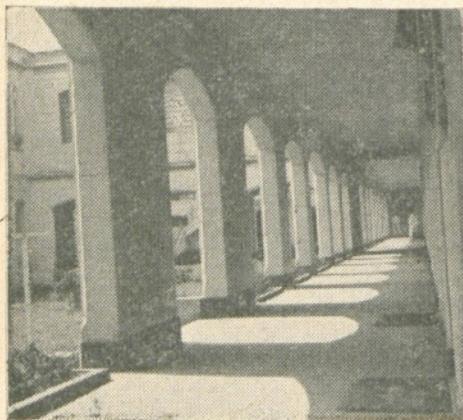
construção do pavilhão destinado à instalação do Laboratório de Análises; reforma e adaptação de uma das salas de cirurgia; a conclusão da dependência destinada à instalação do aparelho de radioterapia; a ampliação do Gabinete de Fisioterapia; a instalação das clínicas de urologia e esofagoscopia.

SERVIÇOS MÉDICOS PRESTADOS PELO S.S.

Na Capital e no interior do Estado, através do Hospital Militar, Formações Sanitárias Regimentais e Depó-

sito de Convalescentes e Sanatórios, o S.S. presta os seguintes serviços:

- 1 — Consultas
- 2 — Injeções (intramusculares e endovenosas)



Interessante aspecto interno do H.M.



Ao Hospital Militar da
Fôrça Pública

homenagem do

LABORATÓRIO CLIMAX S. A.

R. Joaquim Tavora, 533/780

SÃO PAULO

- 3 — Curativos
- 4 — Cirurgia (pequena e alta)
- 5 — Raio X (roentgenfotografias e radiografias)
- 6 — Vacinação (antitífica, antivaricelosa, antitetânica e B.C.G.)
- 7 — Exames de laboratório
- 8 — Gabinete Fisioterápico:
 - banhos de luz (ultravioleta e infravermelho)
 - massagens
 - duchas frias
 - eletrochoques
 - eletrocardiogramas
 - faradizações
 - ionizações transcerebrais
 - diatermia
 - metabolismo basal
 - galvanizações
 - nebolizações.
- 9 — Diversos:
 - inspeções de saúde



7.^a ENFERMARIA — OFTALMOLOGIA
 O 2.^o ten. médico Libânio de Pádua Sales examina um paciente.

Está aparelhado material e tènicamente
 para garantir a constância de suas preparações

LABORATÓRIO

SANITAS DO BRASIL S/A

Avenida Lins de Vasconcelos, 3420

— Tel. 70-1250



SERVIÇO FARMACÊUTICO

Major José Adorno de Lima, cap.
Iraní Paraná do Brasil e sub-ten. José
Novato Dias.

- observações clínicas
- receitas
- serviços profiláticos (sífilis e
tuberculose)

no D. C. S.

- pneumotórax)
- radioscópias)

SERVIÇO FARMACÊUTICO

O Serviço Farmacêutico do S.S.,
dado o grande movimento que a Corpo-
ração proporciona, teve, em 1951, o se-
guinte movimento: *Laboratório de Hi-
podermia*: ampolas fabricadas —
81.734; *Secção Industrial*: comprimi-
dos — 55.750 e diversos medicamen-
tos (fórmulas, soluções, poções, pom-
adas, etc.) — 973; *movimento de ma-
nipulação* (exclusivamente no Labora-
tório): receitas aviadas — 26.492; pe-
didos atendidos das F.S.R. da Capital
e do Interior: 135.

ORGANIZAÇÃO

Esquemáticamente, podemos a-
presentar como a seguinte a organi-
zação de saúde da Força Pública:

1. Chefia e sub-chefia.
2. Formação de Intendência e

Fundos:

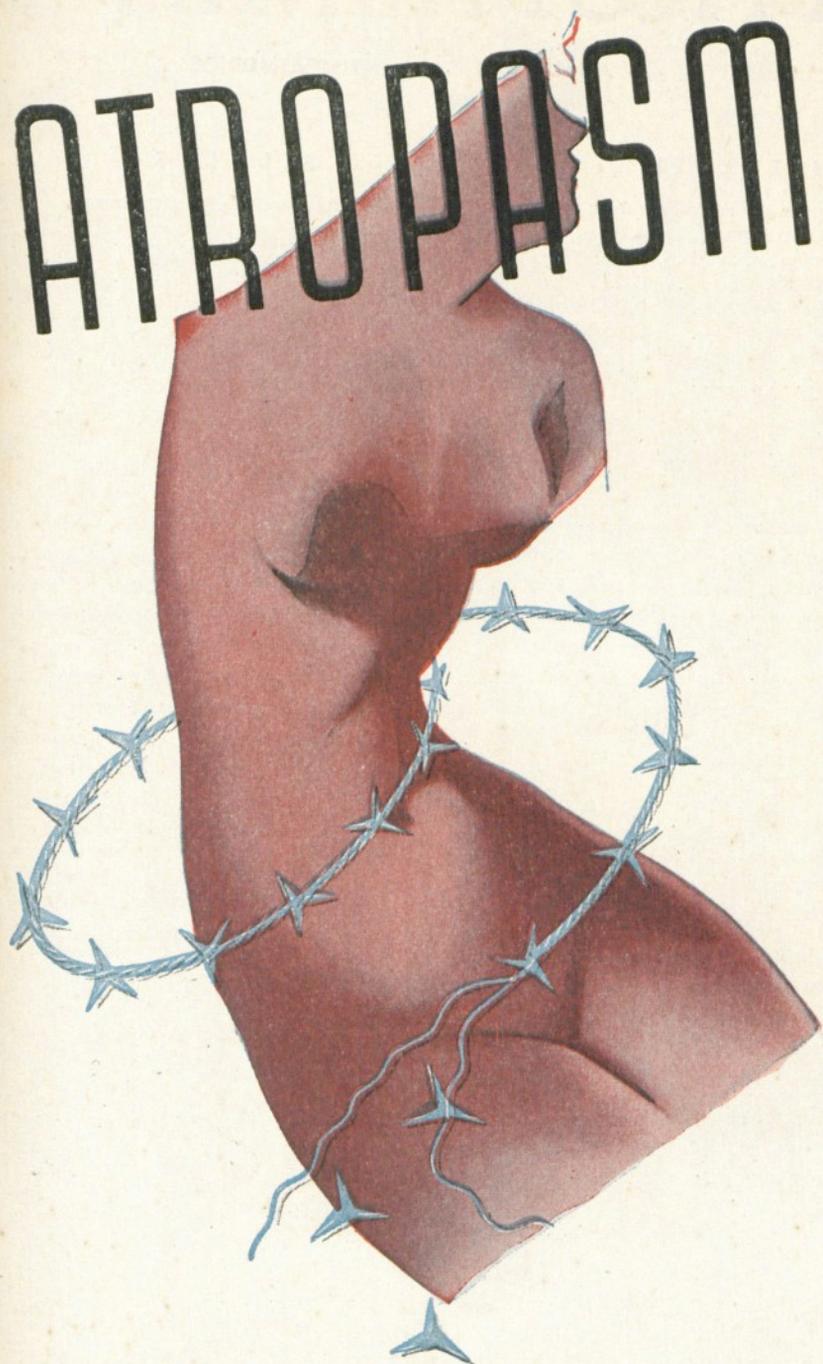


PRODUTOS QUÍMICOS CIBA S. A.

ESPECIALIDADES FARMACÊUTICAS — PRODUTOS QUÍMICOS
ANILINAS — PRODUTOS AUXILIARES

RIO DE JANEIRO — SÃO PAULO — RECIFE
PÔRTO ALEGRE — BELO HORIZONTE

ATROPASMIN



ATROPASMIN

SEDATIVO — ANALGÉSICO — ANTIESPASMÓDICO

INJETÁVEL

Cada ampola de 1 cm³ contém:

Cloridrato de papaverina . . .	0,0150 g
Sulfato de atropina	0,0005 g
Fenil-etil-malonil-uréia	0,0500 g
Cloridrato de tiamina	0,0050 g
Fenil-dimetil-pirazolona	0,0500 g
Lisado de fígado (Kasakow)	
1:100	0,2500 cm ³
Propileno glicol - q.s.p.	1 cm ³

PILULAS

Cada pilula de 0,10 g contém:

Cloridrato de papaverina	0,01 g
Extrato de meimendo	0,01 g
Extrato de beladona	0,01 g
Extrato de alcaçúis	0,02 g
Alcaçúis em pó	0,03 g
Excipiente para queratinização . .	0,02 g

INDICAÇÕES

Espasmos e cólicas intestinais, renais e hepáticas; menstruações dolorosas e crises nervosas menstruais; manifestações dolorosas dos órgãos internos da mulher; estados de angústia, de irritação, de enxaquecas; insônias; hemicrânea; estados anginosos. Medicação auxiliar em certas molestias cardíacas.

Espasmos e cólicas intestinais, renais e hepáticas; estados diarreicos, agudos e crônicos, motivados por uma hiper-peristalse intestinal; manifestações dolorosas dos órgãos internos da mulher (disfunção entre o corpo e o colo uterinos, dores espásticas ovarianas, uterinas e vaginais, síndrome menopáusia, crises nervosas pre-menstruais).

POSOLOGIA

Adultos: uma a duas ampolas por via intramuscular, por dia, ou segundo critério médico.

Crianças: de mais de 8 anos — meia a uma ampola por dia ou a critério médico.

Deglutir duas pilulas uma a duas vezes por dia, depois das refeições, ou duas pilulas por ocasião da crise dolorosa, podendo esta dose ser aumentada ou diminuída, segundo critério médico.

ACONDICIONAMENTO

Caixas de 6 amps. de 1 cm³ e embalagem hospitalar.

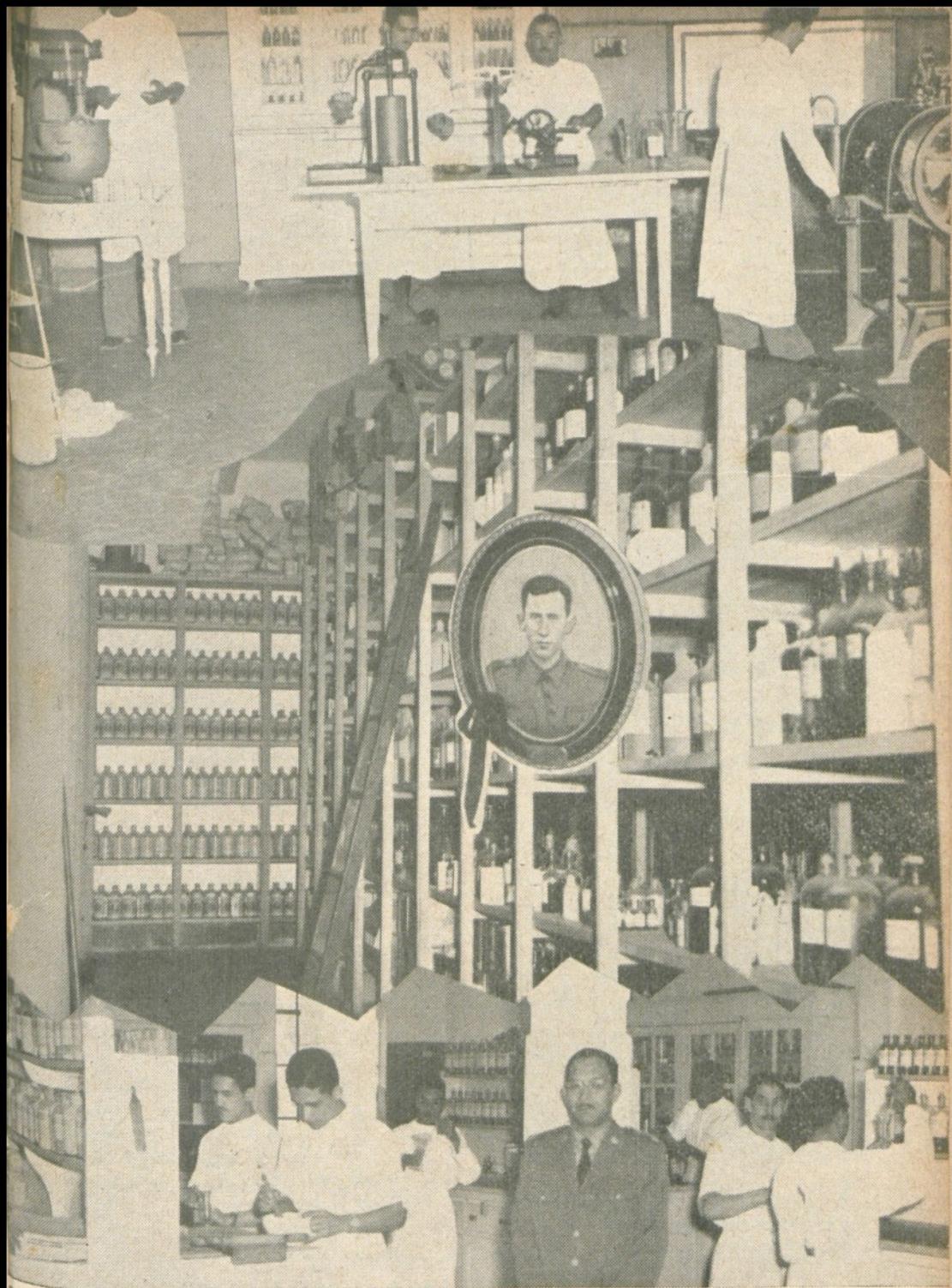
Tubos com 20 pilulas e embalagem hospitalar.



LABORATÓRIOS NOVOTHERÁPICA S. A.

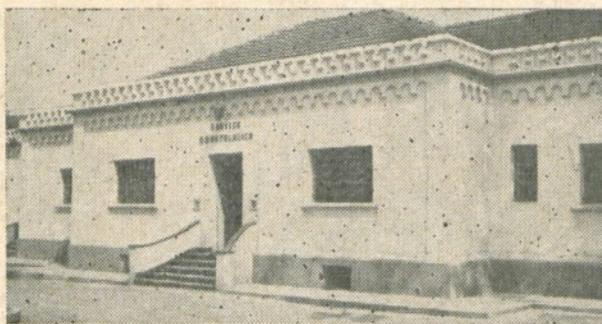
SÃO PAULO

FONE, 6-6358 (Rede Interna) — CX. POSTAL, 384

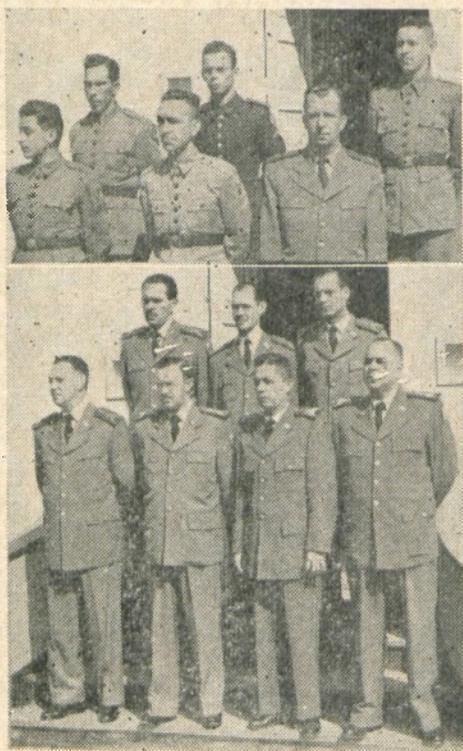


SERVIÇO FARMACÊUTICO

Ao alto: laboratório industrial; no centro, detalhe da drogaria e depósito e no medalhão, o sub-ten. Melquiades Alves de Oliveira, que tombou heroicamente durante os últimos e sangrentos acontecimentos da ilha Anchieta; em baixo, a secção de manipulação da farmácia.



SERVIÇO ODONTOLÓGICO



Em baixo: oficiais dentistas do Serviço Odontológico, cujo chefe é o ten. cel. Breno Pereira da Silva.

- a) — Tesouraria
- b) — Aprovisionamento
- c) — Almoarifado:
 - Lavanderia
 - Cozinha

3. Secretaria.

4. Serviço Médico:

- a) — Secção Técnica
- b) — Cruz Azul
- c) — Clínica da Vila Militar
- d) — Formações Sanitárias Regimentais
- e) — Juntas médicas
- f) — Hospital Militar:
 - Diretoria
 - Mordomia
 - Gabinete Radiológico
 - Laboratório
 - Enfermarias:
 - 1.ª - neurologia e psiquiatria
 - 2.ª - traumatologia
 - 3.ª - cardiologia
 - 4.ª - pele e sífilis
 - 5.ª - cirurgia
 - 6.ª - clínica médica
 - 7.ª - oftalmologia e otorrinolaringologia
 - 8.ª - urologia

ASSISTÊNCIA
DENTÁRIA

Raio X



Cirurgia



COMPANHIA DE TECIDOS

JOSÉ ANDRADE

Casimiras, Lãs, Linhos, Brins, Aviamentos e Algodões

MATRIZ:

Rua Florêncio de Abreu, 242

End. Teleg.: "JANDRÁ"

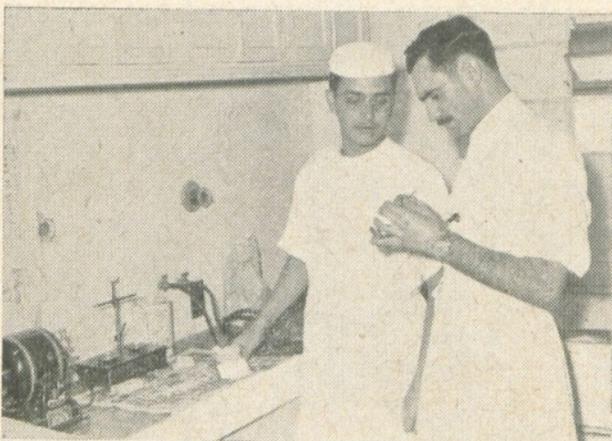
Caixa Postal, 4619

Tel.: { 32-4684
 { 36-7373

SÃO PAULO - BRASIL

MILITIA

103

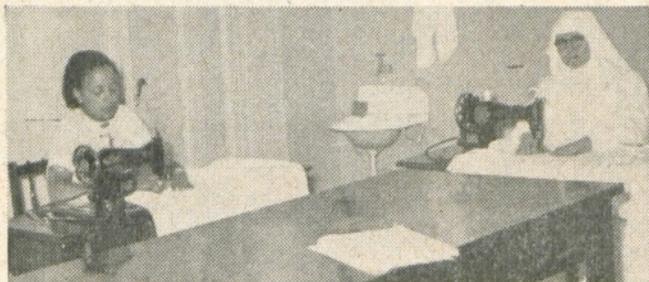


ASSISTÊNCIA
DENTÁRIA

Prótese

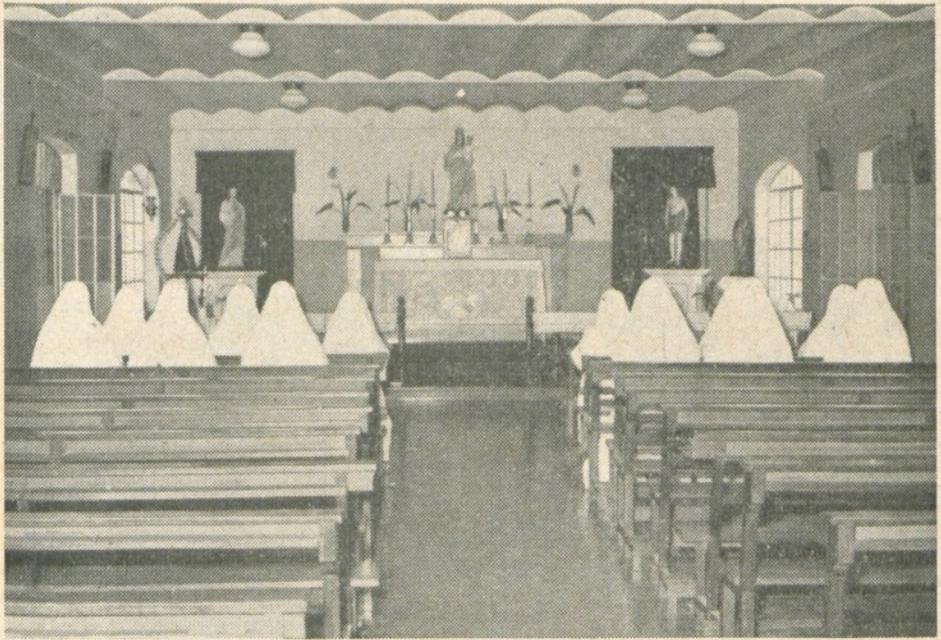


Clínica



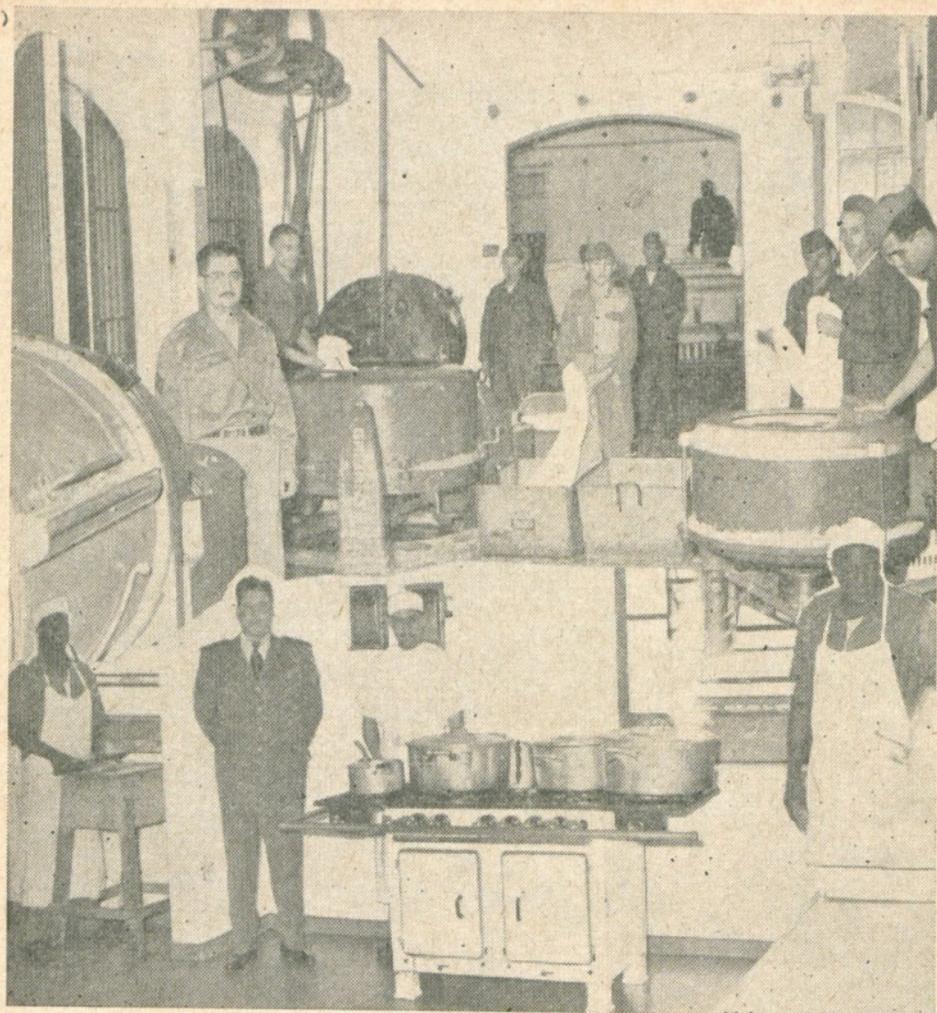
SALA DE COSTURA

Aqui trabalham
uma funcionária e
uma irmãzinha. Pres-
tam grande serviço
na recuperação de
roupa rasgada.



ASSISTENCIA MORAL E ESPIRITUAL AOS ENFERMOS

Interior da capela do Hospital Militar e o grupo das irmãs que assistem os doentes, sob a direção da madre Arsênia Maria de São José.



SERVIÇOS AUXILIARES

Detalhes da lavanderia (ao alto) e da cozinha (em baixo). Estão sempre em grande atividade.

- | | |
|--|--|
| <ul style="list-style-type: none"> — 9.ª - moléstias do aparelho respiratório — de oficiais — Sala de cirurgia — Banco de sangue — Biblioteca | <ul style="list-style-type: none"> 5. Serviço Odontológico a) — Policlínica b) — Gabinete protético c) — Clínica: <ul style="list-style-type: none"> — das F.S.R. — dos serviços — da Vila Militar |
|--|--|

6. Serviço Farmacêutico:

- a) — Farmácia e Laboratório
- b) — Drogaria e Depósito

7. Depósito de Convalescentes e Sanatório:

ASSISTÊNCIA MORAL E ESPIRITUAL

Além dos elementos orgânicos da organização de saúde da Milícia Bandeirante, doze religiosas da Congregação das Irmãzinhas da Imaculada Conceição, dirigidas pela madre Arsênia Maria de São José, entregam-se devotadamente à obra a que se propuseram: dar assistência moral e espiritual aos enfermos.

— EFETIVOS DE OFICIAIS —

Médicos:

- 1 coronel
- 4 tenentes-coronéis
- 14 majores
- 20 capitães
- 19 primeiros-tenentes

Farmacêuticos:

- 1 major
- 1 capitão
- 2 primeiros-tenentes

Dentistas

- 1 tenente-coronel
- 1 major
- 4 capitães
- 16 primeiros-tenentes

Veterinários:

- 1 capitão
- 1 primeiro-tenente

Combatentes

- 1 capitão
- 1 primeiro-tenente
- 1 segundo-tenente

NOTA DA REDAÇÃO

Não só por absoluta falta de espaço, como também em razão do retardamento da reportagem fotográfica que estamos aguardando de Tremembé, será inserto oportunamente o noticiário relativo a este importante órgão do Serviço de Saúde da Força Pública.

Durante as férias, X conhece uma rapariga encantadora. Apaixona-se por ela e pensa seriamente em casar-se. Mas como não conhece o passado de sua noiva, vale-se de um amigo. Pede-lhe, em nome de sua própria tranquilidade, que tome informações a respeito dela, enviando-lhas o mais depressa possível.

No dia seguinte, X recebe um telegrama lacônico: «Processo Dreyfus».

Indignado, sem compreender o telegrama, telefona ao amigo. Este o atende e declara, em resposta às suas invectivas:

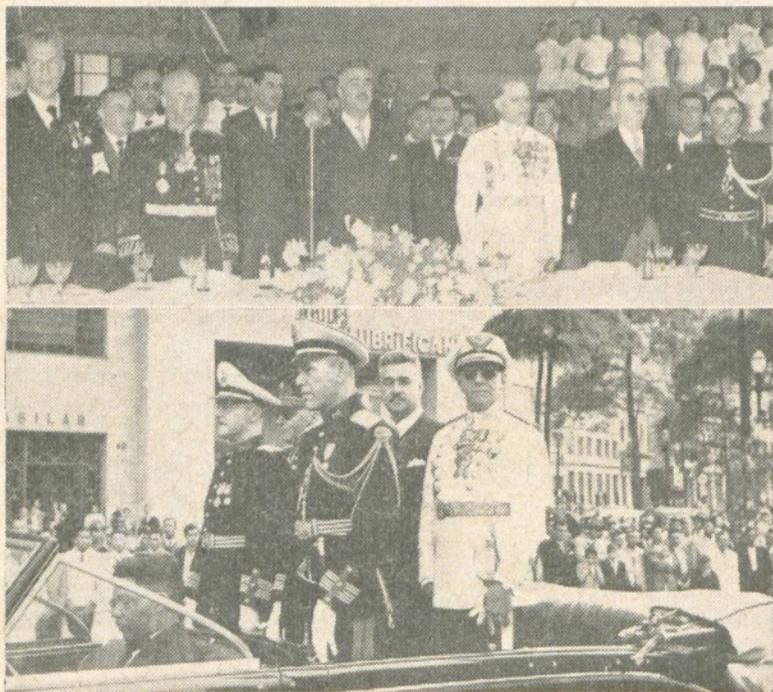
— «Mas que culpa tenho eu se sua noiva se parece com o processo Dreyfus?»

—É claro. A família tem certeza da inocência dela. Infelizmente o exército não tem.

NO DIA DA PÁTRIA

Imponentes as manifestações da maior data nacional

Desfile no Vale do Anhangabaú — Almôço aos Expedicionários

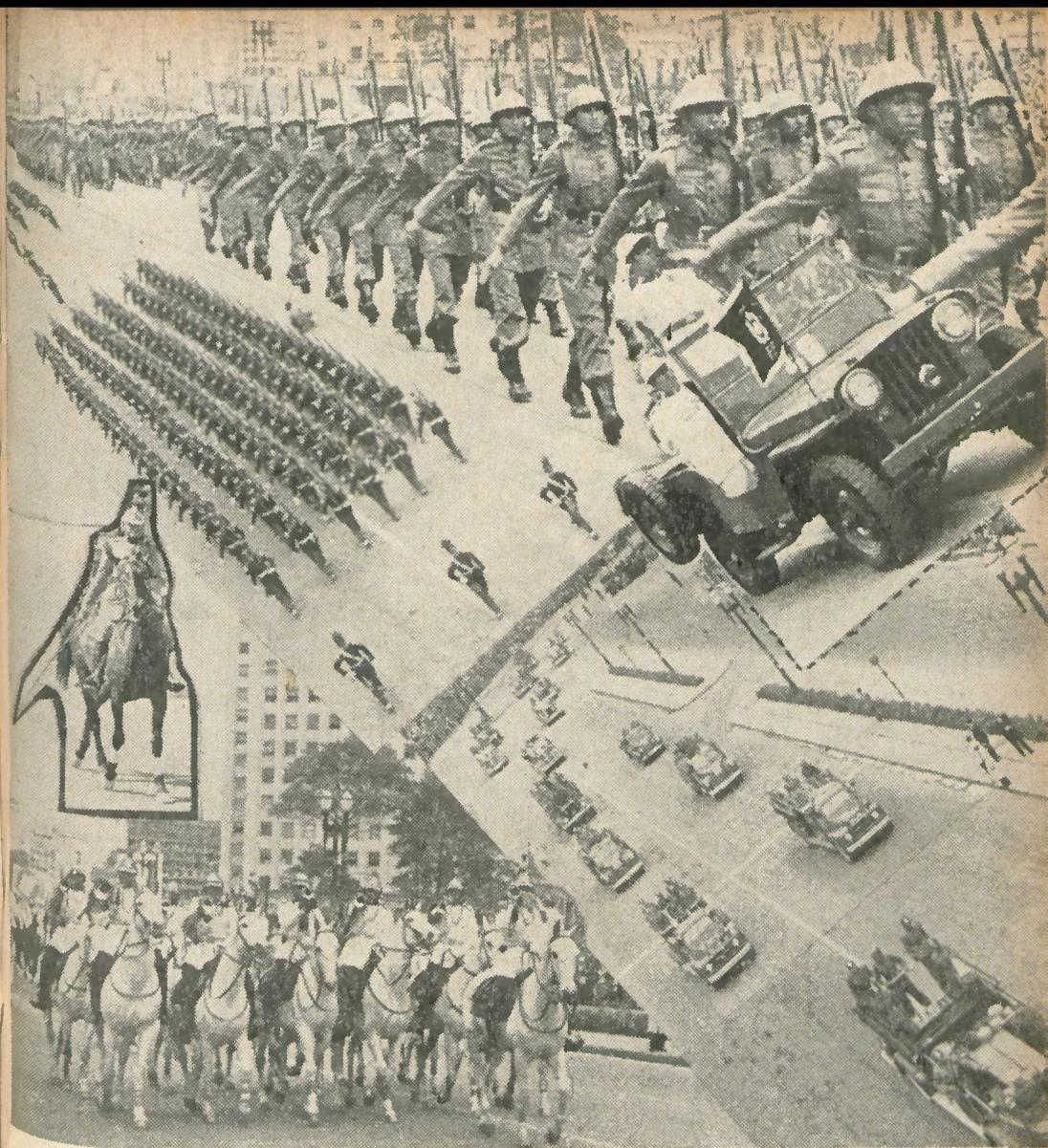


Em baixo: o governador Lucas Nogueira Garcez, acompanhado das máximas autoridades militares federais e estaduais, passa em revista às forças que desfilam. Ao alto, detalhe do grande almôço oferecido aos Expedicionários, no Pacaembu.

Marcantes solenidades assinalaram, em São Paulo, o transcurso do Dia da Pátria. Desde o alvorecer o paulista veio à praça pública para, em comunhão, postar-se no relicário do

Ipiranga e evocar, às margens do histórico riacho, a data magna da nacionalidade.

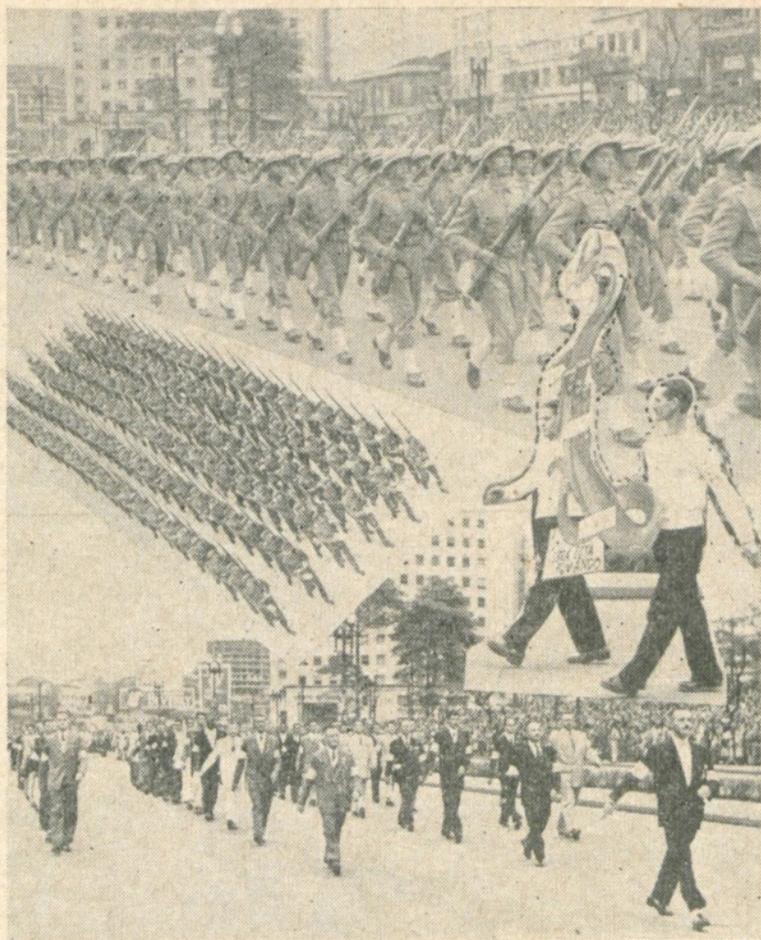
Entre as comemorações uma houve que pôs o paulista genuflexo, com a



— Fôrça Pública —

mesma alma sensível e ardente que coloca a serviço das causas por que luta: foi a inauguração da linda Praça dos Expedicionários, em reverência e homenagem aos heróis que souberam honrar o nome da Pátria em campos da Europa,

em defesa dos sagrados princípios de liberdade. Ao centro dessa Praça levantar-se-á, em breve, o mausoléu granítico que evocará, nas gerações porvindouras, o sentimento de orgulho e gratidão, face à lembrança dos antepassados que



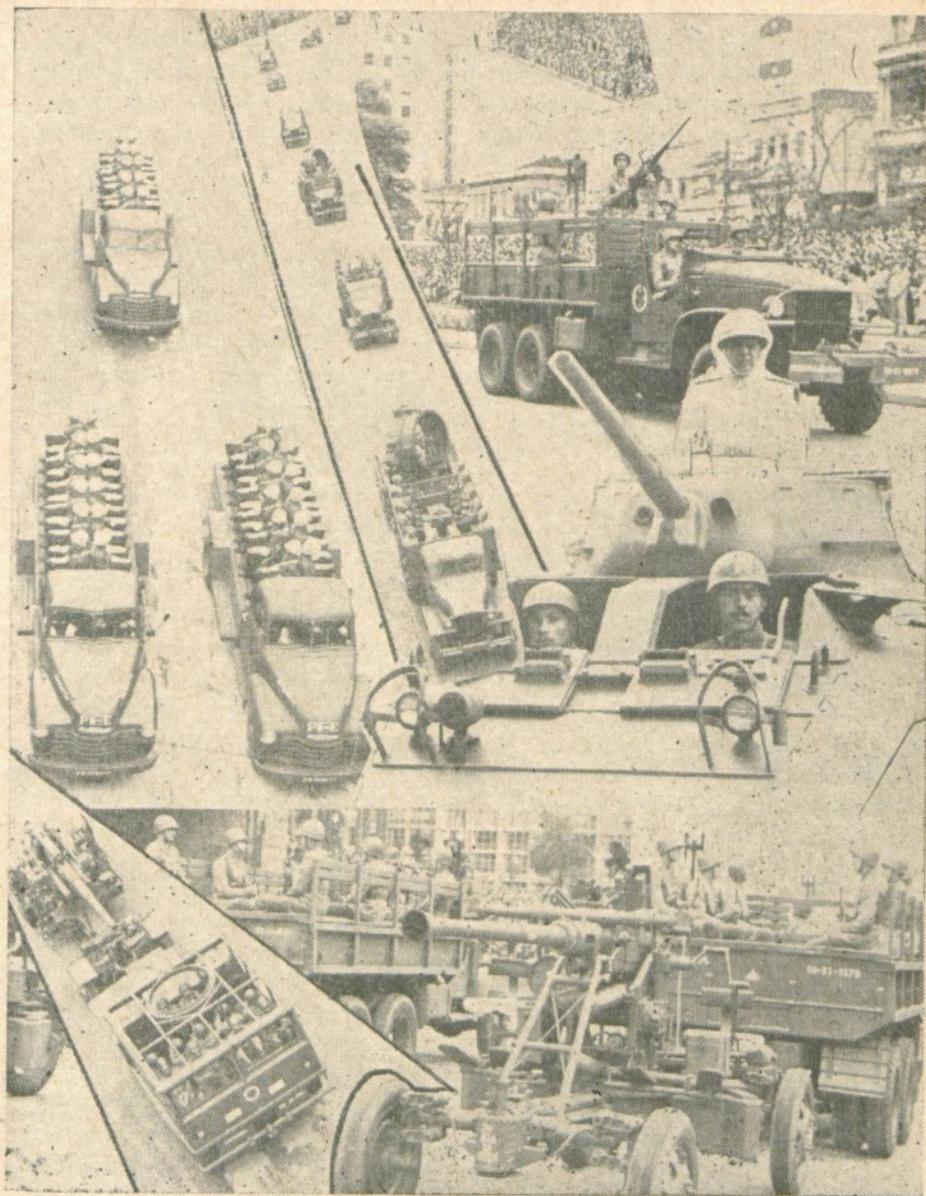
Exército — Fôrça Aérea — Expedicionários

não titubearam em ofertar a vida, em holocausto à Pátria e à liberdade!

Outro ponto alto dos festejos cívicos de 7 de Setembro foi o grandioso desfile das Fôrças Armadas, realizado no Valé do Anhangabaú, às 11 horas. Dêle participaram as unidades da 2.a Região Militar, da 4.a Zona Aérea e da Fôrça Pública. A presença do valente e numeroso grupo de ex-combatentes da F.E.B., a quem não faltaram flôres

e ovações ofereceu ao paulista excepcional ensejo de vibração cívica. Aos mutilados, material e moralmente já assistidos pelo povo e Associação dos Ex-combatentes de São Paulo, que desfilavam ante a multidão emocionada, o paulista ia oferecendo suas lágrimas de solidariedade e gratidão.

O Governador do Estado e as mais altas autoridades civís e militares estiveram presentes à grandiosa soleni-



Fôrças motorizadas do Exército Brasileiro

dade e o povo, disposto literalmente nas rampas laterais da avenida Anhangabaú, como um tapete multicor cobriu

o vale e com seu entusiasmo cívico ofertou à Pátria comovedora, eloqüente, espetacular homenagem.

"Militia", participando dos festejos cívicos do dia máximo da nacionalidade, como órgão de classe, não poderia deixar de dispensar particular atenção à atuação que neles teve a Fôrça Pública do Estado. Ao invés, porém, de manifestar suas observações diretas preferiu fazê-lo transcrevendo comentário publicado em o "Tablóide", vibrante jornal diário da Capital Paulista.

"O feito do paulista, êste nosso jeito-de-ser, é o culpado da injustiça que fazemos de uma das mais formosas realizações de São Paulo — a Fôrça Pública. Íntimamente reconhecemos o alto significado desta soberba formação militar, mas, somos parcimoniosos, quase avaros de nossos aplausos. O paulista, arredio por temperamento, avesso às manifestações transbordantes só mesmo quando se emociona, revela o seu enlêvo. Foi o que aconteceu no primeiro domingo de setembro. Quando surgiram na rêta do Anhangabaú os impecáveis milicianos, precedidos pela banda de pífanos, estalou, vibrante, sincero, comovido o aplauso da multidão. Na manhã enevoadada, bem nossa manhã, friorenta, o som agudo e cantante das flautinhas ingênuas, ritmado pelo rouco bater dos tambores, acordou a indiferença do paulista. Foi uma consagração. Nunca assistimos em outros destíles, nem mesmo quando regressaram os heróicos praçinhas, tamanho entusiasmo. Todavia, no dia seguinte, quase não se contou

como fôra emocional o instante precioso e menos ainda se falou da Fôrça Pública. Quem se lembra de repetir aos moços a história bonita de nossos soldados paulistas? Estes 13.592 homens que hoje vestem a tarda verde-claro são donos de um foral valioso. Vieram, talvez dos oficiais que Martin Afonso de Souza deixou em Santo André ou quem sabe, mais exatamente, daqueles "permanentes" que moraram, provisoriamente, por 75 anos no Convento do Carmo, à beira da ladeira. Agora que se aproxima a festa de nossos quatro séculos, é oportuno pensar nos moldes em que vamos exaltar a fidelidade da Fôrça Pública, é glória de São Paulo. À partir daquele 9 de agosto de 1620, quando o ouvidor-geral presidiu à eleição da primeira Guarda Civil paulistana, com o efetivo de nove homens, a êste esplêndido contingente de hoje, com seus quase 14 mil homens, se estende um mundo de recordações que bem merece relêvo. É preciso contar porque nos envaidecemos de nossa Fôrça Pública e dizer, sem parcimônia, o significado que ela tem em nosso arquivo de realizações. E não se imagine que estamos sendo generosos, pois o dever de agradecimento do paulista à sua Fôrça Pública não pode e não deve ser esquecido".

Os clichês estampados fixam detalhes das magníficas solenidades do Dia da Pátria.

Do fundo de uma grande sala de arquivos, ecoou a voz indignada do capitão: «Sargento! Onde foi que você fichou a nova lista dos soldados que deram baixa? Não encontro na letra B!

— Não senhor, — respondeu o sargento. Fichei-a na letra P: «Parabens».

CURSO DE INFORMAÇÕES POLICIAIS

— ENCERRAMENTO —



A mesa que presidiu ao ato; em baixo, um aspecto da assistência.

EM agosto último, teve lugar o encerramento do curso de informações policiais destinado à especialização de conhecimentos técnicos dos oficiais da Fôrça Pública.

Compareceram ao ato, o sr. Elpídio Reali, secretário da Segurança Pública, que foi o paraninfo desta primeira turma, em número de 18 alunos.

Estiveram também presentes, o sr. comandante geral, cel. Euryale de Jesus Zerbini, comandante de corpo, chefes de serviço, bem como numerosa oficialidade.

Iniciando o ato, falou o cel. Ribamar de Miranda, Diretor de Instrução, que disse das finalidades e objetivos do citado curso, bem como do interesse que despertou no âmbito policial dêste e de outros estados.

Em seguida procedeu-se à entrega dos certificados, falando logo a seguir o 1.º ten. Ernani Afonso Trein, da B.M. do Rio Grande do Sul, que, demonstrando conhecimentos profundos, ressaltou a necessidade da ação ativa das Fôrças Policiais em policiamento, colocando-se, assim, dentro da sua verdadeira finalidade. Eis alguns trêchos de sua oração: «Não compreendemos porque tão pouco se tenha realizado nesse sentido, quando são notórias as deficiências, em pessoal, das organizações policiais dos Estados, impotentes para garantir as condições ideais de segurança dos indivíduos, da sociedade e das instituições».

«Mas, sejamos sinceros. Não é a preparação técnica profissional que impede ou impedirá a utilização das Policias Militares como organismo policial. Nesse sentido contamos

com reservas inesgotáveis de boa vontade, energia e entusiasmo».

.....
«Poderíamos seguir indefinidamente na rotina, como simples reserva ativa do Exército Nacional, embora sem meios, sem armamento adequado, possibilidade de formar reservistas, de preparar nossos próprios soldados à sombra de garantia. E a vida nos seria um «dolce far niente». Para tanto poderíamos alinhar carradas de justificativas. Mas não é o que desejamos. Sermos declarados reserva do Exército Brasileiro é quase um inferiorismo, nas condições atuais. Já um ilustre oficial da Brigada Militar do Rio Grande do Sul, ten. cel. Tisiano Felipe, dizia que: «ser reserva, de qualquer jeito todo cidadão válido o é, quer seja policial quer seja civil». E, dirigindo-se ao sr. Elpídio Reali, concluiu: «Não ignoro que o problema está sendo equacionado e que v. excia. — policial de largo tirocínio adquirido da convivência prolongada e ininterrupta das multiformes atividades policiais — melhor que ninguém conhece as necessidades e as lacunas que afligem o setor da Segurança Pública. Muitas arestas deverão ser aplainadas e muitas paixões aplacadas».

.....
«O bem-estar, a tranqüilidade e as garantias da segurança coletiva, não podem, entretanto, ser relegadas ao sabor de interesses de grupos, aos melindres, às ciuemeiras ridículas dos que se julgam detentores do segredo da eficiência! Há lugar para todos em tão importante setor da administração pública. Nem há que temer uma súbita reorganização do homem e o desaparecimento dos

entre-choques individuais e coletivos que venham a impor uma redução nos efetivos policiais, por desnecessários...».

.....
«V. excia., dr. Elpídio Reali, constitue por todos os títulos, uma esperança radiosa nesta luta empreendida, não só pela Fôrça Pública de São Paulo, mas por tôdas as Polícias Militares do País, em busca de seu real e justo aproveitamento no quadro das necessidades nacionais, e que, em última análise, nada mais significa que o restauro e a reconciliação com o passado histórico, de cujos rumos nos desviamos como conseqüência natural da hipertrofia descentralizadora de uma época, felizmente, já superada».

Finalizando, falou de improviso o sr. Elpídio Reali, que expressou seu contentamento em ser escolhido para paraninfo e ainda mais, por perceber que o problema do policiamento está interessando a todos, principalmente aos elementos da Fôrça Pública e outras Polícias Militares, afirmando que, a esta, um grande tributo de labor, trabalho e mérito está reservado para um futuro bem próximo.

Afirmou ainda s. excia., que possui confiança, depositando mesmo fé no emprêgo e ação desta Corporação no combate ao crime, não vendo longe o dia em que o índice de criminalidade baixará, pois nessa época, com um policiamento mais amplo, mais seguro e eficaz, conta-

rão as populações, não só da Capital como também do interior.

Seguiu-se um almôço oferecido pelos alunos aos professores do curso, durante o qual a confraternização do policial civil com o policial fardado foi a nota de maior destaque, e que contou com a presença do Dr. Elpídio Reali, Comandante Geral e Diretor Geral de Instrução.

São os seguintes os oficiais que concluíram o curso de Informações Policiais:

Capitães: — Olavo Alves de Andrade, Brasilino Antunes Proença, José Delídio Ferreira (P.M. Ceará) e Hugo de Almeida Portela; primeiros tenentes: — Geraldo de Lima Pennido, Wilson Rodrigues de Albuquerque, Osvaldo de Albuquerque (P.M. Segipe), José Gomes, Anselmo Peres, Alfieri Caciolari e José Gomes da Silva; segundos tenentes: — Ernani Afonso Trein (B.M. R.G. Sul), Antônio Salomão Nassif, Ubirajara Spinola Bravo, Miguel Azem, José Piceli, Nelson Homem de Melo e Godofredo da Silveira Bueno

Prêmios:

Dois prêmios foram instituídos aos 1.º e 2.º lugares classificados, cabendo:

— Prêmio «General Salgado», ao Cap. Olavo Alves de Andrade, 1.º classificado;

— Prêmio «Tobias de Aguiar», que recebeu o 2.º classificado, que foi o 2.º ten. Ernani Afonso Trein, da B.M. do Rio Grande do Sul.

————— :: —————

É melhor dar do que emprestar. E o custo é mais ou menos o mesmo.

Sir Philip Gibbs

CASA PROPRIA PARA OS SARGENTOS DA F. P.



APÓS A LAVRATURA DA ESCRITURA

O dr. Diogo Bastos cumprimenta o cel Jesus Zerbini pela magnífica conquista social que beneficiará os sargentos da F.P. Vêem-se, ainda, o dep. Lino de Matos, o sub-ten. José Antunes, presidente do C.S.S. e outras pessoas.

Em meio a grande alegria de toda a classe dos sargentos, vem de ser iniciada, por intermédio da Caixa Econômica Estadual, o financiamento da

casa própria para inúmeros sargentos da F.P.

Trata-se, sem dúvida, de uma bela vitória alcançada pelo Centro Social dos

Sargentos, após três anos de luta árdua e persistente, que vem de ver a seus esforços coroados de pleno êxito. ,

Todavia há que se ressaltar a ação eficiente do cel. Jesus Zerbini, que, propugnando pela concretização de uma das maiores aspirações dos sargentos da milícia bandeirante, deu-lhes o apóio de que necessitavam para que êles fôsem satisfeitos.

Cêrca de uma dezena de graduados já assinaram as escrituras de suas

residências próprias e outros, muito breve, se beneficiarão da providência em apreço. O ato teve lugar no salão nobre da Caixa Econômica Estadual, onde compareceram, além dos beneficiários o cel. Jesus Zerbini, comandante da F.P.; o dr. José Diogo Bastos, presidente do Conselho Administrativo da C.E.E.; diretores da empresa construtora do grupo residencial, membros da Diretoria do Centro Social dos Sargentos e grande número de pessoas.

DEPOSITE AS SUAS ECONOMIAS NA

AGÊNCIA NOTURNA

DA

CAIXA ECONÔMICA DO ESTADO DE
SÃO PAULO

Aberta das 12 às 23 horas

Praça Ramos de Azevedo, 192 (ladeira do Esplanada —
Edifício C.B.I.) — S. PAULO.

— GARANTIDA PELO GOVERNO PAULISTA —



AMAZONAS

CHEFIA DE POLÍCIA

REPRESENTAÇÃO DE "MILITIA"

Foi nomeado representante desta revista junto à P.M. Amazonense, pelo comandante daquela corporação, o major Caetano Félix do Nascimento, em substituição ao ten. cel. Luiz Pinheiro de Araujo, que foi nomeado Chefe de Polícia do Estado.

Ao comandante Pinheiro de Araujo consignamos agradecimentos pela sua ação eficiente e entusiasmada em benefício do ideal policial-militar brasileiro e os nossos melhores votos de felicidades nas suas novas, elevadas e honrosas funções que o governo estadual lhe confiou.

Ao major Caetano Nascimento, que vem de aceitar o encargo de representar esta revista, estendemos o nosso

abraço de companheiros de trabalho e de lutas e dêle mais não esperamos sinão que seja o continuador do cel. Pinheiro de Araujo.

DISTRITO FEDERAL

CONDECORADA A BANDEIRA
DA CORPORAÇÃO

Por decreto do sr. presidente da República, a Bandeira da Polícia Militar foi condecorada com a insígnia da Ordem do Mérito Militar, cuja solenidade de entrega ocorreu a 25 de agosto, Dia do Soldado, por ocasião das festividades e desfile dêsse dia.

O cel. Niso de Viana Montezuma, comandante da Corporação, baixou Boletim alusiva à solenidade, de que apresentamos êste trecho:

"INSÍGNIA DA ORDEM DO
MÉRITO MILITAR.

"Felizes as instituições que, como esta Corporação, em momento de apreensões como os que vivemos, podem ostentar no seu passado, depois de decorridos mais de cidenta anos, feitos gloriosos que, servindo de exemplo ao presente, possam ser lembrados através de dignificante proposta como a que foi feita pelo Excelentíssimo Senhor General de Divisão Ciro do Espírito Santo Cardoso, digníssimo Ministro da Guerra e aceita pelos conspícuos membros do nobre Conselho daquela égrégia Ordem!

"Felizes as instituições que, como esta Corporação, podem exhibir sua Bandeira com tão honrosa insígnia, evocando outra Bandeira que, também, foi soberba e nova e que, hoje, envolta em nosso orgulho e em nosso carinho, já não pode mais deixar o sou escritório!

"É que a solenidade de hoje, evoca, sobretudo, aquela rica Bandeira de seda que, ofertada pelo Comércio ao "Corpo Policial da Côrte", transformado em "31 de Voluntários da Pátria", com êle partiu, a 10 de julho de 1865, dêste Quartel dos Borbonos para a Guerra do Paraguai.

"Evoca aquela rica Bandeira de seda que, finda a guerra, regressou crivada de balas, como que ostentando em cala impacto o hino das vitórias de que compartilhava na passagem do Rio Paraná, no Estero Ballaco, em Tuiuti, Humaitá, Lomas Valentinas e Angustura. Aquela mesma Bandeira que transpôs os umbrais da História com os nomes de seus bravos condutores — coronel Manoel José Machado da Costa, do Exército Brasileiro, e do seu substituto, major Joaquim Antônio Fernandes de Assunção, da própria Corporação!

"Mas os tempos mudaram e com êle, também, mudou o quadro da guerra moderna e o conceito de segurança nacional.

"E nesses, à P.M.D.F., não cabe mais preparar-se para os entrechoques do estilo daquela época. Como um dos esteios da "Frente Interna", cabe-lhe, hoje, travar, com o mesmo destemor, a mesma tenacidade e a mesma firmeza, a batalha dos olhos e dos ouvidos, na complexa e astuciosa luta clandestina.

"Cabe-lhe no presente travar a batalha preventiva para que não contemplemos impávidos o perpassar das horas que correm, porque elas marcam o fim da imprevidência e o início de uma era de ação que, permita Deus, seja de ação refletida e segura, calcada num profundo sentimento de responsabilidade para com a Pátria.

"Antes nesta lembrança nos atormentemos, que com esquecimento desmereçamos a glória, a estirpe, a tradição, a independência e a integridade do Brasil, bendita terra em que nascemos!"

CLUBE DOS OFICIAIS DA POLÍCIA MILITAR

Pleito memorável, que bem atesta a pujança da instituição e o entusiasmo dos seus quadros associativos, vem de ser realizado, no Rio de Janeiro, para renovação dos quadros dirigentes do Clube dos Oficiais da Polícia Militar e do Corpo de Bombeiros.

Das duas chapas, apresentadas ao sufrágio dos associados, ambas constituídas de nomes de valor entre os seus pares, saiu vitoriosa a encabeçada pelo major Silvestre Travassos Soares, atual comandante do Corpo de Serviços Auxiliares, da Polícia Militar.

A chapa vencedora do escrutínio de 3 de setembro, estava assim organizada:

Presidente - major Silvestre Travassos Soares; vice-presidente - maj. Anísio Saião Caldeira Bastos, 1.º secretário - cap. Luiz Emílio de Melo; 2.º secretário - cap. Armando Jacarandá; 1.º tesoureiro - cap. Osvaldo Afonso Rêgo; 2.º tesoureiro - cap. José Pinto Lemos; 1.º procurador - cap. Dy Lair Peçanha; 2.º procurador - 1.º ten. Ernesto Ferreira Carqueja; bibliotecário - cap. Joaquim Lima.

No dia 15 de setembro, em solenidade realizada no Centro Paulista, à Praça da Independência, verificou-se a transmissão de poderes. Transmitindo o cargo aos recém-eleitos e fazendo o histórico de sua gestão - aliás, bem laboriosa e eficiente - falou o cel. Teófilo Peres Barbosa, nome sobejamente co-



nhecido no Brasil inteiro, pela sua notável e vitoriosa campanha pela existência legal das Polícias Militares. Proferiu, o cel. Peres, belíssima oração, traçando, em largos bosquejos, acalentada visão panorâmica do seu mandato. Pela nova diretoria, falou o major Silvestre Travassos Soares. Em oração magnífica, o novo presidente exaltou a obra do seu antecessor e traçou um quadro das necessidades mais prementes do Clube. Procurarão - afirmou - êle e seus colegas de diretoria, trabalhar com afinco para dar solução às necessidades e transformar o Clube que já conta com sete lustros de existência, numa Entidade viva, atuante, digna do seu passado e à altura da oficialidade de duas tradicionais e gloriosas corporações.

O major Silvestre Travassos é um dos oficiais superiores mais ilustres da atual geração da Polícia Militar. Des-

fruta de invejável prestígio no seio da oficialidade, pelas suas altas virtudes militares e seus preciosos dotes morais. É também um conhecido jornalista e consagrado intelectual. Recebendo o bastão das mãos honradas de um Peres Barbosa, certamente contraíu uma grande responsabilidade, que irá vencer com dinamismo, fé, ação, trabalho e equilíbrio, qualidades que tanto lhe sobejam.

Falaram, ainda, durante a solenidade, os jornalistas Santos Melo e Jorge Saad. Oradores vibrantes, teceram verdadeiros hinos ao passado fulgurante da Polícia Militar e manifestaram sua confiança no futuro da Corporação. Saudaram o major Silvestre Travassos Soares o colega das lides da imprensa augurando-lhe uma gestão operosa e fecunda, na direção do Clube da Polícia Militar e do Corpo de Bombeiros.

Presidiu a sessão solene o coronel Niso de Viana Montezuma, comandante

da Polícia Militar, que se vê, no clichê, ladeado pelos presidentes Peres Barbosa e Travassos Soares (êste de pé, falando), pelo coronel Jair Gomes, chefe de seu Estado Maior e pelo presidente do Centro Paulista. Tomaram parte na mesa, ainda, por especial distinção do coronel Peres Barbosa, o tenente coronel Jonathan Dezerto Bastos, da Polícia Militar do Estado do Rio, e o major Arrisson de Souza Ferraz, nosso camarada da Fôrça Pública.

Após a transmissão de poderes, o Clube ofereceu aos seus associados, famílias e sociedade, um animado baile que se prolongou pela madrugada afora.

"Militia" sente-se feliz em registrar tão grato acontecimento e o faz, augurando ao major Silvestre Travassos Soares uma administração dinâmica e proveitosa para que o Clube dos Oficiais da Polícia Militar possa alcançar a situação privilegiada que merece e deve ostentar.

MATO GROSSO

ANIVERSÁRIO DA P.M.

No dia 5 de setembro último, em comemoração à data da fundação da Polícia Militar de Mato Grosso, foi executado modesto mas significativo programa de festividades, elaborado pelo Comando Geral, constando de: missa solene; recepção a s. excia., o governador do Estado; desfile da tropa; saudação à P.M., pelo major Ubaldo Monteiro da Silva; inauguração do retrato de dom Aquino Corrêa, fazendo sôbre o evento o nosso representante, ten. cel. Gonçalo Romão de Figueiredo; jôgo de voleibol entre oficiais da C.E.R. 5 e da P.M.; e, para finalizar, coquetel.

Sôbre o desenvolvimento do programa citado publicaremos uma repor-

tagem no próximo número, dela constando algumas fotografias. Embora já em nosso poder ela sômente veio ter às nossas mãos quando já encerrada a paginação, motivo por que apenas pudemos inserir esta pequena nota.

CHEFE DO PESSOAL DO C.G.

Está desempenhando as funções de chefe do Pessoal do C.G., por designação do sr. cel. Comandante Geral, o ten. cel. Joaquim Corrêa da Silva, em substituição ao major Francisco Fernandes dos Santos, que foi posto à disposição do diretor da Fundação Brasil Central.

DIA 7 DE SETEMBRO

Como nos anos anteriores à Polícia Militar esteve presente ao desfile cívico-militar na manhã do dia 7, tomando parte na Parada, com uma companhia de guerra, prestando continências ao sr. dr. Governador do Estado e demais autoridades presentes no parlance oficial armado na praça Alencastro. Nessa ocasião desfilaram também uma Cia. do 16.º B.C. do Exército e vários colégios da capital.

Foi lido perante a tropa o boletim especial alusivo a data. As 18 horas, procedeu-se o arriamento da Bandeira Nacional.

RIO GRANDE DO SUL

PRESIDÊNCIA DA C.S.A.A.P.E.F.

Foi eleito presidente da Confederação Sul Americana de Associações de Professores de Educação Física, em assembléia geral realizada na cidade de Santos, S. Paulo, o major Jacinto Francisco Targa, ilustre e ativo fisicultor da Brigada Militar.

FESTA EQUESTRE

O CÍRCULO Militar de S. Paulo, no desenvolvimento do seu programa social, fêz realizar, no belo domingo que foi o dia 31 de agosto, uma não menos bela festa eqüestre, no picadeiro descoberto do R.C. A reunião, que contou com a presença de altas autoridades civís e militares, constituiu-se de um programa bem elaborado de demonstrações de saltos, evoluções, equitação de fantasia e adestramento, dela participando vários cava'eiros, entre os quais destacamos o cap. Fernando Henrique da Silva, tenentes Anselmo Perez, Bráulio Guimarães e João Bidin, da Fôrça

Pública, que fizeram magníficos saltos coletivos de quatro cavaleiros. A nota elegante foi a graciosa participação do elemento feminino, dêle se destacando as amazonas Evany e Elcie Fortes Salzano, filhas do nosso ilustre camarada ten. cel. dr. Erlindo Salzano, vice-governador do Estado. Todos os cavaleiros arrancaram calorosas palmas da assistência seleta e numerosa que encheu as dependências do R.C., e, de maneira especial, o sargento Mário Bruno e os elementos da Escola de Volteio, com seus emocionantes e magníficos números eqüestres.

Este, o grupo das graciosas amazonas.





A garota Evany Fortes Salzano fez coisas que muita gente do chamado "sexo forte" não faz.



Grupo de cavaleiros, onde se vê o Geraldo Magela de Freitas, nosso confrade do corpo de redatores de "A GAZETA", que mais uma vez nos cedeu, gentilmente, os clichês.

NOSSOS REPRESENTANTES

Representam MILITIA no Exterior, nos Estados e Territórios

BOLÍVIA (Cuerpo de Carabineros)

— Dirección General de Policía (La Paz) — cap. Saul Herbas Casanovas.

CHILE (Cuerpo de Carabineros)

— Victoria Subercaseaux, 173 2.º piso (Santiago) — teniente Efraín de la Fuente Gonzáles.

— Prefectura General (Valparaíso) — capitán Franklin Troncoso Bachler.

— IV Zona de Carabineros (Concepción) — capitán Edmundo Perotti Quaglia.

ACRE (Guarda Territorial)

— Q.G. (Rio Branco) — ten. Carlos Martinho Rodrigues Albuquerque.

ALAGOAS (Policia Militar)

— Q.G. (Maceió) — cap. José Cavalcante Maranhão.

AMAPÁ (Divisão de Segurança e Guarda)

— Séde (Macapá) — Raimundo Walter Luz.

AMAZONAS (Policia Militar e Corpo de Bombeiros)

— Major Caetano Felix do Nascimento

BAHIA (Policia Militar)

— Q.G. (Salvador) — cap. Gestsemani G. da Silva.

CEARA (Policia Militar)

— B.I. (Fortaleza) — 1.º ten. Antônio Nilson Rodrigues.

DISTRITO FEDERAL (Policia Militar)

— R.C. (Rio de Janeiro, D.F.) — ten. Manoel Apolinário Chaves.

— 6.º B.I. (Rio de Janeiro, D.F.) — cap. Hélio Miranda Quaresma.

— Escola Técnica do E.B. — cel. pe. João Tenel de Camargo e Silva.

— 3.º B.I. (Rio de Janeiro, D.F.) — major Darcy Fontenelle Castro.

ESPIRITO SANTO (Policia Militar)

— Q.G. (Vitória) — 1.º ten. Alfredo P. Barroca.

GOIAS (Policia Militar)

— Q.G. (Goiânia) — 2.º ten. Brasil Coury

MARANHÃO (Fôrça Policial)

— Q.G. (São Luiz) — major Arlindo Faray.

MATO GROSSO (Policia Militar)

— Q.G. (Cuiabá) — ten. cel. Gonçalo Romão de Figueiredo.

— 2.º B.C. (Campo Grande) — ten. cel. Hermenegildo T. do Nascimento.

PARÁ (Policia Militar)

— Q.G. (Belém) — cap. Mário Barriga Guimarães.

PARAÍBA (Policia Militar)

— Q.G. (João Pessoa) — 1.º ten. Francisco de Assis Veloso.

PARANÁ (Policia Militar)

— Q.G. (Curitiba) — Ten. Hamilton de Oliveira Castro.

— Guarda Noturna (Curitiba) — sr. Floriano José da Costa.

PERNAMBUCO (Policia Militar)

— Q.G. (Recife) — cap. João Rodrigues Pereira.

RIO DE JANEIRO (Estado)

— Capitão Walter Zulmiro Pereira de Castro

RIO GRANDE DO SUL (Brigada Militar)

- Q.G. (Porto Alegre) — 2.º ten. Ernani Pereira de Aquino.
- 4.º B.C. (Pelotas) — 2.º ten. Militão da Silva Neto.
- 1.º B.C. (Santa Maria) — ten. Pedro Celeny S. Piress Garcia.
- 2.º R.C. (Livramento) — 2.º ten. Carlos Cravo Rodrigues.
- B.G. (Rio Grande) — 2.º ten. João Matos de Araujo.
- 3.º B.C. (Passo Fundo) — Asp. Armando Chaves Credideu.

SANTA CATARINA (Polícia Militar)

— Capitão Washington H. de Moura Brasil

SAO PAULO (Fôrça Pública)

- Q.G. (Capital) — Cap. Felix B. Morgado.
- C.F.A. (Capital) — 1.º ten. Osvaldo Hildebrand.
- B.G. (Capital) — 2.º ten. Paulo Ribeiro.
- 2.º B.C. (Capita) 1.º ten. Ricardo Gonçalves Garcia.
- R.C. (Capital) — 1.º ten. Plínio Desbrousses Monteiro.
- C.B. (Capital) — 1.º ten. Samuel Rubens Armond
- 3.º B.C. (Ribeirão Preto) cap. Osvaldo Lopes de Brito.
- 1.º B.C. (Capital) — 2.º ten. Rul da Silva Freitas.
- B.P. (Capital) — 1.º ten. Antônio Silva.
- 4.º B.C. (Bauru) — 2.º ten. Alaôr de Souza Campos
- 5.º B.C. (Taubaté) — 1.º ten. Valdemar Indalécio.
- 6.º B.C. (Santos) — 1.º ten. Aldo Campanhã.
- 7.º B.C. (Sorocaba) — ten. Alvaro Parreiras
- 8.º B.C. (Campinas) — 1.º ten. Osvaldo Teixeira Pinto.
- S.M.B. (Capital) — cap. Olívio Franco Marcondes.
- S.E. (Capital) — cap. Augusto de Abreu.
- S.I. (Capital) — cap. Benedito da Silva Matos.
- S.F. (Capital) — 1.º ten. Ari José Mercadante.
- S.Subs. (Capital) — ten. Tiago Vilaverde Prior.
- E.E.F. (Capital) — 1.º ten. Ademar Ferreira.
- S.T.M. (Capital) — 1.º ten. Jalmar Carvalho Costa
- S.S. - H.M. (Capital) — 1.º ten. Irani Paraná do Brasil
- 1.ª Cia Ind. (Mogi das Cruzes) — cap. Fernão Guedes de Souza.
- 2.ª Cia. Ind. (S. Jossé do Rio Preto) — 2.º ten. José Ribeiro de Godof.
- 3.ª Cia. Ind. (Presidente Prudente) — cap. Divo Barsotti
- 4.ª Cia. Ind. (Araraquara) — cap. Antônio Augusto de Souza Filho.
- 1.ª C.I.B. (Santos) — cap. José Limongi França
- Rádio Patrulha (Capital) — sr. Epaminondas Caldas Camargo.

SERGIPE (Polícia Militar)

— Q.G. (Aracaju) — 2.º ten. José Félix da Silva

Além dos supra mencionados, mantemos agentes em tôdas as cidades do interior do Estado de São Paulo.

Luiz Gonzaga vence a "Corrida da Primavera" em Petrópolis



Luiz Gonzaga Rodrigues, vice-campeão da São Silvestre de 1951, vencedor da «Corrida da Fogueira» de 1952, venceu brilhantemente mais uma prova de pedestrianismo, a «Corrida da Primavera» realizada a 3 de setembro, em Petrópolis.

Sustentando sensacional duelo com Geraldo Caetano Felipe Luiz Gonzaga conseguiu esplêndida vitória.

A F.P. de São Paulo classificou-se em 1.º lugar por equipes mi-

litares, e em 2.º na classificação coletiva.

As classificações individuais foram as seguintes: — 1.º lugar — sd. Luiz Gonzaga Rodrigues; 4.º lugar — 3.º sgt. Laudionor Rodrigues da Silva; 7.º lugar — sd. Floriano Avelino Cordeiro; 10.º lugar — cabo Joaquim Gonçalves da Silva; 13.º lugar — sd. José Nunes de Brito; 29.º lugar — sd. Geraldo Tibério.

TEMPORADA HÍPICA DE SANTOS

Prova "DUQUE DE CAXIAS"

Vencedores Teotônio Lara e capitães Felix Morgado e Fernando Henrique

Texto do cap. Plínio D. Monteiro

A temporada hípica de Santos, realizada no Club Hípico de S. Vicente, como parte do programa para o mês de julho de 1952, da Federação Paulista de Hipismo, apresentou cavaleiros de tôdas as entidades paulistas que se dedicam a essa aristocrática modalidade de esporte, num total de quase 80 concorrentes, disputando com ardor as classificações das sete provas levadas a efeito.

A Fôrça Pública, se fazendo representar por quatro cavaleiros do R.C., conquistou uma grande percentagem das classificações finais, demonstrando os recursos excepcionais de seus 9 cavalos e de seus poucos cavaleiros inscritos para aquela temporada, o que superou a expectativa do grande número de assistentes.

O seguinte resultado do certame, é uma real prova de nossa asserção: —



Cap. Felix Morgado, montando "Kid"

Provas do dia 5-VII-1952: —

PROVA CIDADE DE SANTOS

— Classe «A» — barragem em tempo. 1.º colocado: — Teotônio Pisa de Lara, da S.H.P., montando «Café»;

2.º colocado: — 1.º Ten. Silvio Marcondes Rezende, do R.C., com «Cruz del Sur».

PROVA CIDADE DE S. VICENTE — Classe «C» — Percurso normal.

4.º Lugar: — Cap. Felix de Barros Morgado, montando «Marambaia».



Cap. Fernando H. Silva, saltando em "Sonâmbulo"

A Prova Dr. Charles de Souza Dantas Forbes, com as características de Classe «B», em percurso normal, foi realizada no dia 6 de julho. «Marambaia», conduzida com perfeita técnica pelo cap. Félix de Barros Morgado, do Regimento, concluiu esta prova em 1.º lugar, dando handicap 3, ou seja 0,30 m. de diferença nos obstáculos, saltando-os de forma impecável.

A Prova Associação Comercial de Santos, prova de equipes, foi o ponto culminante da temporada para o Regimento de Cavalaria, pois, entre as dez fortes equipes concorrentes, conseguiu colocar-se em 1.º e 2.º lugares, sendo este o resultado final da mesma: —

Equipe vencedora: — R.C. — Cap. Felix B. Morgado, com «Marambaia», 1.º Ten. Silvio M. Rezende com «Amankay», e 2.º Ten. Wilson de Vasconcelos montando «Cabrilo».

2.º lugar: — Cap. Fernando H. da Silva com «Sonambulo», Cap. Felix Morgado montando «Farrapo» e 2.º Ten. Wilson de Vasconcelos sobre «Kid».

No dia 13, ainda em S. Vicente, realizou-se a Prova Jockey Club de S. Paulo, prova esta tipo energia, com 16 obstáculos a 1,50 m., chegando ao fim como se segue:—

1.º lugar — João Fernandes Filho com «Portenho»;

2.º lugar: — Davi Poll Fernandes com «Missouri»;

3.º lugar: — Pedro Lopes Corvelo com «Flyer»;

4.º lugar: — Ten. Silvio Marcondes com «Amamkay».

No cômputo geral da temporada, as várias sociedades hípcas concorrentes conquistaram respectivamente: —

1.ª — S.H.P. com 162 pontos;

2.ª — C.H.S.A. — 125 pontos;

3.ª — Fôrça Pública, com 82,5 pontos.

Essa classificação, sumamente honrosa pela disparidade numérica de nossos concorrentes em face dos das outras sociedades hípcas, foi conquistada individualmente como se segue:— Ten. Silvio Marcondes, 32,5

pontos; Cap. Felix de Barros, 30 pontos e Ten. Wilson de Vasconcelos 20 pontos.

PROVA DUQUE DE CAXIAS

Comemorando a data magna do Soldado Brasileiro — «25 de Agosto» — realizou o E.B., no Quartel do II Esq. Rec. Mec., à rua Manoel da Nóbrega, uma prova de classe «B», com acesso à «C», percurso normal sôbre 19 obstáculos, em homenagem ao seu patrono, o Duque de Caxias.

Como brilhante vencedor, entre 90 ardorosos concorrentes, o Cap. Fernando Henrique da Silva, do R.C., elevou mais uma vez o renome esportivo da Fôrça Pública, cobrindo aquêlê percurso em 2'36", com zero pontos perdidos por faltas.



ESTRATEGIA

— Meu general, o exército do sul pede reforços e o do norte também. Que faremos?

— Muito simples! Que aquêlê socorra êste e que êste socorra aquêlê.



REGULAMENTO

O torneio compreenderá os trabalhos publicados em dois números de "MILITIA".

Cada trabalho decifrado valerá um ponto.

São aceitas charadas antigas, novíssimas, casais, auxiliares, sincopadas.

São também aceitos problemas de palavras cruzadas, logogrifos em prosa e verso e enigmas figurados e pitorescos.

Os trabalhos enviados deverão ser organizados pelo "Pequeno Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa", de Hildebrando de Lima e Gustavo Barroso, "Breviário do Charadista" e "Dicionário de Sinónimos" de Silvio Alves.

Em cada torneio serão conferidos os seguintes prêmios: ao 1.º classificado, um dicionário dos adotados na secção; aos que decifrarem mais de 50% dos problemas, uma obra literária mediante sortelo.

O prazo para a remessa das soluções será de 60 dias, contados do último dia do bimestre a que se refere a revista.

Tôda colaboração referente a esta secção deverá ser dirigida à redação de "MILITIA" e endereçada a "Aesse".

ENIGMA

- 1 — Você pede uma palavra
Tendo, no meio, o que vi.
Está pronta. Põe na lista
A semente que está aí.

P. Q. Nino

CHARADA ANTIGA

- 2 — O magricela do Arnaldo - 2
Só me causa compaixão. - 1
Nunca vi outro ao meu lado
Tão magro, tão paspalhão.

P. Q. Nino

CHARADA AUXILIAR

- 3 — + no = planta gramínea
+ mo = direção
+ do = face

Conceito = Palmatória de aula.

Plínio D. Monteiro

CHARADAS NOVISSIMAS

- 4 — O cabeça tinha mais juízo que
o cômico ambu'ante. 2-2
5 — Olha, não vale nada a veia pe-
quena. 1-2
6 — O sol egípcio iluminou duas
vêzes o doutor da lei judaica.
1-1
7 — Com expressão de mofa, na-
quele lugar, escondeu o objeto
no sovaco do braço. 2-1

Plínio D. Monteiro

CHARADAS CASAIS

- 8 — Durante a farra houve baru-
lho. 2

C. Bento

9 — Num instante fiz o rascunho. 3

Z.B.D.U.

10 — Funcionário do correio não tem
gradação militar. 2

Plínio D. Monteiro

11 — A habilidade do mágico me deu
xou desnorteado. 2

P. Rego

12 — Para homem ativo, mulher
cuidadosa. 3

Rosa

CHARADAS SINCOPADAS

13 — No caminho estreito encontrei
o livro sagrado dos indus. 3-2

14 — No bairro dos judeus não há
espírito humano. 3-2

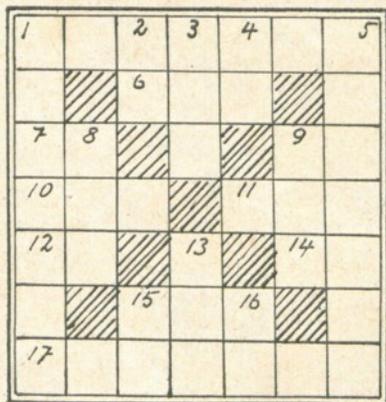
Plínio D. Monteiro

CHARADA APOCOPADA

15 — Na queimada do mato acha-
ram, admirados, uma moeda
indiana. 3-2

Plínio D. Monteiro

PALAVRAS CRUZADAS

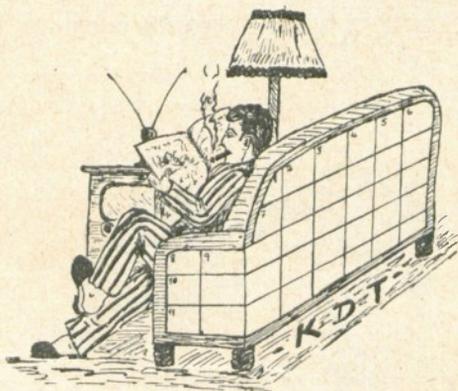


Horizontais: — 1 - desonra; 6
- ligação; 7 - nota musical; 9 -
conheci; 10 - senhor; 11 - tília; 12

- travessa; 14 - apelido; 15 - a fa-
mília; 17 - esperto.

Verticais: — 1 - ignomínia; 2
- confiança; 3 - fileira; 4 - grande
quantidade; 5 - elegante; 8 - go-
vernanta; 9 - lírio; 13 - semelhante;
15 - decifrei; 16 - o sol.

Rosa



Horizontais: — 1 - Predestina-
da. 7 - Cumprir. 8 - Habitante hi-
potético da lua. 10 - Proviram. 11 -
Relembra.

Verticais: — 1 - Pregam. 2 -
Chame a atenção. 3 - Prejudicam.
4 - Arrojo. 5 - Durar, existir. 6 -
Abelha silvestre da família dos apí-
deos. 8 - Viver. 9 - Letra.

SOLUÇÃO DO NÚMERO 28

1 - Camondongo. 2 - Perlavada.
3 - Pato. 4 - Servil. 5 - Canário.
6 - Fraqueiro - a. 7 - Risco - a.
8 - Trolha - o. 9 - Risca - o. 10 -
Acata - Ataca. 11 - Alar - Rala.
12 - Rapo - Opar. 13 - Capacho -
Cacho. 14 - Bandido - Bando. 15 -
Fiota - Fita.

PALAVRAS CRUZADAS

Horizontais: — 1 - Alcândora.
9 - Mair. 10 - Irar. 11 - Amea. 12 -

Mire. 13 - Ré. 14 - In. 15 - Alga.
17 - Rôdo. 19 - Coró. 20 - Oras.
21 - Ida. 23 - Ou. 24 - Xe.

Verticais: — 1 - Amáraco. 2 -
Lameloso. 3 - Cie. 4 - Aração. 5 -
Dimero. 6 - Ori. 7 - Raridade. 8 -
Arenosa. 16 - Graus. 18 - Orixá.

TORNEIOS DOS NÚMEROS 28 e 29

Solucionistas classificados com
as respostas do número 28:

Miguel Alves - Sergipe, 11 pon-
tos. P.Q.Nino, 11 pontos. P.Rego,
10 pontos. Z.B.D.U., 10 pontos.
Joca, 10 pontos. Alfeu, 9 pontos.
C.Bento, 8 pontos.

CORRESPONDENCIA

Miguel Alves - Sergipe. Rece-
bemos lista. Sua observação procede.
Aguardamos trabalhos. P.Q.Nino,
P. Rego, Z.B.D.U., Joca, Alfeu e
C.Bento. Recebemos listas.

NOSSA CAPA



DETALHE
DA
FACHADA
DO
HOSPITAL MILITAR